

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

**SINVAL ARAÚJO DE MEDEIROS JÚNIOR**

**ANÁLISE DE RELATIVAS RESTRITIVAS LOCATIVAS  
INTRODUZIDAS POR “ONDE QUE”, NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2017**

**SINVAL ARAÚJO DE MEDEIROS JÚNIOR**

**ANÁLISE DE RELATIVAS RESTRITIVAS LOCATIVAS  
INTRODUZIDAS POR “ONDE QUE”, NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise de Línguas Naturais

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Cristiane Namiuti-Temponi

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2017**

	Medeiros Júnior, Sinval Araújo de.
M488a	<p>Análise de relativas restritivas locativas introduzidas por “onde que”, no Português Brasileiro. / Sinval Araújo de Medeiros Júnior, 2017. 150f.</p> <p>Orientador(a): Dra. Cristiane Namiuti-Temponi.</p> <p>Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu, Mestrado em Linguística, Vitória da Conquista, 2017. Inclui referência F.129 – 136.</p> <p>1. Gramática gerativa. 2. Oração relativa locativa. 3. Periferia esquerda oracional. I. Namiuti-Temponi, Cristiane. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Pós-Graduação Strictu Sensu, Mestrado em Linguística T.III.</p> <p style="text-align: right;">CDD: 415</p>

*Catálogo na fonte: Cristiane Cardoso Sousa – CRB 5/1843*  
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

**Título em inglês:** An analysis of locative restrictive relative clauses introduced by “ONDE QUE”, in Brazilian Portuguese

**Palavras-chave em inglês:** Locative relative clauses. Clause left periphery. Complementation. Foricity. Features.

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Mestre em Linguística

**Banca examinadora:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristiane Namiuti Temponi (Presidente-Orientadora); Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira (UESB); Prof. Dr. Eduardo Kenedy Nunes Areas (UFF).

**Data da defesa:** 22 de fevereiro de 2017.

**Programa de Pós-Graduação:** Programa de Pós-Graduação em Linguística.

## FOLHA DE APROVAÇÃO

SINVAL ARAÚJO DE MEDEIROS JÚNIOR

ANÁLISE DE RELATIVAS RESTRITIVAS LOCATIVAS INTRODUZIDAS POR  
“ONDE QUE”, NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 22 de fevereiro de 2017.

**Banca Examinadora:**

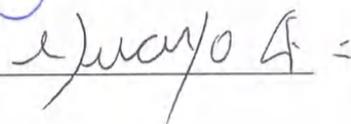
Profa. Dra. Cristiane Namiuti Temponi (Presidente)  
Instituição: UESB

Ass.: 

Profa. Dra. Adriana Stélla Cardoso Lessa de Oliveira  
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. Eduardo Kenedy Nunes Areas  
Instituição: UFF

Ass.: 

Dedico esta dissertação a todos aqueles que,  
por sua palavra de carinho e incentivo,  
por sua torcida por minha conquista,  
por seu abraço e aconchego de conforto,  
por seu altruísmo em abrir portas,  
deram a mim o estímulo e a motivação para que eu aqui chegasse.

Dedico, especialmente, às maravilhosas Orientadoras  
que tive em minha formação acadêmica desde a graduação.

Cada uma, a seu jeito, ensinou-me o que é pesquisar  
e o que é pesquisar sobre a língua:

Professora Carlota da Silveira Ferreira,  
Professora Suzana Alice Marcelino Cardoso,  
Professora Rosa Virgínia Mattos e Silva (*in memoriam*),  
Professora Telma Moreira Vianna Magalhães,  
Professora Ilza Maria de Oliveira Ribeiro (*in memoriam*),  
Professora Cristiane Namiuti Temponi.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que tornaram possível minha caminhada até esse ponto de minha formação acadêmica.

À minha família, pelo apoio de sempre.

Aos amigos, colegas e professores, por sua contribuição para o meu crescimento como pesquisador e como pessoa.

Aos colegas do Mestrado em Linguística (PPGLIN), da UESB, pela convivência sempre agradável e, em especial a Warley, a Lorenna e a Evangeline, pelas conversas linguísticas e trocas entre os olhares gerativista e funcionalista, e a “São” Luís Fernando Cardeal, pela disponibilidade para salvamento nas horas de desespero e aflição computacionais.

Aos colegas da área de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, pela boa vontade em colaborar para que a minha carga horária fosse reduzida ao mínimo (embora isso, por fatores supervenientes, raramente tenha sido alcançado), a fim de que eu pudesse cursar o Mestrado.

Aos amigos sintaticistas e sintaticistas amigos que fiz na UFBA, Verônica de Sousa, Fernanda Cerqueira e Victor Cavalcanti Mariano, pelas discussões gerativistas e generalistas, em estrutura profunda e em estrutura superficial, na mesa de estudos ou na mesa do bar, ao vivo ou ao telefone, no espaço físico ou no virtual...

A Franklin Moraes, por sua disponibilidade em possibilitar meu acesso a textos que não conseguiria encontrar nem aqui, em Vitória da Conquista, nem em ambientes virtuais.

Às Professoras Doutoras Telma Moreira Vianna Magalhães e Ilza Maria de Oliveira Ribeiro (*in memoriam*), por me fazerem ver que a Gramática Gerativa não era “uma coisa inventada por um doido e que não servia para nada”, e por me fazerem crer que, mesmo com minha iniciação tardia na área, eu teria condições de lidar com isso.

Aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da UESB, por sua contribuição à minha formação em um nível mais aprofundado de estudos.

À Professora Doutora Charlotte Marie Chambelland Galves, pelos questionamentos e indicações relacionados ao objeto desta dissertação, nas duas oportunidades que com ela tive de contato pessoal, na Unicamp.

Ao Professor Doutor Danniell da Silva Carvalho, pelas esclarecedoras discussões acerca das “miudezas” de que se compõe a língua e pelo incentivo contínuo no meu trilhar pelos caminhos da Sintaxe Gerativa.

Às Professoras Doutoras Adriana Lessa-de-Oliveira e Elisângela Gonçalves, pelos comentários e sugestões ao texto prévio desta dissertação, no processo de qualificação,

E, finalmente, meu MUITO OBRIGADO à minha Orientadora, a Professora Doutora Cristiane Namiuti-Temponi, por haver aceitado orientar-me, por ter-me mostrado uma disponibilidade única nesse processo de orientação, por haver embarcado em minhas “viagens” e apontado os caminhos a seguir nesta jornada, por me haver encorajado em meus momentos de insegurança... por ser o que, a meu ver, um Orientador deve ser.

"There are several reasons why language has been and will continue to be of particular significance for the study of human nature. One is that language appears to be a true species property, unique to the human species in its essential and common part of our shared biological endowment with little variation among humans, apart from rather serious pathology. Furthermore, language enters in a crucial way into thought, action, and social relations. Finally, language is relatively accessible to study"

(Noam Chomsky. *Language and problems of knowledge.*)

"Linguists are discovering that the differences among [...] languages are created by a small number of discrete factors [which] combine and interact with each other in interesting ways to create the wide variety of languages that we can observe around us."

(Mark C. Baker. *The atoms of language*)

"The Devil is in the details,  
but so is salvation."

(Hyman G. Rickover)

## RESUMO

Nesta dissertação, investigam-se os mecanismos por meio dos quais ocorre a derivação de sentenças relativas restritivas locativas, do Português Brasileiro (PB), do tipo “A casa **onde que eu morava...**”, cuja fronteira oracional está preenchida por dois elementos: **ONDE** e **QUE**. Analisa-se um conjunto de sentenças relativas restritivas locativas retiradas de textos escritos disponíveis na internet, representativos de gêneros textuais diversos, de distintos níveis de formalidade e oriundos de diferentes regiões geográficas do Brasil. Discute-se a inadequação da aplicação das análises existentes na literatura para a derivação de construções relativas do PB às sentenças relativas com o duplo preenchimento da periferia oracional. Com base na concepção de que a sintaxe é alimentada por traços (e não por itens lexicais) e de que tais traços são checados e valorados em operações que criam uma relação de acessibilidade entre objetos sintáticos, fornecem-se argumentos empíricos e teóricos que apontam para um procedimento de derivação em que cada um dos dois elementos presentes na periferia da sentença corresponde à realização de um conjunto específico de traços relacionados à complementação/finitude das sentenças relativas (o **QUE**) e à foricidade e à relação com o pivô da relativização (o **ONDE**). Discute-se, também, a aplicabilidade da proposta de análise apresentada a outras estruturas sintáticas: relativas com resumpção, relativas livres e apositivas, e interrogativas ligadas ao discurso.

## PALAVRAS-CHAVE

Orações relativas locativas. Periferia esquerda oracional. Complementação. Foricidade.

Traços.

## ABSTRACT

In this dissertation, it is investigated the machinery involved in the derivation of locative restrictive relative clauses, in Brazilian Portuguese (BP), as “A casa onde que eu morava...” (The house where C I used-to-live...), in which the clause periphery is filled with two items: **ONDE** (where) and **QUE** (C / that). Sentences like these were collected from written texts available online. These texts illustrate several genres, different levels of formality, and are originated from different geographic areas in Brazil. It is discussed the inadequacy of applying current analysis of BP relative structures to relative clauses whose left periphery are filled by two different items. It is assumed that syntax is fed by and operates with features (and not lexical items, as generally assumed), and also that feature checking and feature valuation are operations which creates an accessibility relation between syntactic objects. Based on these assumptions, both empirical and theoretical arguments are provided in order to postulate that each of these two items correspond to different set of features associated with the complementation/finiteness of relative clauses (**QUE**) and with the foricity involving the head of the relative (**ONDE**). It is also discussed the applicability of such an analysis to some related syntactic structures, as resumptive relatives, free and appositive relatives, and D-linked wh-questions.

## KEYWORDS

Locative relative clauses. Clause left periphery. Complementation. Foricity. Features.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> –A arquitetura da linguagem, segundo o Minimalismo.....	39
<b>Figura 02</b> –A arquitetura da linguagem, segundo a Morfologia Distribuída.....	40
<b>Figura 03</b> –A arquitetura da linguagem, segundo a Nanossintaxe.....	41
<b>Figura 04</b> – A relativização não-padrão, em PB, segundo Kato e Nunes (2009).....	89
<b>Figura 05</b> –A relativização, em PB, segundo Kenedy (2002).....	91
<b>Figura 06</b> –A relativa clivada, com um pronome relativo (Cardoso eAlexandre, 2013).....	98
<b>Figura 07</b> –A relativa clivada, com um complementizador (Cardoso eAlexandre, 2013)....	98
<b>Figura 08</b> –Uma sintaxe alimentada por traços.....	104
<b>Figura 09</b> –Os nós e os traços na relativização.....	108
<b>Figura 10</b> –Traços do núcleo C, das sentenças relativas.....	110
<b>Figura 11</b> – Os traços na relativa e o deslocamento de constituintes.....	111
<b>Figura 12</b> – Traços e resumpção.....	121
<b>Figura 13</b> – Representação arborea da <i>bare-phrase structure</i> .....	124

**LISTA DE GRÁFICOS**

<b>Gráfico 01</b> –Elementos nominais envolvidos na relativização, em percentual.....	83
<b>Gráfico 02</b> –Função sintática do elemento relativizado em valores percentuais.....	84
<b>Gráfico 03</b> – Percentual de ocorrência por gênero textual.....	85
<b>Gráfico 04</b> – Percentual de ocorrência das estruturas por região do Brasil.....	86

**LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 01</b> – Elementos relativos localizados nas gramáticas pesquisadas.....	44
<b>Quadro 02</b> – Tipo de relativos e relação de foricidade.....	45
<b>Quadro 03</b> – O domínio COMP nas orações relativas.....	52
<b>Quadro 04</b> – Propriedades distintivas entre pronomes relativos e conjunções.....	70
<b>Quadro 05</b> – Possíveis tipos de foco, segundo Guessser (2011).....	94
<b>Quadro 06</b> – Foricidade dos relativos e preenchimento da periferia.....	120

## LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

<b>ABREV.</b>	<b>EM PORTUGUÊS</b>	<b>EM INGLÊS</b>
C	Complementizador	Complementizer
C <sub>HL</sub>	Computação da Linguagem Humana	Computation of Human Language
CP	Sintagma Complementizador	Complementizer Phrase
CR	Construção Relativa	Relative Construction
DE	Descrição Estrutural	Structural Description
DP	Sintagma Determinante	Determiner Phrase
FinP	Sintagma de Finitude	Finiteness Phrase
FocusP	Sintagma de Foco	Focus Phrase
ForceP	Sintagma de Força	Force Phrase
GU	Gramática Universal	Universal Grammar
IP	Sintagma Flexional	Inflexion Phrase
LCA	Axioma de Correspondência Linear	Linear Correspondence Axiom
LD	Deslocamento à Esquerda	Left Dislocation
LF	Forma Lógica	Logical Form
MD	Morfologia Distribuída	Distributed Morphology
NP	Sintagma Nominal	Nominal Phrase
OR	Oração Relativa	Relative Clause
P	Preposição	Preposition
PB	Português Brasileiro	Brazilian Portuguese
PE	Português Europeu	European Portuguese
PF	Forma Fonológica	Phonological Form
PP	Sintagma Preposicional	Prepositional Phrase
SC	Mini Oração	Small Clause
Spec	Especificador	Specifier
SR	Sentença Relativa	Relative Sentence
TopP	Sintagma de Tópico	Topic Phrase
VP	Sintagma Verbal	Verb Phrase

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>1.1 Para começar o trabalho.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2 Os dados .....</b>	<b>19</b>
1.2.1 TEXTOS ESCRITOS COMO FONTE DE PESQUISA EM SINTAXE GERATIVA.....	20
<b>1.3 Objetivos.....</b>	<b>22</b>
<b>1.4 Hipótese .....</b>	<b>23</b>
<b>1.5 Justificativa .....</b>	<b>23</b>
<b>1.6 Estrutura da dissertação.....</b>	<b>24</b>
<b>1.7 Uma observação, à guisa de esclarecimento.....</b>	<b>25</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO .....</b>	<b>26</b>
<b>2.1 Panorama da seção .....</b>	<b>26</b>
<b>2.2 Os estudos formais da linguagem e o escopo gerativista.....</b>	<b>26</b>
<b>2.3 O Programa Minimalista .....</b>	<b>30</b>
<b>2.4 O sistema computacional e a derivação de sentenças.....</b>	<b>32</b>
<b>2.5 O léxico e o sistema computacional.....</b>	<b>35</b>
<b>2.6 Entre itens lexicais e traços.....</b>	<b>37</b>
<b>2.7 A arquitetura da linguagem.....</b>	<b>39</b>
<b>2.8 Considerações parciais.....</b>	<b>41</b>
<b>3 ORAÇÕES RELATIVAS .....</b>	<b>42</b>
<b>3.1 Panorama da seção .....</b>	<b>42</b>
<b>3.2 O que é uma sentença relativa.....</b>	<b>43</b>
3.2.1 A VISÃO NORMATIVA TRADICIONAL .....	43
3.2.2 O OLHAR GRAMATICAL DESCRITIVO .....	47
3.2.3 A PERSPECTIVA DA TEORIA LINGUÍSTICA .....	50
<b>3.3 Construções relativas e aspectos semântico-pragmáticos da sentença.....</b>	<b>54</b>
3.3.1 RESTRIÇÃO, COMENTÁRIO E MAXIMALIZAÇÃO .....	54
3.3.2 RELATIVIZAÇÃO E TÓPICO .....	58
<b>3.4 Possibilidades de derivação de orações relativas.....</b>	<b>62</b>
3.4.1 RELATIVIZAÇÃO POR CORRESPONDÊNCIA ( <i>MATCHING</i> ).....	63

3.4.2 RELATIVIZAÇÃO POR PIVÔ EXTERNO ( <i>HEAD EXTERNAL</i> ) .....	63
3.4.3 RELATIVIZAÇÃO POR ALÇAMENTO DO PIVÔ ( <i>HEAD RAISING</i> ) .....	64
<b>3.5 As orações relativas no Português Brasileiro.....</b>	<b>65</b>
3.5.1 O QUE COMPLEMENTIZADOR: A PROPOSTA DE TARALLO (1983, 1993).....	65
3.5.2 O QUE DETERMINANTE: A PROPOSTA DE KATO (1993) .....	68
3.5.3 OUTROS ASPECTOS DAS RELATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	69
<b>3.6 Considerações parciais .....</b>	<b>72</b>
<b>4 RELATIVAS LOCATIVAS .....</b>	<b>74</b>
<b>4.1 Panorama da seção .....</b>	<b>74</b>
<b>4.2 Relativas locativas no Português Brasileiro .....</b>	<b>75</b>
4.2.1 RELATIVIZAÇÃO E RESUMPCÃO .....	76
<b>4.3 Descrição das ocorrências .....</b>	<b>80</b>
<b>4.4 As relativas locativas introduzidas por ONDE QUE .....</b>	<b>87</b>
4.4.1 DE ADVÉRBIO LOCATIVO A PRONOME RELATIVO .....	87
4.4.2 DERIVAÇÃO DE RELATIVAS COM ONDE QUE – PRIMEIRAS TENTATIVAS. ....	89
<b>4.5 Relativização e clivagem .....</b>	<b>92</b>
4.5.1 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE CLIVAGEM .....	92
4.5.2 A PROPOSTA DE RELATIVAS CLIVADAS EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS .....	96
4.5.3 ONDE QUE, EM RELATIVAS DO PB, NÃO ENVOLVE CLIVAGEM.....	99
<b>4.6 Considerações parciais .....</b>	<b>101</b>
<b>5 DERIVAÇÃO A PARTIR DE TRAÇOS .....</b>	<b>103</b>
<b>5.1 Panorama da seção .....</b>	<b>103</b>
<b>5.2 Os traços e a derivação de sentenças .....</b>	<b>103</b>
<b>5.3 Os traços na relativização .....</b>	<b>107</b>
<b>5.4 Proposta de análise: complementação + foricidade .....</b>	<b>111</b>
5.4.2 A QUESTÃO DA FORICIDADE.....	115
5.4.3 JUNTANDO COMPLEMENTAÇÃO E FORICIDADE .....	116
<b>5.6 Considerações parciais .....</b>	<b>124</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>126</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>129</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>137</b>

<b>ANEXO A – Relação das ocorrências com relativas restritivas locativas em que o elemento relativizado tem a função de complemento de verbo locativo.....</b>	<b>137</b>
<b>ANEXO B – Relação das ocorrências com relativas restritivas locativas em que o elemento relativizado tem a função de adjunto adverbial de lugar .....</b>	<b>141</b>
<b>ANEXO C – Relação das ocorrências com relativas locativas apositivas .....</b>	<b>147</b>
<b>ANEXO D – Relação das ocorrências com relativas locativas em outros países de Língua Portuguesa.....</b>	<b>149</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Para começar o trabalho

As construções relativas têm sido estudadas na literatura por serem sentenças cuja derivação fornece pistas acerca de diversos fenômenos linguísticos. Deslocamento de constituintes<sup>1</sup>, relação entre operador e variável, preenchimento da periferia da sentença, introdução de elementos diretamente na fronteira sentencial, aspectos da estrutura informacional codificados na periferia oracional, presença de elementos resumptivos são alguns desses aspectos.

Estudos linguísticos das mais diversas orientações teóricas<sup>2</sup> têm apontado – ainda que com variações – as diferenças entre os usos do Português Brasileiro (doravante, PB) e o que se idealiza como padrão normativo, no que concerne às orações relativas, dentre as quais as relativas restritivas locativas, objeto desta dissertação, das quais se tratará dentro do quadro teórico da Gramática Gerativa.

Ao lado das construções de (01) a (03), ilustrativas de estruturas realizadas conforme a norma padrão:

- (01) A casa em que eu morava...
- (02) A casa na qual eu morava...
- (03) A casa onde eu morava<sup>3</sup>...

ocorrem também construções como as exemplificadas de (04) a (06), nas quais a relativização não observa a estrutura apontada como padrão:

- (04) A casa que eu morava...
- (05) A casa que eu morava nela...
- (06) A casa onde que eu morava... (Disponível em: <http://www.galinhapulando.com/visualizar.php?id=3535543>). Acesso em: 24 jan. 2015)<sup>4</sup>

<sup>1</sup> No caso das orações relativas, o deslocamento ocorre com os elementos identificados como pronomes relativos. Tais pronomes integram, na teoria linguística, o conjunto dos chamados elementos QU- (*Wh-words*, em inglês), do qual também fazem parte os pronomes interrogativos.

<sup>2</sup> É o caso, por exemplo, dos seguintes trabalhos, citados em ordem cronológica: Tarallo (1983), Zuiani (1988), Tarallo (1993), Kato (1993), Corrêa (1998), Kenedy (2002, 2007), Silva (2007), Silva e Lopes (2007), Lessa-de-Oliveira (2008), Kato e Nunes (2009), Abreu (2013), Bispo (2014).

<sup>3</sup> Cunha e Cintra (2007, p. 351) observam que, por expressar valor locativo (adjunto adverbial de lugar) “*onde*” costuma ser considerado por alguns gramáticos *advérbio relativo*”.

Tais sentenças apresentam particularidades em sua estrutura:

- (A) As sentenças relativas em (01) e (02), denominadas relativas *pied-piping*, apresentam uma preposição foneticamente realizada introduzindo o elemento QU-, na periferia da sentença.
- (B) A sentença relativa em (04), denominada relativa cortadora, envolve o apagamento de uma preposição (P) introdutora do sintagma determinante (DP) no qual se encontra o elemento QU-, em contextos nos quais, segundo a gramática tradicional, o termo regente exige a preposição. Ressalta-se que, em princípio, nas sentenças relativas em (03) e em (06), a forma “onde” parece já expressar uma informação de teor locativo, o que pode justificar o fato de a preposição que marcaria o valor locativo não ser realizada com esse relativo. Desse modo, (03) e (06) não parecem corresponder, necessariamente, à relativa cortadora.
- (C) A sentença relativa em (05), denominada relativa copiadora / resumptiva<sup>5</sup>, apresenta um elemento foneticamente realizado no domínio mínimo da sentença (o IP), correferencial ao elemento QU-.
- (D) A sentença relativa, em (06), é uma estrutura com a fronteira entre orações preenchida por dois constituintes, **ONDE** e **QUE**, em uma estrutura aparentemente similar às interrogativas clivadas (*onde que você mora?*), nas quais o **QUE** funciona como núcleo do sintagma complementizador (CP).

As particularidades elencadas em (A), em (B) e em (C) já vêm sendo amplamente discutidas na literatura acerca do tema<sup>6</sup> e serão retomadas nas seções 3 e 4 deste trabalho. O foco desta dissertação, no entanto, é o aspecto apontado em (D): o duplo preenchimento da fronteira de relativas, especificamente das relativas restritivas locativas, tema acerca do qual só se teve acesso, na literatura referente à língua portuguesa, aos trabalhos de Vercauteren

---

<sup>4</sup> As sentenças apresentadas na dissertação provêm de três origens: sentenças retiradas do conjunto de dados analisados; sentenças transcritas de outros trabalhos de autores variados; sentenças construídas única e exclusivamente para a ilustração de fenômenos. Nas duas primeiras situações, indicar-se-á a fonte.

<sup>5</sup> A nomenclatura “*pied-piping*”, “cortadora” e “copiadora/resumptiva”, que aparece nos itens (A) e (B) e (C), será discutida na Seção 3 desta dissertação.

<sup>6</sup> É o caso dos trabalhos de Tarallo (1983, 1993), Kato (1993), Kenedy (2002, 2007), Kato e Nunes (2009), entre outros.

(2010), de Gonçalves (2013), e de Cardoso e Alexandre (2013)<sup>7</sup>. As propostas de análise apresentadas nesses trabalhos não parecem aplicar-se satisfatoriamente ao PB, conforme se aponta na seção 4 desta dissertação, e constitui o problema desta pesquisa: **que operações estão envolvidas na derivação de estruturas relativas introduzidas por ONDE QUE?**

Debruçar-se sobre o duplo preenchimento da periferia da oração relativa restritiva locativa requer investigar tanto a natureza de cada um dos elementos que estão ocupando essa posição quanto o processo de derivação que leva à presença de ambos na estrutura da sentença.

## 1.2 Os dados

Os dados desta dissertação foram coletados de sentenças encontradas em textos veiculados em sítios eletrônicos. Trata-se de produções escritas de gêneros variados, representativos tanto de níveis mais formais de comunicação (como monografia, dissertação, ata, artigo científico), quanto de níveis bastante informais (como postagens em redes sociais e fóruns).

Ademais, excluindo-se o dado de que, majoritariamente, os textos são escritos do século XXI, não há uma uniformidade geográfica, social, etária ou de autoria dos textos. O procedimento de seleção das sentenças consistiu em uma pesquisa, por meio do site de buscas Google, de estruturas iniciadas por **ONDE QUE** precedidas de um nome com referencial locativo: *avenida, bairro, bar, casa, cidade, colégio, delegacia, escola, hospital, igreja, loja, mercado, praça, rua*. Não se fizeram, intencionalmente, buscas com nomes próprios, pois se avaliou como bastante pequena a possibilidade de serem restritivas as orações relativas que com eles aparecem.

O resultado dessa busca foi um total de 127 (cento e vinte e sete) construções com orações relativas introduzidas por **ONDE QUE**, nas quais o elemento relativizado tem função locativa. As sentenças foram veiculadas em textos publicados no Brasil e, também, em outros países de língua portuguesa. O recorte da pesquisa está voltado para o PB e somente os 119 (cento e dezenove) dados do Brasil foram analisados<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Vercauteren (2010) e Cardoso e Alexandre (2013) analisam dados do Português Europeu (doravante PE). Gonçalves (2013) analisa dados do Português de São Tomé.

<sup>8</sup> Os 08 (oito) dados encontrados em sítios eletrônicos de Angola, Macau, Moçambique e Portugal não foram incluídos na análise. No entanto, como reforço à ideia de que o fenômeno sob estudo não consiste em algo isolado, estão incluídos no anexo desta dissertação.

### 1.2.1 TEXTOS ESCRITOS COMO FONTE DE PESQUISA EM SINTAXE GERATIVA

A seleção de dados de textos escritos contemporâneos pode causar estranhamento, visto que uma das premissas da Teoria Gerativa, arcabouço teórico que fundamenta a pesquisa nesta dissertação apresentada, é a existência do falante ideal, com base no qual se alicerça um dos procedimentos metodológicos adotados pelo Gerativismo: a submissão de sentenças ao juízo de gramaticalidade dos falantes, a fim de verificar quais delas são (in)aceitáveis (a)gramaticais. No entanto, o trabalho em sintaxe, na abordagem gerativista, com dados de textos escritos contemporâneos, encontra fundamento em dois aspectos.

O primeiro está relacionado às pesquisas gerativistas em sintaxe diacrônica. Nesse tipo de trabalho, só se tem acesso aos textos escritos, o que, obviamente, representa um problema para a questão do juízo de gramaticalidade dos falantes. Como afirma Sousa (2004, p. 13), “O texto escrito, material de trabalho único e inescapável do linguista que se ocupa da história, será *sempre* um universo limitado e falho quando comparado à língua viva falada”.

No entanto, essa falha é atenuável (ainda que não necessariamente, sanável) se se leva em consideração o que defende Kroch (1989):

The difficulty will be mitigated if two reasonable assumptions are made [...]: 1) The past is like the present and general principles derived from the study of living languages in the present will hold of archaic ones as well. 2) For reasonably simple sentences, if a certain type does not occur in a substantial corpus, then it is not grammatically possible in the language of that corpus. Here the assumption is, of course, problematic since non-occurrence in a corpus may always be due to non-grammatical, contextual factors or even to chance. (KROCH, 1989, p. 199).<sup>9</sup>

A ideia de Kroch (1989), portanto, é que, se os textos escritos não podem fornecer os dados linguísticos negativos, a fim de ser possível verificar que sentenças são agramaticais na língua, certamente fornecem dados que permitem caracterizar sentenças possíveis na língua em uma determinada sincronia.

---

<sup>9</sup> A dificuldade será mitigada se duas suposições razoáveis forem feitas [...]: 1) O passado é como o presente e princípios gerais deduzidos do estudo de línguas vivas no presente se aplicarão às arcaicas também. 2) Para sentenças razoavelmente simples, se um certo tipo não ocorre em um *corpus* substancial, então não é gramaticalmente possível na língua desse *corpus*. Aqui, a suposição, obviamente, é problemática, uma vez que a não ocorrência em um *corpus* pode sempre dever-se a fatores contextuais, não gramaticais ou até ao acaso. (Tradução nossa).

Nesta dissertação, postula-se a possibilidade de estudo gerativista da sintaxe da língua em uso, a partir do texto escrito. Nesse sentido, a análise de Kato (2005) para a gramática do falante letrado também é um elemento pertinente que reitera a validade da pesquisa com esse tipo de texto. Segundo a autora, tanto fala quanto escrita são subprodutos da Gramática Universal (GU)<sup>10</sup>, ainda que, na situação de escrita, as regras não sejam necessariamente paramétricas, mas estilísticas, uma vez que a aprendizagem da escrita implica um acesso indireto à GU, por meio da língua falada adquirida como primeira língua.

O segundo aspecto que fundamenta a validade da seleção de dados a partir de textos escritos parte da ideia de que a sintaxe da língua escrita também resulte da GU e, assim, adota-se a concepção de que o trabalho com gêneros variados pode resultar na análise da língua em uso no que se refere às características gramaticais em textos de gêneros diversos (BIBER; CONRAD; REPPEN, 1998).

Parte-se do princípio de que a escrita na internet não sofre, necessariamente, a pressão normatizante exercida sobre textos escritos em outros ambientes e, assim, pode permitir que dados encontrados na fala e que indiquem mudança linguística sejam mais comumente registrados nesse tipo de escrita, principalmente se se leva em consideração a premissa de que o grau de estabilidade e de mutabilidade dos fenômenos de variação linguística pode situar-se num *continuum* no qual, em um extremo, tanto fala quanto escrita permanecem estáveis e, no outro, ocorrem mudanças que alcançam a fala e a escrita (MOLLICA, 2006).

Na perspectiva diacrônica, é possível captar, nos textos escritos, uma mudança que “would have occurred unobserved in the vernacular, and only its competition with conservative educated usage would be accessible to study in the [written] texts”. (KROCH, 2001, p. 723)<sup>11</sup>. Contemporaneamente, por conta da possibilidade de escrita bastante informal em ambientes virtuais e de sua publicação quase instantânea, acredita-se que tais textos escritos possibilitem o registro de mudanças já ocorridas no vernáculo em um passado recente e de estruturas que estejam em competição.

As ocorrências de orações relativas introduzidas por **ONDE QUE** foram encontradas tanto em textos escritos formais quanto informais. Isso sinaliza que a estrutura está disseminada por contextos linguísticos diversos e corrobora a conclusão apresentada por Kroch (1989) — ao lidar com os resultados da submissão dos dados à análise estatística — de

<sup>10</sup> O conceito de Gramática Universal será discutido na seção 2.

<sup>11</sup> Teria ocorrido despercebidamente no vernáculo, e apenas a competição com o uso escolarizado conservador seria acessível ao estudo nos textos [escritos]. (Tradução nossa).

que a introdução de novas formas na estrutura da língua ocorre simultaneamente quer em contextos favoráveis quer em contextos desfavoráveis à aquisição dessas formas. Para Kroch (1989), a divergência que houver está relacionada, na verdade, à frequência inicial de ocorrências em um e outro contexto — o que é um reflexo de aspectos funcionais, pragmáticos e discursivos, o qual recai nas escolhas dos falantes entre as estruturas disponíveis na língua que conhecem.

Ressalta-se que a proposta de Kroch (1989) alicerça-se em um aspecto que, nesta dissertação, não é contemplado: o levantamento de dados a partir de um *corpus* com um volume muito grande de palavras, o que forneceria um recorte significativo da língua. Como explicitado no início desta subseção, os dados não foram extraídos de um *corpus* com essas características.

Todavia, o fato de se tratar de textos escritos contemporâneos torna possível submeterem-se os dados coletados aos falantes contemporâneos do idioma, a fim de avaliar o grau de gramaticalidade das sentenças analisadas — o que ocorreu<sup>12</sup>. Isso resolve, acredita-se, um problema metodológico por vezes apontado nos trabalhos em sintaxe diacrônica de base gerativista e, conseqüentemente, fortalece a proposta de trabalhar com esse arcabouço teórico-metodológico com dados da escrita atual.

### 1.3 Objetivos

O objetivo desta dissertação é apresentar uma proposta de derivação de orações relativas restritivas locativas introduzidas por **ONDE QUE**, no PB, com fundamentação nos pressupostos teóricos da Teoria Gerativa, de modo que seja explicada a presença dos dois constituintes na periferia desse tipo de sentença. Para alcançar esse objetivo geral, percorre-se uma trajetória em que os seguintes objetivos específicos precisam ser atingidos:

- Caracterizar as orações relativas, em geral, e as relativas restritivas locativas, em particular.
- Descrever estruturalmente as orações relativas restritivas locativas introduzidas por **ONDE QUE**.

---

<sup>12</sup>A utilização dos juízos de gramaticalidade é um ponto controverso nos estudos linguísticos. Como não é o foco da dissertação, esse ponto não será discutido aqui. Uma análise aprofundada acerca dos procedimentos e implicações relacionadas a testes de gramaticalidade/aceitabilidade e à intuição do falante ideal pode ser encontrada em Schütze (2016).

- Explicar os procedimentos de derivação desse tipo de oração, incluindo as motivações para a presença de ambos os elementos — **ONDE** e **QUE** — na periferia da sentença.
- Confrontar os procedimentos de derivação propostos para esse tipo de sentença com os procedimentos sugeridos para estruturas consideradas afins: interrogativas e clivadas.
- Avaliar a possibilidade de unificação dos procedimentos de derivação das orações relativas que abarque as relativas restritivas locativas introduzidas por **ONDE QUE** e as demais relativas.
- Levantar as implicações e adequações dessa unificação ao que a literatura apresenta, por um lado, acerca da GU e, por outro, acerca da estrutura tanto das línguas naturais particulares quanto do português brasileiro, especificamente.

#### 1.4 Hipótese

A hipótese que se defende nesta dissertação é que os dois elementos presentes na periferia da oração relativa — **ONDE** e **QUE** — são decorrentes da necessidade de satisfação de um conjunto de traços (selecionados do léxico mental e presentes na computação da sentença desde o início de sua derivação) relacionados à complementação sentencial, satisfeitos na interface morfofonológica pelo item lexical **QUE**, e à retomada anafórica para a estrutura da oração relativa, satisfeitos na interface morfofonológica pelo item lexical **ONDE**.

#### 1.5 Justificativa

A justificativa do trabalho assenta-se no fato de que as propostas de derivação de sentenças relativas do PB não parecem adequadas para a análise de estruturas de relativização com o duplo preenchimento da periferia oracional.

Acredita-se que a análise que nesta dissertação se desenvolve traz contribuições para as pesquisas acerca da estrutura gramatical do PB e, obviamente, para a compreensão dos valores parametrizáveis pela Gramática Universal (GU). A hipótese defendida parte de uma das propostas basilares da abordagem gerativa contemporânea: a de que, na derivação de uma sentença, seja satisfeita a *condição de inclusividade*, segundo a qual

any structure formed by the computation [...] is constituted of elements already present in the lexical items selected for N [Numeration]; no new objects are added in the course of computation apart from rearrangements of lexical properties. (CHOMSKY, 1995, p. 228).<sup>1314</sup>

Restando confirmada a hipótese e alcançados os objetivos, o resultado da análise aqui feita pode vir a sanar uma lacuna nos estudos linguísticos e, assim, certamente poderá contribuir para a compreensão de outros fenômenos relacionados à derivação das sentenças, em geral, e à estrutura de sua periferia, em específico.

## 1.6 Estrutura da dissertação

Orientando-se pelos objetivos propostos e pela hipótese defendida, o texto desta dissertação está organizado em quatro seções, cuja estruturação, após esta introdução, é a seguinte:

Na segunda seção, apresenta-se o referencial teórico-metodológico que fundamenta a análise aqui proposta. Inicialmente, situa-se o trabalho no campo dos estudos formais da linguagem e introduzem-se conceitos básicos da Teoria Gerativa, com enfoque nas especificidades do Programa Minimalista. Discute-se, como, nessa versão da teoria, é estruturado o léxico. Apresenta-se, também, como duas outras abordagens de base gerativista — a Morfologia Distribuída e a Nanossintaxe — concebem o léxico, e explicitam-se as implicações da adoção de cada uma dessas três perspectivas para a arquitetura da gramática.

A terceira seção traz uma visão geral sobre as orações relativas. Parte-se da definição deste tipo de oração, tanto na perspectiva da gramática tradicional normativa quanto na abordagem realizada pelas teorias linguísticas, e da relação existente entre as construções relativas e a estrutura informacional da sentença. Apresentam-se possibilidades gerais de derivação de sentenças relativas para as línguas e as análises que se fazem para as relativas no PB.

Na quarta seção, faz-se um recorte para as relativas locativas no PB, caracterizam-se essas estruturas e descrevem-se as ocorrências levantadas a partir dos textos do *corpus*. Apontam-se alguns problemas que resultam na inadequação em aplicar, para as relativas locativas introduzidas por **ONDE QUE**, as análises já feitas para as demais relativas no PB.

<sup>13</sup> Qualquer estrutura formada pela computação é constituída de elementos já presentes nos itens lexicais selecionados para N [Numeração]; nenhum objeto novo é acrescentado no curso da computação, a não ser o rearranjo de propriedades lexicais. (Tradução nossa).

<sup>14</sup> O conceito de Numeração será esclarecido na seção 2.2 “O Programa Minimalista”.

Além disso, questiona-se a proposta de que tais relativas representem uma estrutura de clivagem.

Na quinta seção, apresenta-se a proposta defendida de que a presença de **ONDE** e **QUE**, na periferia da sentença, decorre da necessidade de satisfação de traços específicos já presentes desde o início da computação da sentença, os quais implicam o duplo preenchimento da fronteira oracional. Discute-se como esses traços são introduzidos na derivação, como são checados/valorados e como se estabelece sua relação com a manifestação de aspectos relacionados à complementação e à foricidade.

Para fechar a dissertação, apresentam-se as considerações finais, em que se avaliam as implicações da proposta feita para a derivação de sentenças relativas restritivas e, também, para outros tipos de estruturas sintáticas.

### **1.7 Uma observação, à guisa de esclarecimento**

Além da discussão científica, acadêmica, característica do gênero Dissertação de Mestrado, um dos aspectos que se busca, na construção deste texto, é que ele também possa ser acessível a leitores que não têm formação específica na abordagem proposta pelo Gerativismo. Espera-se que esse objetivo tenha sido alcançado.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO**

### **2.1 Panorama da seção**

Esta seção visa a explicitar o arcabouço teórico-metodológico que orienta a pesquisa realizada e a identificar o lugar teórico do qual se analisa o objeto de estudo.

Inicialmente, na subseção 2.2, “Os estudos formais da linguagem e o escopo gerativista”, fazem-se algumas considerações acerca das abordagens formal e funcional dos estudos linguísticos, situa-se o estudo realizado nesta dissertação entre tais abordagens e apresenta-se o escopo que a Teoria Gerativa estabelece para os trabalhos na área.

A subseção 2.3, “O Programa Minimalista”, traz um conjunto de pressupostos e conceitos que fornecem as bases para o trabalho em sintaxe, sob a perspectiva da Teoria Gerativa, em seu modelo mais atual.

A estrutura do léxico mental, a partir do qual começam as operações de derivação de uma sentença, é abordada nas duas subseções seguintes. Em 2.4, “O léxico e o sistema computacional”, discute-se o papel do léxico na produção de sentenças da língua, segundo o modelo proposto no Minimalismo. Na subseção 2.5, “Entre itens lexicais e traços”, apresentam-se alternativas ao modelo chomskyano: a Morfologia Distribuída e a Nanossintaxe.

Em 2.6, “A arquitetura da linguagem”, apresentam-se modelos de estruturação da arquitetura da linguagem conforme cada um dos modelos de organização do léxico analisados.

Segue-se a essas subseções um conjunto de considerações parciais que relacionam o referencial teórico-metodológico à definição e caracterização do objeto da dissertação, que se discute a partir da seção 3.

### **2.2 Os estudos formais da linguagem e o escopo gerativista**

A discussão acerca de aspectos formais e funcionais, nos estudos da linguagem, tem origens remotas e ainda é corrente a discussão. A partir do momento em que a Linguística se estabelece como ciência autônoma, com o trabalho de Saussure, na segunda metade do século XX, o embate entre as abordagens que se dedicam ao estudo do sistema linguístico e do comportamento linguístico vem desenvolvendo-se em diversas vertentes e delimitando

(o)posições teóricas variadas: *língua e fala*, para Saussure; *sistema, norma e fala*, para Coseriu; *competência e desempenho*, para Chomsky — dentre outras (LYONS, 1987). Em todas as abordagens, destaca-se a existência de uma entidade linguística abstrata que se opõe a uma entidade linguística concreta, cada uma destas privilegiada por determinada perspectiva.

Both formal and functional approaches are concerned with linguistic form, e.g. how a word is pronounced, what it means, or where it occurs in the sentence. Formal linguistics is primarily interested in the linguistic form itself, i.e. in the internal structures of language. Functional linguistics is primarily interested in the content and the communicative function that a linguistic expression has in the world outside language, i.e. in the connection between language and external factors. (BJERRE et al, 2008, p. 134).<sup>15</sup>

Há que se destacar, no entanto, que as fronteiras entre forma e função não são assim tão nítidas. Ao discutir a temática da relação entre forma e função, nos estudos da linguagem, Dillinger (1991, p. 399) afirma que a noção de função, nas línguas, pode designar relações entre formas (a função interna), entre forma e significado (a função semântica) e entre forma e contexto (a função externa). Destaca Dillinger (1991) que, das próprias relações sugeridas, não há como se tratar da função independente da forma e que, nem entre os estudos gerativistas (os quais podem ser considerados como abordagem essencialmente formalista), se descarta o papel da função externa, pois “[o próprio Noam Chomsky, o principal nome dos estudos gerativistas] prevê módulos da teoria da linguagem dedicados ao significado e ao uso contextualizado dos conhecimentos de determinada língua” (DILLINGER, 1991, p. 397). É nessa perspectiva que se desenvolve, por exemplo, o trabalho com a estrutura informacional da sentença.

Embora a abordagem gerativista aos estudos da linguagem se filie à corrente formalista, formalismo e gerativismo, como chama a atenção Oliveira (2007), não são termos sinônimos, uma vez que há formalistas que não partilham, no todo, o mesmo ponto de vista dos gerativistas em relação ao fenômeno da linguagem. Além disso, mesmo as abordagens funcionalistas acabam por lidar com a forma. Tal associação e confusão se devem à polissemia do termo *formal*, que abarca, ao menos, três perspectivas:

---

<sup>15</sup> Tanto a abordagem formal quanto a funcional ocupam-se da forma linguística, por exemplo: como uma palavra é pronunciada, o que ela significa, ou onde ela ocorre na sentença. A linguística formal está interessada principalmente na forma em si mesma, isto é, nas estruturas internas da língua. A linguística funcional está interessada principalmente no conteúdo e na função comunicativa que a expressão linguística tem no mundo externo à língua, isto é, na conexão entre língua e fatores externos. (Tradução nossa).

O metatermo *formal* e seus correlatos ensejam, na linguística contemporânea, várias linhagens de pensamento. [...] Parece-nos possível discernir, no discurso da linguística científica, três grandes linhas e práticas, que podem ou não interagir, cuja delimitação pode se dar pelo lugar que a noção de formal ocupa em cada uma delas: formal equivalente a científico, formal sinônimo de autônomo e formal remetendo a cálculo. (OLIVEIRA, 2007, p. 219).

Ressalta Oliveira (2007) que, na primeira perspectiva, toda teoria linguística (inclusive as perspectivas funcionalistas) são formais, no sentido de que seus procedimentos precisam ser formalizáveis para que a teoria possa ser reconhecida como científica. Na segunda perspectiva, são formais as teorias que admitem a autonomia do núcleo formal da língua em relação a sua função. Aponta Oliveira (2008) que, também nessa acepção, funcionalistas podem ser formalistas, ainda que diverjam destes em relação à precedência da forma sobre a função – como o querem os gerativistas. Na terceira perspectiva, a linguagem é vista como um cálculo. Desse modo,

Gerativistas são formalistas porque utilizam uma metalinguagem técnica quase lógica (formal na primeira acepção), porque privilegiam a forma gramatical como autônoma (formal na segunda acepção) e porque admitem que as línguas naturais são um cálculo (formal na terceira acepção). (OLIVEIRA, 2007, p. 229).

Fundamentando-se em uma perspectiva *radicalmente* formal, o núcleo da abordagem gerativista, segundo Borges Neto (2007, p. 96-97) alicerça-se em uma relação específica entre linguagem e mente/cérebro: estados da mente/cérebro determinam (ao menos em parte) os comportamentos linguísticos específicos e a natureza desses estados são captáveis por sistemas computacionais. Com isso “a tarefa fundamental do linguista é a criação de sistemas computacionais que servem de modelo para o conhecimento linguístico dos falantes/ouvintes de uma língua” (BORGES NETO, 2007, p. 97), uma vez que

o que a GG [Gramática Gerativa] pretende é a construção de um mecanismo computacional capaz de formar e transformar representações, que “simule” o conhecimento linguístico de um falante de uma língua natural, “registrado” em sua mente/cérebro. (BORGES NETO, 2007, p. 97).

Borges Neto (2007, p. 100) aponta que, desde os primeiros trabalhos de Chomsky, já se pode delinear um objeto psicológico para os estudos linguísticos. É o que se pode

verificar, por exemplo, na seguinte passagem da resenha ao livro de Skinner, “Verbal Behavior”<sup>16</sup>:

As long as we are speculating, we may consider the possibility that the brain has evolved to the point where, given an input of observed Chinese sentences, it produces (by an induction of apparently fantastic complexity and suddenness) the rules of Chinese grammar, and given an input of observed English sentences, it produces (by, perhaps, exactly the same process of induction) the rules of English grammar; or that given an observed application of a term to certain instances, it automatically predicts the extension to a class of complexly related instances. If clearly recognized as such, this speculation is neither unreasonable nor fantastic; nor, for that matter, is it beyond the bounds of possible study. (CHOMSKY, 2008[1959], p. 17)<sup>17</sup>

Nesse ponto, é importante destacar que o que Chomsky propõe, na verdade, é um programa de investigação científica do fenômeno da linguagem, sob uma perspectiva bastante específica.

O núcleo do programa de pesquisa continua basicamente o mesmo desde o estabelecimento da Teoria Gerativa (a partir da segunda metade do século XX), ainda que alguns conceitos se delineassem apenas de forma latente, a exemplo da “questão do inatismo como hipótese de trabalho, com a consequente psicologização forte da gramática” (BORGES NETO, 2007, p. 111). Entretanto, a busca pelo aprimoramento da adequação descritiva e da adequação explanatória tem feito, ao longo dos anos, com que haja um refinamento no aparato teórico utilizado.

Esse refinamento levou a que se passasse dos modelos gerativo e gerativo-transformacional ao modelo de princípios e parâmetros, desenvolvido a partir do final da década de setenta do século XX, cuja última versão encontra-se no Programa Minimalista (a partir dos anos 1990, com uma tendência cada vez mais biologizante do fenômeno da língua) e nos desdobramentos deste.

---

<sup>16</sup> O texto original foi publicado no volume 35, número 1, da revista *Language*, em 1959. A versão do texto a que se teve acesso foi publicada em 2008, na obra organizada por Anthony Arnone, a qual está citada nas referências bibliográficas desta dissertação.

<sup>17</sup> Já que estamos especulando, podemos considerar a possibilidade de que o cérebro tenha evoluído ao ponto em que, dado um *input* de sentenças chinesas observadas, ele produza (por meio de uma indução aparentemente de modo repentino e de uma complexidade fantásticos) as regras da gramática chinesa, e dado um *input* de sentenças inglesas observadas, ele produza (talvez, por meio dos mesmos processos de indução) as regras da gramática inglesa; ou que dada uma aplicação observada de um termo a certos exemplos, ele automaticamente prediga o alcance a uma classe de exemplos complexamente relacionados. Se reconhecido claramente assim, essa especulação não é nem irracional/insensata nem fantástica; nem está além dos limites de um estudo possível. (Tradução nossa).

Do ponto de vista teórico-metodológico, é no campo formal dos estudos da linguagem que se situa esta dissertação. Ainda que, na análise dos dados, abarquem-se noções relacionadas a aspectos pragmático-discursivos, como as noções de tópico, foco e foricidade, isso será feito de uma perspectiva formal. Os conceitos básicos da teoria que balizam a argumentação e análise aqui propostas começam a ser delineados na seção 2.3, “O Programa Minimalista”.

### 2.3 O Programa Minimalista

A análise que se realiza nesta pesquisa tem, como ponto de partida, pressupostos teórico-metodológicos da Teoria Gerativa conforme delineados por Chomsky (1993; 1995). Embora sejam feitas, nesta dissertação, algumas ressalvas a um ou outro desses pressupostos, a maioria das principais noções básicas é mantida e explicada. Apesar de a linha mestra ser o modelo minimalista, algumas das ideias bases em que ele se sustenta remontam ao modelo de Regência e Ligação, que o precedeu. Ademais, serão feitas referências a desdobramentos do Minimalismo.

O eixo básico do Programa Minimalista preserva várias das noções sobre as quais tem sido (re)construído o gerativismo. É o que ocorre, por exemplo, com a concepção de que

The human brain provides an array of capacities that enter into the use and understanding of language (the *language faculty*); these seem to be in good part specialized for that function and a common human endowment over a very wide range of circumstances and conditions. (CHOMSKY, 1995, p.167).<sup>1819</sup>

A faculdade da linguagem é a responsável por um componente que produz um complexo de propriedades sintáticas, semânticas e fonéticas: cada complexo constitui uma **descrição estrutural (DE)** — e cada DE é uma expressão de uma dada língua. A descrição e explicação das propriedades do conjunto de DEs de uma língua constitui sua **gramática**, isto,

---

<sup>18</sup> O cérebro humano fornece um conjunto de capacidades envolvidas no uso e compreensão da linguagem (a faculdade da linguagem); essas capacidades parecem ser, em boa parte, especializadas para tal função e uma habilidade comum aos seres humanos, a qual atua sobre uma ampla variedade de circunstâncias e condições. (Tradução nossa).

<sup>19</sup> Essa afirmação consta no terceiro capítulo do livro “O Programa Minimalista”. O próprio Chomsky informa que o capítulo é uma versão, com alguma revisão, do texto “A minimalist program for linguistic theory”, de 1993.

é a teoria dessa língua particular, ao passo que “The theory of languages and the expressions they generate is *Universal Grammar* (UG)” (CHOMSKY, 1995, p. 167)<sup>20</sup>.

Deve-se observar que, diferentemente de outras abordagens mais tradicionais, segundo a qual a sintaxe é estudada sob a perspectiva taxonômica, Chomsky propõe o estudo da gramática sob uma perspectiva cognitiva, sob a qual interessa o que o falante nativo sabe de sua língua que o capacita a falá-la fluentemente e a entendê-la. Esse conhecimento tácito é a **competência linguística**, sistema cognitivo internalizado particular (a **Língua-I**), derivado da GU. Nesse sentido, uma língua é um estado da faculdade da linguagem, uma Língua-I (CHOMSKY, 1995, 2005). A noção de competência tem como contrapartida a noção de **desempenho linguístico**, que diz respeito ao uso que o falante faz do seu conhecimento linguístico e que está sujeito a falhas de produção e de interpretação.

Uma teoria com tal propósito precisa satisfazer uma série de critérios de adequação: **universalidade** (deve-se possuir o instrumental necessário para descrever toda e qualquer Língua-I), **explicação** (deve-se ir além do aspectodescritivo e, assim, devem-se explicar as propriedades universais das gramáticas de línguas naturais) e **restrição** (deve-se atentar para que as ferramentas e explicações sejam aplicáveis somente às línguas naturais). Destarte, o instrumental descritivo e explanatório deve ser, ao mesmo tempo, o mais poderoso e o mais simples possível.<sup>21</sup>

Além disso, a teoria precisa dar conta da **aprendibilidade**, isto é, do fato de que crianças adquirem sua língua nativa de modo uniforme em um curto período de tempo. É importante ressaltar que, para o gerativismo, é dos dados disponíveis da língua a que é exposta (as evidências positivas) que a criança seleciona as informações da língua que adquirirá.

Como afirma Guasti (2002),

Children acquire language under different circumstances, and the linguistic input they are exposed to may vary greatly from child to child [...]. Nevertheless, they all attain the same competence and do so in a limited amount of time. By about 5 years of age they have mastered most of the constructions of their language, although their vocabulary is still growing. (GUASTI, 2002, p. 4).<sup>22</sup>

<sup>20</sup> A teoria das línguas e das expressões que elas geram é a Gramática Universal (GU). (Tradução nossa).

<sup>21</sup> Ver, a esse respeito, Chomsky (1986, p. 51 *et seq.*).

<sup>22</sup> As crianças adquirem a língua sob circunstâncias diferentes, e o *input* linguístico a que são expostas pode variar enormemente de criança para criança [...]. Entretanto, todas elas atingem a mesma competência e fazem isso em uma quantidade limitada de tempo. Por volta dos cinco anos de idade, elas dominam a maioria das construções de sua língua, embora seu vocabulário esteja ainda ampliando-se. (Tradução nossa).

A aquisição da linguagem pela criança pode ocorrer sob condições bastante desfavoráveis, uma vez que os dados da experiência a que as crianças são expostas decorrem do desempenho linguístico dos adultos, o qual pode fornecer dados corrompidos e que podem ser reinterpretados pela criança:

The child learner has direct access only to the data of language use, not to the grammar(s) that speakers use in generating that data; and the inferential process by which the child draws grammatical conclusions from the data is subject to error. (KROCH, 2001, p. 702).<sup>23</sup>

A questão da aquisição da linguagem ganha especial relevo na Teoria Gerativa. Partir da ideia de que há, na mente/cérebro, uma faculdade da linguagem, inata, biologicamente desenvolvida, a qual provê as crianças com uma série de algoritmos para o desenvolvimento da gramática (de modo inconsciente e involuntário), a partir de sua experiência linguística, implica haver tanto uma série de operações e princípios universais (os quais permitem que uma criança possa adquirir qualquer língua) quanto uma série de parâmetros (propriedades idiossincráticas das línguas particulares), aos quais se costuma atribuir a responsabilidade pela variação sintática entre as línguas.

No desenvolvimento do Programa Minimalista, por conta da orientação biologizante, segundo a qual a faculdade da linguagem apresenta as mesmas propriedades que outros sistemas biológicos, Chomsky (2005) admite a interferência, no desenvolvimento da língua, de três fatores: a dotação genética (que é uniforme na espécie humana e que interpreta parte do ambiente como experiência linguística), a experiência (que leva à variação) e princípios que não são específicos à faculdade da linguagem (os quais incluem tanto princípios de análise de dados empregados na aquisição da linguagem e em outros domínios, quanto princípios de arquitetura estrutural e de restrição de desenvolvimento, entre os quais se incluem a eficiência computacional).

#### **2.4 O sistema computacional e a derivação de sentenças**

A Teoria Gerativa postula o argumento base de que a faculdade da linguagem provê um sistema computacional da linguagem humana ( $C_{HL}$ ) que gera as DEs de toda e qualquer língua, a partir das propriedades da GU e das restrições da Língua-I.

---

<sup>23</sup> A criança que está adquirindo a língua tem acesso direto somente aos dados da língua em uso, não à(s) gramática(s) que os falantes usam para gerar os dados; e o processo inferencial por meio do qual as crianças tiram conclusões gramaticais a partir dos dados está sujeito a erro. (Tradução nossa).

Chomsky (1995) defende a ideia de que

The language is embedded in performance systems that enable its expressions to be used for articulating, interpreting, referring, inquiring, reflecting, and other actions. [...]

The performance systems appear to fall into two general types: articulatory-perceptual and conceptual-intentional. If so, a linguistic expression contains instructions for each of these systems.(CHOMSKY, 1995, p. 168)<sup>24</sup>

A adoção dessa perspectiva leva à eliminação de níveis intermediários presentes em outras versões do Gerativismo (estruturas superficial e profunda, por exemplo). Os dois níveis linguísticos existentes, nessa visão, são as interfaces articulatório-perceptual e conceitual-intencional, as denominadas **Forma Lógica** e **Forma Fonológica**: a Forma Lógica (LF – *Logical Form*) é responsável pelo aspecto semântico-conceitual da sentença, e a Forma Fonológica (PF – *Phonological Form*) é responsável por seu aspecto articulatório-perceptual. Como consequência, as operações realizadas no processo de produção de uma sentença ocorrem para tornar a estrutura linguística adequada a esses dois níveis de interface.

O resultado é que, no escopo minimalista, qualquer proposta de descrição e análise dos fenômenos linguísticos está constricta por dois princípios básicos. O primeiro é o *Princípio de Interpretação Plena*, segundo o qual o processo de derivação de sentenças deve ser feito de modo a preparar a estrutura formada para os níveis de interface LF e PF. O segundo é o *Princípio de Economia*, de acordo com o qual só serão realizadas as operações necessárias para que a sentença convirja (isto é, para que possa ser plenamente interpretada). Além disso, adota-se o pressuposto de que

a language consists of two components: a lexicon and a computational system. The lexicon specifies the items that enter into the computational system, with their idiosyncratic properties. The computational system uses these elements to generate derivations and SDs. (CHOMSKY, 1995, p. 168-169)<sup>25</sup>

<sup>24</sup> A língua está encaixada em sistemas de desempenho que tornam possível que suas expressões sejam usadas para articular, interpretar, referir, indagar, refletir e outras ações.

Os sistemas de desempenhohoparecem enquadrar-se em dois tipos gerais: articulatório-perceptual e conceitual-intencional. Se for assim, uma expressão linguística contém instruções para cada um desses sistemas. (Tradução nossa).

<sup>25</sup> Uma língua consiste de dois componentes: um léxico e um sistema computacional. O léxico especifica os itens que entram no sistema computacional, com suas propriedades idiossincráticas. O sistema computacional usa esses elementos para gerar derivações e DEs. (Tradução nossa).

Conforme proposto por Chomsky (1995), a derivação de sentenças inicia-se com a retirada de itens do componente lexical<sup>26</sup> a serem organizados pelo componente sintático / computacional. Na retirada dos itens, também se indicam quantas vezes cada um deles é selecionado para entrar no processo de derivação. Denomina-se **numeração** o conjunto formado pelos itens retirados do léxico e pela quantidade de vezes que cada um será selecionado. A partir da numeração, a derivação ocorre por meio das operações **seleção**, em que se retira um item da numeração e se reduz a quantidade de vezes em que ele estará disponível, e **concatenar** (*merge*), por meio da qual dois itens lexicais são unidos para formar um novo objeto sintático. Pode-se aplicar a operação **copiar** (*copy*), por meio da qual um elemento já selecionado da numeração é copiado para que possa ser concatenado em outra posição da sentença, a fim de formar um novo constituinte. Esses procedimentos serão repetidos até que todos os itens da numeração tenham sua quantidade reduzida a zero. Por meio da operação **spell-out**, as estruturas que convirjam, isto é, que satisfaçam os princípios acima mencionados, são enviadas para os sistemas de interface LF e PF. Caso tais princípios não sejam satisfeitos, a derivação fracassa.

É importante destacar que a aplicação da operação *spell-out* não impede que a estrutura que daí se encaminha para LF possa ser alvo de novas operações. Assim, a computação realizada antes do *spell-out* é **visível**, pois é esta que é refletida na PF. A computação realizada após a aplicação da operação *spell-out*, em que se encaminha a estrutura para LF, faz parte do que se denomina **sintaxe invisível**. No que diz respeito ao percurso desde a numeração até LF, é necessário que seja satisfeita a *condição de inclusividade*, a que se fez referência na Introdução desta dissertação e que aqui se retoma:

any structure formed by the computation [...] is constituted of elements already present in the lexical items selected for N [Numeration]; no new objects are added in the course of computation apart from rearrangements of lexical properties. (CHOMSKY, 1995, p. 228).<sup>27</sup>

A derivação de uma sentença finita (uma sentença com tempo) ocorre mediante a mobilização de constituintes de natureza *lexical*, *flexional* e *discursiva*, geralmente identificados como *VP* (o constituinte em que se estabelecem as relações temáticas entre o

<sup>26</sup> A natureza do léxico é um dos aspectos que se discutirá na seção 2.4, “O léxico e o sistema computacional”, e um dos pontos em que a proposta de análise adotada nesta dissertação diverge parcialmente dos postulados chomskyanos.

<sup>27</sup> Qualquer estrutura formada pela computação é constituída de elementos já presentes nos itens lexicais selecionados para N [Numeração]; nenhum objeto novo é acrescentado no curso da computação, a não ser o rearranjo de propriedades lexicais. (Tradução nossa)

verbo e seus argumentos), *IP* (o nível mínimo da sentença, em que se estabelecem as relações de tempo, modo e aspecto) e *CP* (o nível que está relacionado à estrutura informacional da sentença, na qual se incluem a sua força ilocucionária, a marcação sintática denoções como tópico e foco, e a sua finitude).

Estudos acerca da estrutura do *CP* apontam que este nível contém subcamadas, e trabalhos como os de Rizzi (1997) e de Benincá e Poletto (2004) — conhecidos na literatura como Cartografia Linguística — propõem a expansão do *CP*, dividindo-o em uma camada mais baixa, na qual se codificam informações relacionadas à finitude da sentença (*FinP*), e uma camada mais alta, na qual se codificam informações referentes à força ilocucionária da sentença (*ForceP*). Situada entre essas camadas, há duas outras em que se codificam informações de natureza sintático-pragmática: uma mais baixa, em que se expressam informações de foco (*FocusP*), e uma mais alta, em que se expressam informações de tópico (*TopP*).

O estudo de orações relativas restritivas implica conhecer aspectos que são codificados na periferia da sentença, no *CP*. Assim, embora não se adote a representação cartográfica na análise dos dados aqui proposta, serão feitas referências e discussões acerca das noções de força, finitude, tópico e foco.

## 2.5 O léxico e o sistema computacional

O léxico, como explicitado no item 2.4, é um dos dois componentes da língua e o responsável por fornecer para o sistema computacional (o segundo componente) os elementos com os quais operar. No âmbito do Programa Minimalista, o léxico é definido como

a set of lexical items, each an articulated system of features. It must specify, for each such element, the phonetic, semantic, and syntactic properties that are idiosyncratic to it. [...] It should not contain redundant information. (CHOMSKY, 1995, p. 130-131).<sup>28</sup>

Conforme apontado por Chomsky, o léxico é o repositório dos itens lexicais, cada um dos quais formado por um conjunto de suas propriedades idiossincráticas. Um item lexical consiste, assim, “the optimal coding of information that just suffices to yield the LF representation and that allows the phonological component to construct the PF

---

<sup>28</sup> Um conjunto de itens lexicais, cada um sendo um sistema articulado de traços. Ele deve especificar, para cada um desses elementos, as suas propriedades fonéticas, semânticas e sintáticas idiossincráticas [...] Ele não deve conter informações redundantes. (Tradução nossa).

representation”(CHOMSKY, 1995, p. 235)<sup>29</sup>. Desse conjunto de propriedades idiossincráticas de cada item estão excluídas propriedades fonéticas ou semânticas tanto universais quanto específicas de uma determinada língua. Na verdade, “the optimal coding should include a phonological matrix of the familiar kind [...], and a comparable representation of semantic properties” (CHOMSKY, 1995, p. 235)<sup>30</sup>.

Quando os itens, na numeração, são retirados do léxico, também são incluídas informações necessárias para que as operações do sistema computacional sejam realizadas. Isso significa, em última instância, que, ao entrarem na derivação, os itens do léxico trazem um conjunto de propriedades intrínsecas do próprio item e, também, um conjunto de propriedades necessárias ao sistema computacional e, desse modo, gerais (quer para a língua específica, quer para a GU). Cada uma dessas propriedades representa um **traço** associado ao item lexical.

Tal visão acerca do léxico, adotada no Programa Minimalista, não é, todavia, única:

I am keeping to the optimal assumption: that for each lexical item in a particular language, the idiosyncratic codings are given in a unified lexical entry. There are more complex theories that scatter the properties. One might propose, for example, that formal features, instructions for phonological rules, and instructions for LF interpretation appear in distinct sublexicons, which are accessible at different points in the computational process.(CHOMSKY, 1995, p. 241).<sup>31</sup>

A referência a outras teorias feita por Chomsky está assentada na discussão existente acerca de que tipos de informação, de fato, são retiradas do léxico e, também, a localização deste, no  $C_{HL}$ , em relação às operações sintáticas. No caso do tema desta dissertação, é necessário compreender se, para a numeração, retira-se um item como **ONDE** e outro como **QUE** — cada um deles com um conjunto específico de traços —, ou se se retira um conjunto de traços com o qual o sistema computacional opera e que, após a operação

---

<sup>29</sup> A codificação ótima da informação que é suficiente para gerar a representação LF e que permite ao componente fonológico construir a representação PF. (Tradução nossa).

<sup>30</sup> A codificação ótima deve incluir uma matriz fonológica de um tipo familiar [...] e uma representação comparável das propriedades semânticas. (Tradução nossa).

<sup>31</sup> Estou mantendo o pressuposto ótimo: que para cada item lexical em uma língua particular, as codificações idiossincráticas são dadas em uma entrada lexical unificada. Há teorias mais complexas que espalham essas propriedades. Pode-se propor, por exemplo, que traços formais, instruções para as regras fonológicas e instruções para interpretação em LF aparecem em subléxicos distintos, que são acessíveis em diferentes pontos do processo computacional. (Tradução nossa).

*spell-out*, a interface morfofonológica realiza como **ONDE** e como **QUE** (ou, como um conjunto formado por **ONDE QUE**).

O item 2.6 traz duas destas visões alternativas: a Morfologia Distribuída e a Nanossintaxe. Ressalta-se que o propósito não é discutir cada uma das teorias; trata-se tão somente de apresentar o modo como o léxico se relaciona com a sintaxe em uma e outra abordagens.

## 2.6 Entre itens lexicais e traços

Como explicitado ao final da subseção 2.5, Chomsky (1993, 1995) refere-se à existência de teorias mais complexas no que tange ao léxico. A indicação por ele feita da possibilidade de existência de subléticos é captada pela abordagem conhecida como Morfologia Distribuída (MD).

A MD surge, no interior do Gerativismo (ainda no início do Minimalismo), como uma alternativa às visões até então estabelecidas acerca do léxico e da morfologia: **(a)** apenas as raízes das categorias lexicais são morfemas e entram na derivação das sentenças, pois apresentam uma relação entre som e significado — afixos resultam de regras morfofonológicas de formação de palavras; **(b)** tantoraízes lexicais quanto afixos relacionam som, significado e função — as palavras são, portanto, criadas antes de entrar na computação sintática. (HALLE; MARANTZ, 1993, p. 1).

A proposta da MD fundamenta-se na premissa de que “the machinery of what has been called morphology is not concentrated in a single component of the grammar, but rather is distributed among several different components” (HALLE; MARANTZ, 1993, p. 2)<sup>32</sup>.

Nesse sentido, altera-se a perspectiva acerca dos elementos que entram na estruturação sintática da sentença:

In DM the syntax proper does not manipulate anything resembling lexical items, but rather, generates structures by combining morphosyntactic features (via Move and Merge) selected from the inventory available, subject to the principles and parameters governing such combination. (HARLEY; NOYER, 1999, p. 3).<sup>33</sup>

<sup>32</sup> O mecanismo do que tem sido denominado morfologia não está concentrado em um componente único da gramática; ao contrário, está distribuído entre vários componentes diferentes. (Tradução nossa).

<sup>33</sup> Na MD, a sintaxe característica não manipula algo semelhante a itens lexicais; em vez disso, gera estruturas pela combinação de traços morfossintáticos (por meio das operações Mover e Concatenar) selecionados do inventário disponível e sujeitos aos princípios e parâmetros que orientam tal combinação. (Tradução nossa).

Trata-se, assim, de uma teoria dos elementos que entram na derivação sintática, dos princípios que regem o modo como os elementos se juntam para formar objetos complexos e da maneira como tanto os elementos quanto os objetos complexos relacionam-se com a fonologia (EMBICK; NOYER 2007, p. 290).

A ideia geral é que as operações mobilizadas para a formação de sintagmas e sentenças são as mesmas para a formação de palavras. A consequência é que o léxico, que antes alimentava a sintaxe, distribui-se por três listas distintas, sobre as quais atuam operações específicas (HARLEY; NOYER, 1999; EMBICK; NOYER, 2007; SIDDIQI, 2009).

A primeira lista contém traços morfossintáticos (raízes e morfemas abstratos); sobre ela ocorrem operações sintáticas e morfológicas. A segunda lista contém itens de vocabulário e as regras que fornecem conteúdo fonológico a morfemas abstratos; sobre ela ocorrem operações fonológicas. A terceira lista contém informações semânticas associadas ao conhecimento enciclopédico de natureza não linguística, necessárias para a interface semântico-conceitual.

A discussão suscitada por abordagens como a MD acerca do papel do léxico na derivação de palavras e sentenças e de sua localização no sistema computacional leva a um refinamento da análise das estruturas (morfos) sintáticas: elas se ampliam e, como consequência, as operações computacionais passam a operar ora com itens lexicais, ora com itens submorfêmicos (STARKE, 2009).

Isso significa que alguns nós terminais em que ficam os morfemas podem ser constituídos de grupos de nós que contêm submorfemas. O resultado é que, em vez de conter itens lexicais,

the lexicon contains subtrees, ie. syntactic trees, paired with phonological and conceptual information. Lexical entries will be minimally of the form < phonological information, syntactic tree, conceptual information >, and spellout becomes an operation matching the tree constructed by syntax to the (sub-)trees stored inside lexical entries. (STARKE, 2009, p. 2).<sup>34</sup>

É essa a perspectiva proposta pela Nanossintaxe. Postula-se o princípio de que

---

<sup>34</sup> O léxico contém subárvores, isto é, árvores sintáticas, emparelhadas com informação fonológica e conceitual. As entradas lexicais serão minimamente na forma <informação fonológica, árvore sintática, informação conceitual >, e *spellout* se torna uma operação que correlaciona a árvore construída pela sintaxe às (sub)árvores armazenadas no interior das entradas lexicais (Tradução nossa).

There is only one mode of grammatical organization of smaller units into bigger chunks, no matter how small (submorphemic features) or big (phrases) the units are. (CAHA, 2009, p. 17).<sup>35</sup>

e, como resultado, defende-se que

Syntax projects from single features and nothing else. Single features are merged together into the familiar binary branching trees, eventually attaining the size of a morpheme, a word and a phrase. Syntax doesn't build on morphemes, it builds morphemes. (STARKE, 2009, p. 6).<sup>36</sup>

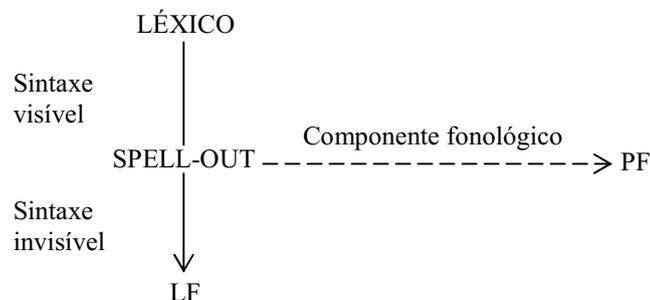
Subjacente a esse pressuposto está a ocorrência de *spell-out sintagmático*: um (sub)constituente inteiro pode ser pronunciado por um item lexical. A ideia geral é que a diferença nos itens lexicais entre línguas (o que permite que algumas operações atinjam certos itens em uma língua, mas não itens equivalentes em outra língua) esteja relacionada à quantidade de traços que está associada a determinado item.

## 2.7 A arquitetura da linguagem

Uma das propostas do programa de investigações da teoria gerativa é compreender como se organiza a faculdade da linguagem e como se realizam as operações que resultam na derivação de sentenças gramaticalmente aceitáveis.

Cada uma das visões apresentadas nos itens 2.5 e 2.6 correspondem a diferenças que impactam todo o modo como se configura a arquitetura da linguagem e a posição que o léxico ocupa nessa arquitetura. As figuras 01, 02 e 03 ilustram as perspectivas expostas.

**Figura 01** – A arquitetura da linguagem, segundo o Minimalismo

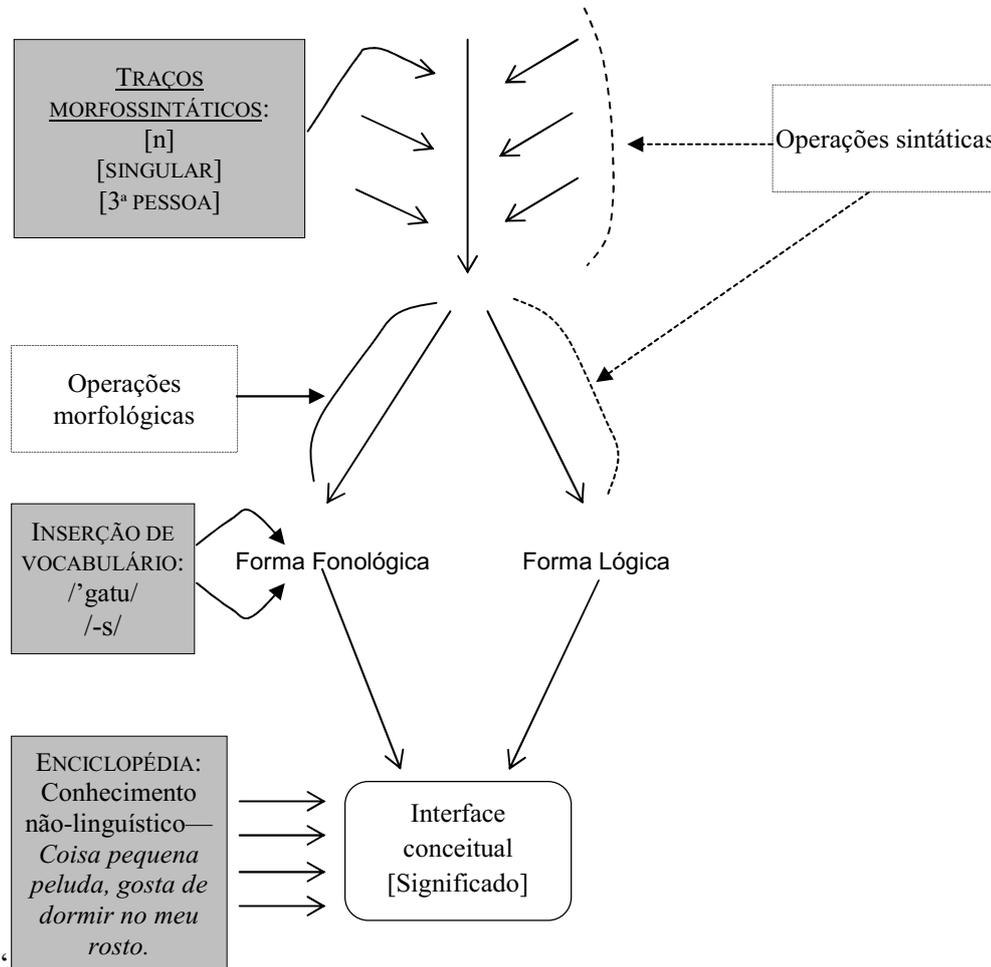


<sup>35</sup> Há apenas um modo de organização gramatical das unidades menores em segmentos maiores, não importa o quão pequenas (traços subformêmicos) ou grandes (sintagmas) as unidades são. (Tradução nossa).

<sup>36</sup> A sintaxe projeta a partir de traços individuais e nada mais. Traços individuais são concatenados em árvores com ramificação binária, e afinal chegam ao tamanho de um morfema, uma palavra ou um sintagma. A sintaxe não constrói a partir de morfemas; ela constrói morfemas. (Tradução nossa).

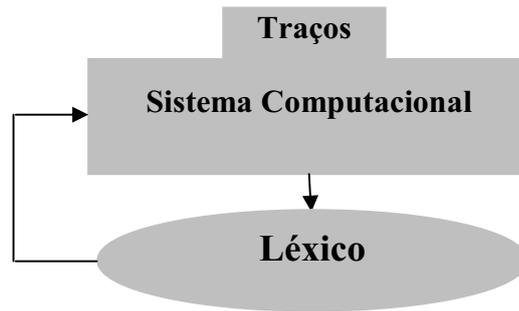
A figura 01, adaptada de Raposo (1999, p. 27) corresponde à concepção apresentada por Chomsky (1993, 1995) para o Minimalismo. Há um léxico pré-sintático, constituído por itens lexicais, e cada um desses itens, formado por um conjunto de traços, é introduzido na derivação da sentença e submetido a operações sintáticas, e as estruturas aí formadas são enviadas para os sistemas de interface LF e PF. As estruturas que são enviadas para LF após a operação *spell-out*, podem sofrer outras operações que não são visíveis na estrutura sintática que é pronunciada pela interface fonológica.

**Figura 02** – A arquitetura da linguagem, segundo a Morfologia Distribuída



A figura 02, traduzida de Siddiqi (2009, p. 14), corresponde à concepção da gramática conforme vista pela Morfologia Distribuída: as informações contidas no léxico, na figura 01, agora estão espalhadas e, sobre cada uma dessas informações, aplicam-se operações específicas.

**Figura 03** – A arquitetura da linguagem, segundo a Nanossintaxe



A figura 03, traduzida de Starke (2011, p. 7), parte de uma perspectiva de que o léxico é totalmente pós-sintático. O sistema computacional opera somente com traços e a operação *spell-out* aplica-se sobre cada sintagma construído. No esquema, aparece um *loop* entre o léxico e o sistema computacional, o que indica que a elementos construídos pela sintaxe podem concatenar-se outros traços, pois são visíveis para o sistema.

## 2.8 Considerações parciais

A concepção de que as línguas específicas derivam de uma faculdade inata da linguagem, comum à espécie humana, é uma questão basilar no escopo dos estudos gerativistas. Sendo essa faculdade comum à espécie, as particularidades que diferenciam uma língua de outra não podem ser decorrentes da GU, mas resultar da necessidade de adaptações dessa aos sistemas de interface, a partir dos dados linguísticos primários a que as crianças são expostas no período de aquisição.

A ideia é que tais diferenças estejam relacionadas ao conjunto de informações com as quais o sistema computacional da linguagem humana opera: os traços. Nesse sentido, é crucial compreender como tais traços entram no sistema: em conjunto, por meio de um item lexical que os abarca, ou como traços sem associação prévia e específica com um item lexical particular.

As concepções apresentadas na subseção 2.7 serão reavaliadas ao longo das próximas seções, levando em consideração as implicações da noção adotada de léxico para a análise das relativas restritivas locativas introduzidas por **ONDE QUE**. Adianta-se que, nesta dissertação, concebe-se que a sintaxe opera com traços. Na quinta seção, especificamente, será apresentada a arquitetura da gramática em que se baseia a análise feita nesta dissertação.

### 3 ORAÇÕES RELATIVAS

#### 3.1 Panorama da seção

Na seção anterior, expôs-se o arcabouço teórico-metodológico que serve de base para a análise que nesta dissertação se faz. Nesta seção, começa-se a discutir o objeto de pesquisa: as orações relativas locativas.

Nasubseção 3.2, “O que é uma sentença relativa”, que está dividida em três segmentos, visa-se a conceituar e a caracterizar, de modo geral, esse tipo de sentença. No primeiro segmento, toma-se como ponto de partida o que a tradição gramatical normativa costuma trazer acerca do tema, com base em uma síntese do que apresentam alguns gramáticos brasileiros – tanto autores já tradicionalmente consagrados quanto autores contemporâneos. No segundo segmento, apresentam-se informações colhidas em gramáticas pedagógicas que buscam tratar de aspectos da língua com fundamento em dados e análise mais contemporâneos. No terceiro segmento, expõe-se o que a literatura especializada da área traz acerca dessas construções.

Como se faz referência ao fato de que as orações relativas podem ser introduzidas por elementos que têm propriedades fóricas — o que implica poder haver uma relação com a situação comunicativa e, conseqüentemente, com aspectos pragmáticos —, a relação entre sentenças relativas e a estrutura informacional da sentença é discutida na subseção 3.3, “Construções relativas e aspectos semântico-pragmáticos da sentença”.

Os processos por meio dos quais é possível ocorrer a derivação de orações relativas são apresentados nas duas subseções seguintes. Em 3.4, “Possibilidades de derivação de orações relativas”, trazem-se aspectos gerais relacionados ao modo como o sistema computacional pode derivar esse tipo de estrutura nas línguas humanas em geral. Em 3.5, “As orações relativas no Português Brasileiro”, há uma síntese das propostas existentes, na literatura, para a derivação de sentenças relativas no PB.

Seguem-se a essas subseções algumas considerações parciais relacionadas ao que se afirma acerca da derivação de sentenças relativas, em geral, e à derivação de relativas locativas, em específico, tema sobre o qual se concentra o conteúdo da seção 4.

### 3.2 O que é uma sentença relativa

As orações relativas aparecem em estruturas sintáticas complexas que envolvem o encaixamento de uma sentença em outra estrutura, assim como ocorre com as sentenças completivas. Além dos aspectos sintáticos, orações relativas também exibem propriedades relacionadas à referencialidade de itens que as introduzem e à prosódia. Esse conjunto de aspectos e propriedades acaba por refletir-se na interpretação semântica que pode ser atribuída a essas sentenças e às sentenças nas quais elas se encaixam.

Para caracterizar o que é uma sentença relativa, percorre-se, nesta seção, por três trilhas: a das gramáticas normativas, a das gramáticas pedagógicas com orientação descritiva e a da teoria linguística. Essa sequência de informações não é aleatória. As gramáticas normativas são utilizadas, frequentemente, como referência para o que se denomina de estratégia padrão de relativização e, no caso do PB, é a essa estratégia que se refere, na literatura, quando se apresentam as demais estratégias disponíveis na língua e analisadas pela teoria linguística. Nesse sentido, as gramáticas pedagógicas com orientação descritiva encontram-se entre o polo normativo e o polo descritivo-explicativo.

#### 3.2.1 A VISÃO NORMATIVA TRADICIONAL

As construções relativas, nas gramáticas tradicionais, são abordadas tanto nas seções destinadas a tratar dos pronomes relativos quanto naquelas em que se apresentam as orações subordinadas adjetivas. Como a análise que se faz das orações relativas, no PB, costuma fazer referência à denominada relativa padrão (conceito que se desenvolverá nos próximos parágrafos), buscou-se nesses manuais a especificação do que se estabelece como padrão normativo para tais orações.

Pesquisou-se em um total de 12 (doze) gramáticas — listadas nas referências bibliográficas desta dissertação—: como o assunto é abordado, que aspectos seus autores colocam em relevo e a existência ou não de aspectos divergentes entre eles, já que a norma a ser seguida, em princípio, é uma só<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> As gramáticas voltadas especificamente para o Ensino Fundamental, embora tenham sido consultadas, não foram incluídas no levantamento aqui apresentado, em virtude de darem um tratamento mais simplificado às orações adjetivas e aos pronomes relativos, além de praticamente reproduzirem os aspectos comuns de outras gramáticas.

Tomou-se o cuidado de incluir, ao lado das obras dos gramáticos mais consagrados (a exemplo de Almeida (1989)<sup>38</sup> e de Cunha e Cintra (2007)), as produções de autores contemporâneos que parecem vir tendo aceitação significativa nos ambientes escolares (como o de Cereja e Magalhães (2005) e o de Abaurre, Abaurre e Pontara (2010))<sup>39</sup>. O objetivo dessa seleção foi verificar se os gramáticos mais modernos já incluem, em suas obras, algumas das informações que as pesquisas linguísticas acerca da Língua Portuguesa — e do PB, em especial — têm fornecido. Os quadros 01 e 02 sintetizam as informações levantadas, acerca das quais serão feitos alguns comentários e, quando for o caso, serão apontadas convergências e discordâncias detectadas.

Os autores consultados afirmam, em geral, que as orações relativas têm valor de adjetivo e que, por isso, funcionam como adjunto adnominal. Convergem, também, as informações de que os pronomes relativos existentes nas orações adjetivas desempenham, nestas, uma função sintática, além de terem papel anafórico em relação à oração principal.

No que diz respeito ao rol dos elementos relativos, aparecem algumas diferenças, como se verifica no Quadro 01:

**Quadro 01** – Elementos relativos localizados nas gramáticas pesquisadas

		QUE	QUEM	O QUAL (e flexões)	CUJO (e flexões)	QUANTO (e flexões)	COMO	QUANDO	ONDE
<b>GRAMÁTICAS</b>	Almeida (1989)	X	X	X	X		X	X	X
	Lima (1992)	X	X	X	X	X	X	X	X
	Faraco e Moura (1998)	X	X	X	X	X			X
	Mesquita (1999)	X	X	X	X	X	X		X
	Infante (2001)	X	X	X	X	X	X	X	X
	Nicola (2004)	X	X	X	X	X			X
	Cereja e Magalhães (2005)	X	X	X	X	X			X
	Cunha e Cintra (2007)	X	X	X	X	X			X
	Abaurre, Abaurre e Pontara (2010)	X	X	X	X	X	X	X	X
	Cegalla (2010)	X	X	X	X	X	X		X
	Ferreira (2011)	X	X	X	X	X			X
	Cipro Neto e Infante (2012)	X	X	X	X	X	X	X	X

<sup>38</sup> As datas indicadas são as da edição consultada e não da publicação original, no caso das obras que têm mais de uma edição. Optou-se por esse procedimento a fim de verificar se mesmo manuais cuja publicação original remonta a décadas incorporam alguma informação provida pelas pesquisas linguísticas.

<sup>39</sup> Essa percepção relacionada à aceitação das gramáticas no ambiente escolar vem da experiência do próprio autor da dissertação, que atua na educação básica, tanto em escolas públicas quanto em particulares, há mais de duas décadas.

Os autores consultados concordam em elencar, entre os elementos que introduzem orações subordinadas adjetivas, as formas **QUE**, **QUEM**, **O QUAL** (e flexões), **CUJO** (e flexões) e **ONDE**. Vocábulos como **QUANTO** (e flexões), **COMO** e **QUANDO** não são vistos por todos os autores como elementos que têm essa função<sup>40</sup>.

Além disso, observa-se que nem todos os elementos que introduzem as orações adjetivas são vistos como pronomes. Assim, as formas **COMO**, **QUANDO** e **ONDE** são classificadas (por aqueles que as citam) ora como pronomes relativos, ora como advérbios relativos. Ademais, embora partam do pressuposto de que tais relativos tenham um antecedente na oração principal, boa parte dos autores admite a existência de orações adjetivas desenvolvidas, isto é, orações finitas, que aparecem sem antecedente.

O quadro 02 sintetiza essas informações:

**Quadro 02** – Tipos de relativos e relação de foricidade

		Tipos de relativos		Relação de foricidade	
		Pronomes relativos	Advérbios relativos	Papel anafórico	Relativas sem antecedente <sup>41</sup>
<b>GRAMÁTICAS</b>	Almeida (1989)	X	onde como quando por que	X	X
	Lima (1992)	X	onde como quando	X	X
	Faraco e Moura (1998)	X		X	X
	Mesquita (1999)	X	como	X	
	Infante (2001)	X		X	
	Nicola (2004)	X		X	X
	Cereja e Magalhães (2005)	X		X	
	Cunha e Cintra (2007)	X		X	X
	Abaurre, Abaurre e Pontara (2010)	X		X	X
	Cegalla (2010)	X	como	X	X
	Ferreira (2011)	X		X	
	Cipro Neto e Infante (2012)	X		X	

<sup>40</sup> Almeida (1989, p. 318) também inclui a forma **POR QUE** como um elemento que introduz orações subordinadas adjetivas, quando equivalente a “motivo pelo qual”. É interessante perceber que, nesse caso, não se opta por desmembrar em duas formas: a preposição regente **POR** e o termo regido **QUE**. Ferreira (2011) inclui a forma **AONDE** ao lado de **ONDE**, como sendo um outro pronome, e informa que este equivale a “em que” e aquele equivale a “a que”.

<sup>41</sup> Infante (2011) e Cipro Neto e Infante (2012) mencionam haver autores que defendem tal possibilidade, mas não admitem se eles mesmos partilham dessa concepção.

No que diz respeito à referencialidade dos pronomes, é interessante observar que nem todas as formas são passíveis de introduzir orações adjetivas sem antecedente: apenas a forma **QUEM** aparece em todos os autores que informam essa possibilidade. A forma **ONDE** só não é citada por Cegalla (2010), entre os que admitem tal estrutura.

Lima (1992) refere-se a essas formas como pronomes relativos indefinidos. Segundo ele, são “os pronomes relativos empregados sem antecedente expresso [...]. Estes relativos, também chamados ‘condensados’, trazem o antecedente incorporado em si”. (LIMA, 1992, p. 116-117). Esse mesmo rótulo é adotado por Faraco e Moura (1998) e por Cunha e Cintra (2007) para as formas **QUEM** e **ONDE**.

Um aspecto que chama a atenção nos manuais que referendam a possibilidade de haver orações relativas sem antecedente é que, ao tratarem de outros tipos de orações subordinadas, os autores fornecem exemplos de construções semelhantes às orações relativas sem antecedente. Cunha e Cintra (2007, p. 601), por exemplo, consideram o trecho destacado em “as ordens são dadas *por quem pode*” como subordinada substantiva com função de agente da passiva. Cegalla (2010, p. 383) inclui as orações destacadas em “*Quem avisa amigo é*” e “Ignora-se *como* (ou *quando* ou *onde*) se deu o acidente” entre as subordinadas substantivas. Além disso, classifica o segmento destacado em “Venha *por onde eu passar*” como uma oração subordinada adverbial locativa (CEGALLA, 2010, p. 402).

Os autores dedicam (aqueles que o fazem) poucos comentários ao uso contemporâneo dos pronomes relativos e à estruturação das orações adjetivas, no PB. Quando o fazem, têm o propósito de ressaltar os cuidados que se deve ter ao utilizar a forma **ONDE**. Almeida (1989), Faraco e Moura (1998), Infante (2001), Cegalla (2010), Cipro Neto e Infante (2012) reforçam o fato de que seu uso só deve ocorrer com referência a lugar. A visão apresentada pode ser sintetizada na seguinte passagem.

É muito comum o uso de *onde* como relativo universal, um verdadeiro colatudo. Nota-se essa tendência sobretudo em declarações dadas a jornais e emissoras de rádio e TV por pessoas públicas [...]

Na língua culta, escrita ou falada, *onde* deve ser limitado aos casos em que há indicação de **lugar físico**, espacial. Quando não houver essa indicação, deve-se preferir *em que*, *no qual* (e suas flexões *na qual*, *nos quais*, *nas quais*) e, nos casos da ideia de causa/efeito ou de conclusão, *portanto*. (CIPRO NETO; INFANTE, 2010, p. 432).<sup>42</sup>

<sup>42</sup> Trata-se de uma visão mais “amena”, se se considera que, na sua obra individual, afirma Infante (2001, p. 497) que “Há uma forte tendência na língua portuguesa atual para o uso de *onde* como um verdadeiro relativo universal. Esse uso curiosamente tende a ocorrer quando um falante de desempenho linguístico pouco eficiente procura ‘falar difícil’”.

Apenas Abaurre, Abaurre e Portara (2010) mencionam a possibilidade de as preposições que introduzem pronomes relativos serem omitidas. Observam o seguinte:

É cada vez mais frequente, na linguagem coloquial, a omissão da preposição que deve anteceder o pronome relativo *que* em alguns contextos. Isso ocorre porque os falantes não se dão conta de que determinados verbos são regidos por preposições. Veja os exemplos:

*Esse é o livro que te falei. [...]*

*O filme que eu mais gostei ganhou o Oscar. [...]*

Embora a omissão da preposição em casos como esses já esteja consagrada pelo uso coloquial da língua, é preciso tomar cuidado para, em situações formais de interlocução, sejam orais ou escritas, utilizar corretamente as preposições exigidas pelos verbos.

(ABAURRE; ABAURRE;PORTARA, 2010. p. 237)

Essa única menção a uma outra estratégia de relativização é sintomática: os manuais normalmente empregados em ambientes escolares pouco incorporam do que se descreve na literatura especializada acerca das possibilidades de estruturação de sentenças relativas no PB.

No que diz respeito especificamente às relativas locativas, as informações relacionam-se única e tão-somente ao fato de que a forma **ONDE** tem uso restrito associado à noção de lugar, noção esta que pode ser expressa, também, por pronomes relativos preposicionados.

### 3.2.2 O OLHAR GRAMATICAL DESCRITIVO

As gramáticas apresentadas no item 3.2.1 carregam o caráter normativo em seu propósito e, conforme se explicitou, não costumam fazer referência a dados da língua hodiernamente em uso — a não ser com a finalidade de destacar, para o leitor, aspectos que devem ser evitados.

Fatos da língua contemporânea são, no entanto, encontrados em algumas gramáticas, cujo objetivo consiste em lançar um olhar gramatical descritivo para o português — e o PB, em especial —, com a incorporação ao conteúdo do que a pesquisa linguística tem trazido a respeito do conhecimento da língua.

Apresentam-se, aqui, quatro dessas obras: Bechara (1999), Azeredo (2008), Perini (2010) e Bagno (2011) – os dois últimos com abordagens que se afastam bastante do que as demais gramáticas costumam apresentar como conteúdo.

Bechara (1999) menciona, entre os pronomes relativos, as formas **QUAL**, **O QUAL** (e flexões), **CUJO** (e flexões), **QUE**, **QUANTO** (e flexões), **QUEM** e **ONDE**, aponta que as duas últimas “podem aparecer em emprego absoluto, sem referência a antecedente” (BECHARA, 1999, p. 174) e faz referência ao uso da forma **QUE** como relativo universal, “despido de qualquer função sintática, como simples transpositor oracional” (BECHARA, 1999, p. 201).

Também comenta a possibilidade de as formas **QUEM** e **ONDE** aparecerem sem antecedente e denomina-as, nesse uso, de relativos indefinidos. No entanto, ao tratar das orações adjetivas, Bechara (1999) afirma que as orações introduzidas por relativos sem antecedente (pronomes relativos e advérbios relativos, entre os quais ele não apresenta a distinção<sup>43</sup>) constituem estruturas subordinadas substantivas.

Azeredo (2008), ao apresentar as orações adjetivas, afirma:

Uma matriz proposicional pode ocorrer no texto sob a forma de um sintagma adjetivo, tradicionalmente conhecido como ‘oração adjetiva’. A respectiva transposição é efetuada por um pronome relativo, uma espécie de palavra que preenche cumulativamente três funções: anafórica (retoma ou reitera um antecedente), conectiva (insere a oração transposta na construção maior) e sintática (é sujeito, complemento ou adjunto na oração transposta). (AZEREDO, 2008, p. 316).

Ao tratardos elementos relativos, elenca Azeredo (2008) as formas **QUE**, **QUEM**, **CUJO**, **QUANTO** (e flexões), **O QUAL** (e flexões), **O QUE**, **ONDE**, **COMO** e **QUANDO**, denomina as três últimas formas de advérbios relativos e, assim como Bechara (1999), chama a atenção para o fato de a forma **QUE** estar perdendo sua propriedade anafórica e assumindo a função exclusivamente conectiva, o que leva, em situações nas quais não se requeira o padrão da escrita, à produção de estruturas fora do padrão, ilustradas com sentenças em que se empregam as estratégias de apagamento de preposição e de retomada do antecedente por um pronome no interior da oração adjetiva<sup>44</sup>.

<sup>43</sup> Bechara (2001), uma obra voltada diretamente para o ambiente escolar, cita, entre os pronomes relativos, as formas **O QUAL** (e flexões), **CUJO** (e flexões), **QUE**, **QUEM**, **QUANTO** (e flexões), **ONDE**, **COMO** e **QUANDO**. Na seção destinada às orações adjetivas, afirma que as formas **POR QUE**, **COMO**, **QUANDO** e **ONDE** são advérbios relativos.

<sup>44</sup> Embora Azeredo (2008) não empregue a nomenclatura, trata-se, respectivamente, das estratégias cortadora e copiadora/resumptiva.

Perini (2010) aborda as orações relativas como uma estrutura incompleta, associada ao modo como é sintaticamente realizada a valência dos verbos, isto é, “os complementos compatíveis com cada verbo: sua forma sintática e seus papéis temáticos” (PERINI, 2010, p. 135).

Após essa visão geral, Perini (2010) apresenta a estrutura relativa no PB, destaca a possibilidade de apagamento ou não de preposições introdutoras das estruturas relativas e ilustra as sentenças em que a preposição não é apagada apenas com a estratégia copiadora/resumptiva. Além disso, ressalta que existem orações relativas sem o antecedente nominal, as relativas livres, que ocorrem com os relativos **QUEM**, **O QUE** e **ONDE**.

Chama a atenção que Perini (2010) declare não considerar como pronomes as formas introdutoras desse tipo de oração e que, tampouco, apresente alguma listagem dessas formas. Também não apresenta subclassificação das orações relativas; tão-somente explicita sua estrutura, relacionada à questão da valência, e as possibilidades de que a valência seja recuperada.

Bagno (2011) considera as orações adjetivas um processo de nominalização de sentenças por meio de uma transposição para a categoria de adjetivo e lista as formas **QUE**, **O QUAL**, **ONDE**, **COMO**, **QUANDO** e **CUJO** como transpositores desse processo. Após afirmar que orações adjetivas contêm pronomes relativos, questiona se tais pronomes ainda existem no PB e acrescenta:

A resposta tem de ser dada com cuidado. Ao que parece, os pronomes relativos se reduziram no PB falado a um simples conector – **que** –, sem nenhuma propriedade pronominal (ou seja, sem propriedade anafórica), denominado pelos estudiosos de **relativo universal**. A sobrevivência dos pronomes relativos parece cada vez mais restrita aos gêneros escritos mais monitorados. No entanto, mesmo aí já encontramos indícios que anunciam a provável extinção futura desses pronomes. (BAGNO, 2011, p. 900).

Entre os autores das gramáticas consultadas, Bagno (2011) é o único que traz, explicitamente e com a nomenclatura, a distinção entre as três estratégias de relativização a que se fez referência, nesta dissertação, na subseção 1.1: a relativa padrão, a relativa cortadora e a relativa copiadora/resumptiva. Além disso, apresenta a relação entre as duas últimas estratégias e as estruturas de tópico, no PB — que é uma das propostas que aqui serão discutidas na subseção 3.5, “As orações relativas no PB”.

O exame dessas quatro obras aponta que estas se distinguem dos manuais tradicionais normativos pelo fato de já incorporarem, em menor ou maior grau, informações decorrentes da pesquisa linguística acerca da língua portuguesa ou do PB, especificamente.

Para o objeto desta dissertação, é importante destacar o seguinte aspecto: enquanto as gramáticas prescritivas informam que as orações adjetivas são introduzidas por pronomes relativos (quando desenvolvidas), as gramáticas descritivas referem-se à possibilidade de essas orações serem introduzidas tanto por elementos com propriedades anafóricas quanto por elementos sem essas propriedades.

### 3.2.3A PERSPECTIVA DA TEORIA LINGUÍSTICA

As gramáticas analisadas em 3.2.2, conforme apontado, incorporam alguns dos dados que as pesquisas em Linguística têm revelado. Neste segmento, continuam-se a expor alguns desses dados e discute-se a perspectiva da teoria linguística para as orações relativas.

Há que se observar que, na pesquisa bibliográfica realizada acerca das orações relativas, costumam-se apresentar dados relacionados ao modo como essas orações são derivadas, discussões sobre que relações há entre o modo como tais orações são estruturadas e a prosódia e a interpretação semântica, além de indagações acerca da natureza dos elementos envolvidos na relativização. Raramente se encontra uma definição do que é uma oração relativa. Duas dessas definições são fornecidas por Andrews (2007) e Vries (2002). Ambos os autores, em seus trabalhos, caracterizam as orações relativas, fazem referência ao fato de a oração relativa ser uma estrutura subordinada e, também, de acarretar implicações semânticas.

Segundo Andrews (2007, p. 206), “a relative clause (RC) is a subordinate clause which delimits the reference of an NP by specifying the role of the referent of that NP in the situation described by the RC”<sup>45</sup>, e a classificação tipológica das orações relativas está relacionada à relação estrutural entre a sentença relativa e a matriz, ao tratamento da função do relativo, às restrições às possibilidades da função do relativo e ao tratamento da sentença relativa como um todo (ANDREWS, 2007, p. 207).

Vries (2002) apresenta um conjunto de três propriedades por ele apontadas como essenciais: a oração relativa é subordinada; a oração relativa está conectada ao material circundante por um constituinte pivô; o papel temático e o papel sintático que o constituinte pivô tem na oração relativa são, em princípio, independentes de seus papéis fora da relativa.

<sup>45</sup> Uma oração relativa (RC) é uma oração subordinada que delimita a referência de um NP [sintagma nominal] pela especificação do papel do referente deste NP em uma situação descrita pela RC. (Tradução nossa).

Essas três propriedades permitem formular uma definição de oração relativa como **uma oração subordinada conectada a uma informação circundante, por meio de um constituinte pivô, semanticamente partilhado pela oração matriz e pela oração relativa.** “What distinguishes relative clauses from other subordinate clauses is that there is a direct link between an element in the relative and in the matrix” (VRIES, 2002, p. 1)<sup>46</sup>.

Considera-se, nesta dissertação, a descrição apresentada por Vries (2002) como mais abrangente e esclarecedora. Em virtude disso, é com base nesse autor que será apresentada a maioria das informações nesta subseção.

Vries (2002, p. 2) analisa as possibilidades de estruturação de orações relativas em relação ao pivô, a partir da comparação de línguas diversas, e fornece os seguintes exemplos literais em inglês (aos quais são aqui acrescentadas as versões em PB)<sup>47</sup>:

(07)a. Jack never reads **books** (*which*) *I recommend to him*.

Jack nunca lê os livros que eu recomendo a ele.<sup>48</sup>

b.< Jack never reads [*I recommend to him*] **books**. >

Jack nunca lê eu recomendo a ele livros.

c.< Jack never reads [*I recommend books to him*]. >

Jack nunca lê eu recomendo livros a ele.

d.<[*Which books I recommend to him*] Jack never reads *them*.>Que livros eu recomendo a ele, Jack nunca lê eles (os lê).

Cada uma dessas sentenças ilustra um tipo de relativa, tomando-se como referência a posição da sentença em relação ao pivô: pós-nominal (07a), pré-nominal (07b), circum-nominal (07c) e correlativa (07d).

Vries (2002) também analisa os elementos relativos e faz referência a pronomes relativos, partículas relativas (complementizadores relativos, marcadores relativos e afixos relativos) e pronomes resumptivos.

<sup>46</sup> O que distingue orações relativas de outras orações subordinadas é que há uma relação direta entre um elemento na relativa e um elemento na matriz. (Tradução nossa).

<sup>47</sup> Apenas a sentença (07a) é percebida como gramatical tanto em inglês quanto em PB.

<sup>48</sup> As glosas em português são traduções livres. Quando a tradução já constar na obra original, isso será indicado.

Relative pronouns are for instance English *which* or *who*. Resumptive pronouns are demonstrative or personal pronouns that occupy the position of the gap in the relative clause. They are not *wh*-moved. A canonical relative particle is the English relative complementizer *that*. Relative markers are sentence-initial particles which are not complementizers, because they show characteristics of pronouns (in particular,  $\phi$ -features), but they are not *wh*-moved, hence do not occupy the gap. They can be found in classifier languages [...]. A relative affix is a verbal affix that indicates in one way or another that the clause is a relative clause (VRIES, 2002, p. 62-63)<sup>49</sup>

As orações relativas do PB são pós-nominais e, devido às características do PB e ao tema desta dissertação, o enfoque será concentrado nos pronomes e complementizadores relativos.

Como as relativas pós-nominais estão relacionadas ao domínio da complementação, isto é, ao domínio de C e SpecCP, Vries (2002, p. 174) apresenta um quadro em que se sintetizam as propriedades dos Determinantes e do núcleo C, em orações relativas. O quadro 03 é a versão, em português, do que o autor propõe:

**Quadro 03** – O domínio COMP das orações relativas

Determinante relativo (em SpecCP)		C		Traços do Determinante relativo			Traços de C	Exemplos
Lexical	Pronome relativo	∅	Compl. relativo	Traços phi	Traço de Caso da subord.	Traço wh	subord.	D + ∅
∅	Pronome relativo	Lexical	Compl. relativo	Traços phi	Traço de Caso da subord.	Traço wh	subord.	∅ + C
∅	Pronome relativo	∅	Compl. relativo	Traços phi	Traço de Caso da subord.	Traço wh	subord.	∅ + ∅
Lexical	Pronome relativo	Lexical	Compl. relativo	Traços phi	Traço de Caso da subord.	Traço wh	subord.	D + C

<sup>49</sup> Pronomes relativos são, por exemplo, *which* e *who*, no inglês. Pronomes resumptivos são demonstrativos ou pronomes pessoais que ocupam a posição da lacuna na oração relativa. Eles não são deslocados por movimento *wh*. Uma partícula relativa canônica é o complementizador relativo *that*, do inglês. Marcadores relativos são partículas em início de sentença que não são complementizadores, porque exibem características de pronomes (em especial, traços-phi), mas não são deslocados por movimento *wh*; portanto, não ocupam a posição da lacuna. Podem ser encontrados em línguas com classificadores [...]. Um afixo relativo é um afixo verbal que indica de algum modo que a oração é relativa. (Tradução nossa).

Essas possibilidades de combinação entre o preenchimento do núcleo C e do SpecCP são ilustradas nas sentenças em (08): as três primeiras são exemplos da língua inglesa e a quarta de dialetos meridionais do alemão (cf. D’AVIS, 1996, p. 96)

- (08)a. The man [<sub>D</sub> whom] [<sub>C</sub> ] you invited.
- b. The man [<sub>D</sub> ] [<sub>C</sub> that] you invited.
- c. The man [<sub>D</sub> ] [<sub>C</sub> ] you invited.
- d. Die Frau [<sub>D</sub> die] [<sub>C</sub> wo] den Hans gesehen hat.<sup>50</sup>

Quando comparados dados do PB, apresentados na Introdução desta dissertação e repetidos a seguir, com as sentenças em (08), observa-se que (02), (04) e (06) parecem corresponder às possibilidades apontadas em (08a), (08b) e (08d). Não se encontrou nenhum dado do PB que se assemelhe a (08c).

- (02) A casa na qual eu morava...
- (04) A casa que eu morava...
- (06) A casa onde que eu morava...

Além dessa variação relacionada ao domínio do CP, Vries (2002) aponta, também, a relação dos elementos presentes no CP com uma posição no interior da sentença relativa: a ocorrência ou não de elementos resumptivos. Esses elementos não aparecem nas sentenças (02), (04) e (06), mas existe na sentença (05), retomada abaixo:

- (05) A casa que eu morava nela...

Vries (2002, p. 2) ressalta que “this variation can be used to determine the position and function of potential empty elements”<sup>51</sup> e conclui que

Thus there is a clear interaction between the syntax and typology of relative clauses in the sense that the typological variation offers invaluable information to determine the right analysis, and, on the other hand, syntax has the ability to explain – or at least describe – the attested variation, and to show the relation between the different constructions. (VRIES, 2002, p. 3)<sup>52</sup>

<sup>50</sup> As três primeiras sentenças traduzem-se por *O homem que você convidou*; a quarta, por *A mulher que viu Hans*.

<sup>51</sup> Essa variação pode ser usada para determinar a posição e função de potenciais elementos vazios. (Tradução nossa).

<sup>52</sup> Portanto, há uma clara interação entre sintaxe e tipologia das orações relativas, no sentido de que a variação tipológica oferece informação inestimável para determinar a análise correta e, por outro lado, a sintaxe possui a habilidade de explicar – ou ao menos descrever – a variação atestada e mostrar a relação entre diferentes construções. (Tradução nossa).

Além das estruturas que caracterizam as orações relativas, há aspectos semântico-pragmáticos que também interferem na classificação dessas orações e no modo como o relativo e o pivô se relacionam com as estruturas em que aparecem. Esses aspectos são tratados na seção 3.3, “Construções relativas e aspectos semântico-pragmáticos da sentença”.

### 3.3 Construções relativas e aspectos semântico-pragmáticos da sentença

As observações feitas, na seção 3.2.3, levam em consideração aspectos morfossintáticos: a posição do pivô em relação à sentença relativa e o tipo de elemento relativo que a introduz. Todavia, há aspectos associados a informações de ordem semântica e pragmática que também impactam na tipologia das orações relativas. O primeiro desses aspectos diz respeito ao tipo de informação semântica que a sentença relativa expressa em relação ao pivô (também denominado de **a cabeça**(*head*) da oração relativa). O segundo diz respeito à estrutura informacional da sentença e sua associação com a situação discursivo-comunicativa.

#### 3.3.1 RESTRIÇÃO, COMENTÁRIO E MAXIMALIZAÇÃO

A tradição gramatical refere-se a dois tipos de construções relativas: as relativas restritivas e as relativas explicativas. Informa-se que o que as diferencia é o fato de que, enquanto as primeiras apresentam um caráter restritivo em relação ao nome em torno do qual ocorre a relativização, a segunda fornece uma espécie de comentário acerca desse nome.

É interessante perceber que, mesmo reconhecendo que se trata de estruturas semelhantes, na teoria linguística a análise é diferenciada para um e outro caso. Andrews (2007, p. 207) faz referência à existência de estruturas que, apesar da similaridade, não podem ser consideradas orações relativas por não delimitarem a referência do pivô. Uma dessas estruturas é exemplificada em (09b)<sup>53</sup>:

(09)a. The Japanese [who are industrious] now outcompete Europe.

Os japoneses [que são aplicados] agora superam em competitividade a Europa.

b. The Japanese, [who are industrious], now outcompete Europe.

<sup>53</sup> Além da construção (09b), Andrews refere-se a orações interrogativas, comparativas e adverbiais como assemelhadas à definição por ele apresentada.

Os japoneses, [que são aplicados], agora superam em competitividade a Europa.

A diferença entre a relativa restritiva (09a) e a relativa explicativa (09b), também denominada relativa apositiva, verifica-se na semântica (a primeira delimita o pivô “The Japanese”; a segunda, não) e na prosódia (em (09b) existe uma pausa entre o pivô e a sentença relativa — na escrita padrão de línguas como o português e o inglês, essa pausa é assinalada pela presença da vírgula).

Vries (2002) também menciona as construções restritivas e apositivas, mas, diferentemente de Andrews (2007), considera-as como tipos diferentes de orações relativas, com aspectos distintos (VRIES, 2002, p. 181 *et seq.*):

- Há línguas, como o inglês, em que o complementizador *that* só pode ser usado em relativas restritivas, enquanto os determinantes relativos podem ser usados tanto em relativas restritivas quanto em relativas apositivas.
- Há restrições à presença de quantificadores com o antecedente da relativa apositiva. Os exemplos em (10) não comportam uma leitura apositiva, conforme indicado nas versões (10b), (10d) e (10f):

(10)a. Não encontrei ninguém que aceitasse participar da entrevista.

b. \*Não encontrei ninguém, que aceitasse participar da entrevista.

c. Procure algum colega que pode apoiar você.

d. \*Procure algum colega, que pode apoiar você.

e. Falarei com todo funcionário que será demitido.

f. \*Falarei com todo funcionário, que será demitido.

Pode-se argumentar, em princípio, que a agramaticalidade de (10b), (10d) e (10f) esteja relacionada ao fato de que o relativo **que**, nelas presente, seja um complementizador e não um determinante. Todavia, a substituição da forma **que** por um determinante relativo parece não melhorar a gramaticalidade:

(10)b'. \*Não encontrei ninguém, o qual aceitasse participar da entrevista.

d'. ?Procure algum colega, o qual pode apoiar você.

f'. \*Falarei com todo funcionário, o qual será demitido.

- Por outro lado, o fato de a gramaticalidade ser melhorada quando os antecedentes estão no plural sugere que as restrições também podem estar relacionadas a noções de referencialidade, definitude e especificidade.

(10)d''. Procure alguns colegas, os quais podem apoiar você.

f'. ?Falarei com todos os funcionários, os quais serão demitidos.

- Relativas restritivas têm apenas DPs como antecedentes<sup>54</sup>. Relativas apositivas podem ter outros sintagmas como antecedentes.
- Relativas restritivas envolvem uma estrutura de subordinação. Relativas apositivas envolvem uma estrutura de coordenação com o antecedente.

Além das restritivas e apositivas, Vries (2002) cita um terceiro tipo de relativa, cuja interpretação envolve uma operação de maximalização, por ele ilustrada com a sentença (11):

(11) (Jill spilled) the milk that there was in the can.

*(Jill derramou) o leite que havia na lata.*

Apesar da semelhança com a relativa restritiva, nesse tipo de construção “the subordinate refers to the *amount* of milk, rather than to the fact that there was milk in the can. In fact, Jill spilled *all* the milk”<sup>55</sup> (VRIES, 2002, p. 16). A maximalização em (11) exemplifica uma oração relativa de grau: a sentença relativa não contém o caráter delimitador da restritiva, tampouco o caráter de comentário da apositiva.

Essa distinção entre uma leitura de restrição e uma leitura de maximalização pode ser exemplificada, em português, em uma sentença como (12), que apresenta ambiguidade de interpretação:

(12) O gato comeu os ratos que havia na caixa.

Em um contexto em que havia ratos somente na caixa e o gato comeu todos eles, a interpretação da relativa é de maximalização. A interpretação restritiva ocorre em um

<sup>54</sup> Cabe observar que o pivô da relativa pode estar no interior de um PP, e a preposição ser deslocada junto com o constituinte pivô, por meio da operação *pied-piping*. É diferente de uma sentença como “Ele olhou para trás, que era onde eu estava”, em que a oração adjetiva está relacionada ao PP diretamente, e não a um DP no interior de um PP.

<sup>55</sup> A subordinada refere-se à *quantidade* de leite, em vez de ao fato de que havia leite na caixa. De fato, Jill derramou *todo* o leite. (Tradução nossa)

contexto em que havia ratos na caixa e, também, em outros lugares, mas o gato só comeu os da caixa<sup>56</sup>.

Vries (2002) inclui no processo de maximalização as relativas livres, isto é, relativas que não apresentam um item nominal como cabeça da relativa – o qual fica contextualmente subentendido.

Dentre as relativas livres, Vries (2002) faz uma distinção interessante entre relativas livres verdadeiras e falsas: nestas, não há pivô nominal, mas aparece um determinante antecedendo o relativo; naquelas, não aparecem nem o pivô nem o determinante.

Assim, a sentença destacada em (13a) constitui uma relativa livre verdadeira; em (13b), uma relativa livre falsa; em (13c), uma relativa restritiva:

(13)a. **Quem se atrasar** será punido.

b. Aquele **que se atrasar** será punido.

c. O aluno **que se atrasar** será punido.

No que diz respeito à relativa livre verdadeira, chama a atenção o fato de este tipo de relativa ter sua interpretação associada a uma leitura universal: “Quem se atrasar...” = “Todo aquele que...”.

Já a diferença entre a relativa livre falsa e a relativa restritiva, segundo Vries (2002), reside somente no fato de que não há um elemento nominal pivô.

Contudo, considerando a perspectiva segundo a qual a relativização está associada a uma informação presente no discurso, acessível e identificável pelos interlocutores, parece ser mais apropriado considerar a relativa livre falsa como uma relativa restritiva em que ocorre elipse de NP.

Lobeck (1995, p. 43 *et seq.*) aponta que a elipse de NP, em inglês, pode ocorrer quando esse constituinte é introduzido por elementos como possessivos, alguns quantificadores, numerais ou demonstrativos, argumenta que tal possibilidade está relacionada à presença de traços fortes de concordância em D e defende que “ellipted constituents [...] are analyzed as the empty complements of X<sup>0</sup> heads, empty categories which must be licensed and identified”<sup>57</sup> (LOBECK, 1995, p. 65).

<sup>56</sup> Além dessa interpretação, é possível, para alguns leitores – inclusive para o autor desta dissertação – a leitura partitiva, correspondendo a um contexto em que o gato comeu parte dos ratos que havia na caixa, mas não todos eles.

<sup>57</sup> Constituintes elípticos [...] sejam analisados como complementos vazios de núcleos – projeção X<sup>0</sup> –, categorias vazias que devem ser licenciadas e identificadas. (Tradução nossa)

Martinho (1998) argumenta que, em português, a elipse de NP é licenciada pela maioria dos quantificadores<sup>58</sup> (incluindo numerais), por possessivos, por demonstrativos, por adjetivos e por artigos definidos.

É interessante observar que, nos exemplos fornecidos para a elipse de NP nas situações em que, para Martinho (1998), o adjetivo licencia essa elipse, há sempre um artigo definido presente. Além disso, observa que, no que diz respeito à elipse com artigos definidos, “a construção só é legitimada se um artigo definido for seguido de um complemento do tipo restritivo, oracional ou adjetival, ou de genitivo” (MARTINHO, 1998, p. 75). Nesse sentido, mesmo a elipse atribuída ao adjetivo tem relação com o determinante.

A conclusão a que chega Martinho (1998) é que, apesar de o licenciamento (que ele denomina legitimação) e a identificação serem aspectos envolvidos na elipse de NP, elas não operam do mesmo modo:

O primeiro tipo [legitimação] exigiria crucialmente, numa relação de simetria acentuada, a presença declarada de algum tipo de antecedente que lhe fornecesse, ao mesmo tempo, identidade sintáctica e reconstrução contextual. O segundo [identificação] seria baseado na ausência de qualquer antecedente explícito, e corresponderia a um processo de lexicalização motivado pelos valores e o conhecimento do mundo comuns aos locutores de uma língua. Estes dois tipos estão obviamente próximos em termos de estrutura de constituintes —as condições de legitimação são as mesmas—, mas supõem bases semânticas distintas: o primeiro tipo de elipse assenta genericamente num processo de identificação que reconstitui o conteúdo do nome vazio por co-referência, enquanto o segundo implica que o nome vazio recupera a sua identificação no processo de lexicalização de uma dada construção, com base no conhecimento do mundo dos falantes. A interpretação do primeiro tipo de vazio nominal depende de mecanismos sintácticos no quadro dos *parâmetros* da língua do locutor, mas o segundo tipo é um fenómeno *pragmático*, a remeter para o domínio do uso da língua. (MARTINHO, 1998, p. 143).

Assim, mais uma vez, as noções de referencialidade, definitude e especificidade aparecem na estruturação e interpretação das relativas. Esses tópicos serão discutidos na subsecção 5.4.

### 3.3.2 RELATIVIZAÇÃO E TÓPICO

Tanto na definição do que é uma oração relativa apresentada por Andrews (2007) quanto na de Vries (2002), surgem referências à relação entre a oração relativa, o pivô e a

---

<sup>58</sup> Martinho (1998) ressalta que a forma **cada** não licencia a elipse.

situação comunicativa. Nesse sentido, estabelece-se uma ligação entre as orações relativas e a estrutura informacional da sentença.

Conforme Lambrecht (1994, p. 5), “the information structure of a sentence is the formal expression of the pragmatic structuring of a proposition in a discourse”<sup>59</sup>. Nessa perspectiva, a relativização, ao envolver os aspectos morfosintáticos e semânticos apontados em 3.3.1, está obviamente relacionada com a estrutura informacional da sentença, ainda mais quando se considera que

Information structure is formally manifested in aspects of prosody, in special grammatical markers, in the form of syntactic [in particular nominal] constituents, in the position and ordering of such constituents in the sentence, in the form of complex grammatical constructions, and in certain choices between related lexical items. (LAMBRECHT, 1994, p. 6)<sup>60</sup>

Ao tratar das orações relativas restritivas, Lambrecht (1994, p. 51) aponta que tais orações ajudam o ouvinte a determinar o referente de um sintagma — no caso, o pivô da relativa —, ao relacioná-lo a uma informação já conhecida (o conteúdo da relativa).

Lambrecht (1994) chama atenção para o fato de que a relação entre um referente e uma proposição constitui uma relação de tópico, sendo este a entidade com que se relaciona a proposição (LAMBRECHT, 1994, p. 127). Por essa definição, as relativas restritivas estão associadas a uma expressão de tópico, no sentido de que seu referente precisa estar acessível no discurso (LAMBRECHT, 1994, p. 131).

O resultado disso é que é preciso indagar se o trecho destacado em uma sentença como (14), em que o sintagma nominal “livro” é introduzido por “um”, é uma construção relativa:

(14) Eu peguei um livro **que havia sobre a mesa.**

Essa sentença pode ter duas interpretações, a depender do contexto em que é pronunciada. Como resposta a uma pergunta como “Que livro você pegou?”, (14) atende à ideia de presença do discurso e, desse modo, pode ser considerada uma construção relativa.

---

<sup>59</sup> A estrutura informacional da sentença é a expressão formal da estruturação pragmática de uma proposição em um discurso. (Tradução nossa).

<sup>60</sup> A estrutura informacional é formalmente manifestada em aspectos da prosódia, em marcadores gramaticais especiais, na forma de constituintes sintáticos [nominais, em particular], na posição e ordem desses constituintes na sentença, na forma de construções gramaticais complexas e em certas escolhas entre itens lexicais relacionados. (Tradução nossa).

Nesse caso, “um” parece expressar a noção de cardinalidade e, portanto, revela um aspecto de constituinte identificável no contexto discursivo.

Situação diferente ocorreria se (14) fosse uma resposta a uma pergunta como “O que você pegou?”. Nesse caso, “um livro” é uma informação que não é pressuposta, não está acessível no discurso. Isso descaracteriza a estrutura de Tópico e, por sua relação com uma informação nova, está mais aproximada de uma construção de Foco. O resultado é que, nessa leitura, o trecho destacado em (14) não deve ser considerado uma oração relativa restritiva.

A distinção fica mais clara se as respostas sofrerem um processo de clivagem, estrutura associada à focalização de constituintes, em que há elipse do pivô. Os exemplos **c**, **de e**, em (15) e (16), ilustram essa diferença:

(15) Que livro você pegou?

- a. Eu peguei um que havia sobre a mesa.
- b. Eu peguei foi um que havia sobre a mesa.
- c. O que eu peguei foi um que havia sobre a mesa.
- d. Um que havia sobre a mesa [foi que eu peguei].
- e. Foi um que havia sobre a mesa [que eu peguei].

(16) O que você pegou?

- a. \*Eu peguei um que havia sobre a mesa.
- b. \*Eu peguei foi um que havia sobre a mesa.
- c. \*O que eu peguei foi um que havia sobre a mesa.
- d. \*Um que havia sobre a mesa [foi que eu peguei].
- e. \*Foi um que havia sobre a mesa [que eu peguei].

Em (15), a resposta é fornecida para uma pergunta QU- ligada ao discurso, também denominada *Discourse-linked Wh questions* (*D-linked*) e vai ao encontro do que afirma Lambrecht (1994, p. 130): “both the head noun and the complex noun phrase containing the relative clause may well be focus expressions”<sup>61,62</sup>.

Esse tipo de pergunta tem comportamento distinto de outras perguntas QU-, como em (16), e, ao analisá-las, Pesetsky (1987) defende a ideia de que as diferenças que apresentam em relação às demais interrogativas devem-se ao fato de os elementos

<sup>61</sup>Tanto o pivô quanto o sintagma nominal complexo que contém a oração relativa podem ser expressões de foco. (Tradução nossa).

<sup>62</sup>Na descrição que faz das relativas, percebe-se que Lambrecht as interpreta como sendo estruturas associadas a um sintagma externo à sentença. A esse respeito, ver subseção 3.4, nesta dissertação.

interrogativos *D-linked* não serem operadores e, por não se ligarem a uma variável no interior da sentença, não sofrem as mesmas restrições que se verificam em interrogativas não-*D-linked* (p. 108-109).

Mioto e Kato (2005), ao confrontarem interrogativas do PB e do PE, afirmam que

Um Q *D-linked* pode não ser considerado um operador de pleno direito. A diferença em relação a um Q leve pode ser construída em termos do processo de quantificação que se instaura: um Q leve vincula uma variável em posição A [...]; por sua vez, a variável para o “determinante” *que* de uma expressão Q pesada pode se localizar na própria expressão Q [...]. (MIOTO; KATO, 2005, p. 186).

Desse modo, em vez de desconsiderar o papel de operador do elemento *wh-* em interrogativas *D-linked*, o mais adequado seja considerá-lo como outra espécie de operador, cujo escopo esteja limitado pelo elemento nominal e associado à presença desse elemento nominal no universo discursivo, como se observa nas construções com operadores existenciais (17a) e (17b) e com operadores interrogativos (17c) e (17d).

(17) a. Alguém telefonou para Maria. →*existex*; *x* telefonou para Maria:

{ $\exists x$  :*x* telefonou para Maria}.

b. Algum aluno telefonou para Maria. →*existex*; *x* telefonou para Maria; *x* é aluno:

{ $\exists x$  :*x* telefonou para Maria; *x* é aluno}

c. Quem telefonou para Maria? →*existex*; *x* telefonou para Maria; quem é *x*:

{ $\exists x$  :*x* telefonou para Maria; *wh-x*}

d. Que/Qual aluno telefonou para Maria? →*existex*; *x* telefonou para Maria; *x* é aluno; quem é *x*:

{ $\exists x$  :*x* telefonou para Maria; *x* é aluno; *wh-x*}

A resposta com a elipse de NP (a relativa livre falsa, na análise de Vries (2002)) só é possível em um contexto em que o elemento envolvido na relativização está presente no discurso (como as sentenças *D-linked*, em (15)). Quando se opera a focalização por clivagem, ela atua sobre o conjunto formado pelo Determinante e pelo CP relativo.

As sentenças em (16) não permitem a elipse do NP pela impossibilidade de sua recuperação pelo contexto discursivo, pois a informação ainda não está presente no discurso, e a focalização não opera sobre um constituinte vazio.

A distinção entre relativização e clivagem será discutida e aprofundada na seção 4 desta dissertação, ainda mais quando se leva em consideração que há operações sintáticas que parecem ser motivadas pela ocorrência de traços de Tópico e de Foco na derivação de sentenças (cf. ESTERCHIK-SHIR, 2007; MIYAGAWA, 2010).

### 3.4 Possibilidades de derivação de orações relativas

Com base no que se expôs nos itens 3.2 e 3.3, observa-se que há uma série de elementos envolvidos na derivação de orações relativas. Bianchi (2002(a)), por exemplo, ressalta que

At the level of descriptive adequacy, at least one important fact must be accounted for: different relativization strategies may co-exist within one and the same language, and their distribution is constrained with respect to the nature of the relativization site [...] and with respect to the semantic type of the relative clause. (BIANCHI, 2002(a), p. 197)<sup>63</sup>

A variedade de elementos envolvidos na relativização tem levado a que as propostas de análise das construções relativas sejam (re)visitadas. Contemporaneamente, há três possibilidades gerais de derivação de sentenças relativas, segundo as quais relativização ocorre: **(a)** por correspondência (*matching analysis*), **(b)** por um pivô externo (*head external analysis*) ou **(c)** por alçamento do pivô (*head raising analysis*). Nos parágrafos que se seguem, apresenta-se, em linhas gerais, cada uma dessas propostas<sup>64</sup>.

<sup>63</sup> No nível da adequação descritiva, deve-se dar conta ao menos de um fato importante: diferentes estratégias de relativização podem coexistir em uma mesma língua, e sua distribuição é restrita no que diz respeito à natureza do local da relativização e ao tipo semântico da oração relativa. (Tradução nossa).

<sup>64</sup> Para uma abordagem mais detalhada, ver Kayne (1994), Bianchi (2002a, 2002b), Kenedy (2002), Vries (2002), Sauerland (2003), Andrews (2007).

### 3.4.1 RELATIVIZAÇÃO POR CORRESPONDÊNCIA (*MATCHING*)

A hipótese da relativização por correspondência (*matching analysis*) encontra suas bases em Chomsky (1965). A ideia geral é que o pivô é gerado fora da oração relativa. Alguns de seus desdobramentos recentes podem ser vistos em Sauerland (2003) e estão relacionados, principalmente, a efeitos de reconstrução e à violação do princípio C de ligação, segundo o qual uma expressão referencial deve ser livre.

A estrutura em (18) ilustra a derivação de uma relativa segundo essa análise:

(18) [DP [D] [NP [NP] [CP [DP[~~NP~~]]<sub>i</sub> [IP ...<sub>i</sub>]]]]

O DP relativo contém uma cópia do NP cabeça da relativa. Esse DP é deslocado para SpecCP e, após a adjunção do CP relativo ao NP pivô, o NP complemento do DP relativo é apagado.

### 3.4.2 RELATIVIZAÇÃO POR PIVÔ EXTERNO (*HEAD EXTERNAL*)

A hipótese da relativização por pivô externo (*head external analysis*) encontra suas bases em Chomsky (1977). Considerando, em termos minimalistas, a proposta apresentada, a ideia geral é que a sentença relativa é adjungida ao núcleo nominal, gerado fora do CP e considerado complemento do determinante externo (artigo, demonstrativo, etc...).

Nessa hipótese, o determinante relativo ou um operador nulo são deslocados do interior da relativa para a periferia da sentença e, por uma operação de predicação, o operador relativo (foneticamente realizado ou nulo) e o NP externo se relacionam. Isso implica não haver uma representação interna do NP no interior da relativa, como ilustrado em (19):

(19) [DP [D ] [NP [NP] [CP [Spec [Op/Det<sub>i</sub>]][C' [C] [IP ...<sub>i</sub>]]]]]

Chomsky (1977) propõe que, no domínio do COMP (atual CP), há também um complementizador (*that*, em inglês) e, por uma regra de apagamento, o determinante relativo ou o complementizador (ou ambos) são apagados. A realização fonética simultânea do determinante e do complementizador é impedida pela aplicação do filtro de duplo preenchimento de COMP.

### 3.4.3 RELATIVIZAÇÃO POR ALÇAMENTO DO PIVÔ (*HEAD RAISING*)

A hipótese da relativização por alçamento do pivô (*head raising analysis*) encontra suas bases principalmente em Vergnaud (1974). A ideia geral é que núcleo nominal é gerado dentro da sentença relativa, de onde é deslocado.

Atualmente, a análise mais recorrente é a proposta por Kayne (1994), fundamentada no LCA (*Linear Correspondence Axiom* — Axioma de Correspondência Linear), segundo o qual a GU permite que a posição à direita dos núcleos seja reservada apenas para complementos — não se permite, assim, adjunção à direita. No caso das construções relativas, isso implica que o CP relativo precisa ser complemento do elemento ao qual se liga.

Kayne (1994) também propõe que, nas estruturas em que um pronome relativo é pronunciado, o elemento deslocado do interior da sentença é um DP; nas estruturas em que um complementizador relativo é pronunciado ou tanto o pronome quanto o complementizador não são pronunciados, o elemento deslocado do interior da relativa é um NP.

Todavia, considerando que o elemento relativizado é gerado no interior da sentença relativa, em posições sintáticas características de DPs, Borsley (1997) postula que o sintagma deslocado do interior da relativa não pode ser um NP.

Bianchi (1999) argumenta que, mesmo nas orações relativas em que um complementizador relativo é pronunciado, há um determinante relativo foneticamente nulo. Desse modo, o tratamento das relativas passa a ser uniforme e a derivação de uma sentença relativa segundo essa análise ocorre conforme ilustrado em (20).

(20) [DP [D ] [CP [DP<sub>i</sub>] [C'[C] [IP [...]<sub>i</sub>]]]]

O NP contido no DP envolvido na relativização é deslocado para o SpecDP, após o DP pousar em SpecCP. Caso DP seja complemento de uma preposição, pode haver somente o deslocamento do DP, o que gera uma estrutura com abandono de preposição (*preposition stranding*), ou o PP pode ser deslocado junto com o DP, o que gera uma estrutura com *pied-piping*. Neste último caso, o pivô é deslocado para o SpecPP, como em (21):

(21) [DP [D ] [CP [PP<sub>i</sub>] [C'[C] [IP [...]<sub>i</sub>]]]]

Kenedy (2007), com base na análise das relativas por *head raising* e no *Princípio de Economia*, argumenta que *pied-piping* é uma operação mais custosa e, desse modo, só atua

como estratégia de último recurso em situações em que a ausência dessa operação implica agramaticalidade da sentença (como em interrogativas QU- introduzidas por preposição). No caso de construções relativas, há operações mais econômicas envolvendo apenas o deslocamento do DP do interior do PP. O tratamento dado à preposição pode envolver o abandono de P, a realização de um resumptivo após P ou apagamento de P. Assim, conclui Kenedy (2007), a ocorrência *depied-piping*, em orações relativas, viola uma condição do C<sub>HL</sub> e, portanto, “não pode ser derivado naturalmente, tendo de ser cultivado de maneira artificial e, na verdade, antinatural” (KENEDY, 2007, p. 181).

### 3.5 As orações relativas no Português Brasileiro

Os estudos acerca das orações relativas no PB costumam partir da constatação de que, entre o que se prescreve como padrão gramatical normativo (conforme visto na subseção 3.2.2) e o que, de fato, os falantes da língua produzem, há diferenças estruturais significativas — as quais resultam de operações sintáticas distintas e configurações funcionais particulares das estratégias empregadas na derivação fora do padrão normativo.

Tais estudos geralmente tomam como referência os trabalhos de Tarallo (1983, 1993) e de Kato (1993), o qual foi revisitado e modificado por Kato e Nunes (2009). Os próximos parágrafos apresentam as perspectivas de uma e outra abordagem para a descrição das relativas, no PB. Há que se ressaltar que a proposta de Tarallo (1983, 1993) é anterior ao desenvolvimento do Minimalismo, enquanto a proposta de Kato (1993), ao ser revista por Kato e Nunes (2009), já se encontra nesta abordagem.

#### 3.5.1 O QUE COMPLEMENTIZADOR: A PROPOSTA DE TARALLO (1983, 1993)

Tarallo (1983, 1993) baseia-se em estudos realizados acerca do português falado na cidade de São Paulo (dados sincrônicos) e textos escritos de cartas e peças de teatro (dados diacrônicos). A análise dos dados aponta para a existência de diferentes estratégias de relativização no PB e leva à observação de que, além da relativa padrão,

no uso moderno brasileiro, há três estratégias típicas de relativização. O primeiro tipo é, ao menos na superfície, idêntico às relativas encontradas na norma padrão [e (...)] apresenta uma lacuna.

O segundo tipo de estratégia de relativização não apresenta lacuna. Ao contrário, a posição da lacuna é preenchida por uma forma pronominal co-referente com o sintagma nominal cabeça da relativa.

O terceiro tipo de estratégia de relativização ocorre quando o sintagma nominal relativizado é objeto de preposição. Neste tipo, [...] tanto a preposição governante quanto o sintagma relativizado estão ausentes. (TARALLO, 1993, p.85-86)

Embora se refira, em sua citação, à contemporaneidade, as novas estratégias de relativização são encontradas por Tarallo (1983, 1993) já em dados do século XIX. O autor classifica as estratégias acima como relativa com lacuna, relativa com pronome lembrete<sup>65</sup> e relativa cortadora, respectivamente, e estão ilustradas em (22), (23) e (24):

(22) Tem as que (*e*) não estão nem aí, não é? (TARALLO, 1993, p. 85).

(23) Você acredita que um dia teve uma mulher *que ela* queria que a gente entrevistasse ela pelo interfone? (TARALLO, 1993, p. 86).

(24) E uma pessoa *que* essas besteiras que a gente fica se preocupando (*com*) (*e*), ela fica esquentando a cabeça (TARALLO, 1993, p. 86).

Com base nesses dados, Tarallo (1983, 1993) defende que, no PB, existem dois tipos de relativa: uma na qual há movimento do relativo e outra na qual esse movimento não se verifica. O primeiro tipo corresponde à relativa padrão, na qual há um elemento pronominal e que apresenta  *piedpiping*  quando a função relativizada é preposicionada – a preposição acompanha o pronome relativo para o início da sentença relativa.

O segundo tipo é uma estrutura em que a relativização é feita com um complementizador. Nesse tipo de estrutura, não há movimento e o pronome resumptivo pode ser realizado foneticamente na posição em que é inserido na sentença, ou ser apagado (no caso da relativização de estruturas preposicionadas, ocorre também o apagamento da preposição) – o resultado do preenchimento dos elementos pronominais é a relativa com pronome lembrete; o resultado do apagamento da preposição é a relativa cortadora.

No que diz respeito ao apagamento em contextos nos quais a função relativizada é a de sujeito ou a de objeto direto (sintagmas que não são preposicionados), verifica-se um problema de ambiguidade estrutural, pois não há como saber se a relativa resulta de um movimento (relativa padrão) ou de um processo de apagamento (relativa com lacuna) e, conseqüentemente, se o relativo é um pronome ou um complementizador.

<sup>65</sup> A estratégia de relativização com pronome lembrete também é denominada, na literatura, como estratégia copiadora ou estratégia resumptiva.

É preciso ressaltar que a proposta de Tarallo (1983, 1993) é anterior ao trabalho de Kayne (1994), com o LCA, e de Bianchi (1999); portanto, anterior à retomada da análise por alçamento de pivô – quer com o complementizador relativo, quer com o determinante relativo (foneticamente realizado ou nulo).

Um outro olhar sobre a derivação de relativas, em PB, com um complementizador é apresentado por Kenedy (2002). Adaptando a análise por alçamento às estruturas relativas do PB com um complementizador, Kenedy (2002, p. 80) apresenta a seguinte estrutura derivacional para esse tipo de relativa.

- (25) a. [DP [D ] [CP [DP<sub>k</sub> [NP [N]]] [C' [C que] [IP [... DP<sub>k</sub>]]]]]  
 b. O livro<sub>i</sub> que eu li ~~livro~~<sub>i</sub>

Kenedy (2002) adota a Teoria do Movimento por Cópia (*Copy theory of movement*)<sup>66</sup>, segundo a qual a operação de movimento de constituintes consiste, na verdade, na produção de uma cópia (após um primeiro *Merge*) do elemento a ser deslocado e, em seguida, na realização de uma nova concatenação (novo *Merge*) em um outro ponto da sentença. Como resultado, forma-se uma cadeia e ocorre o apagamento do(s) elemento(s) mais baixo(s) da cadeia. Em (25), após a inserção do DP alvo da relativização (no caso, “livro”), esse constituinte é copiado e novamente introduzido na periferia da sentença e a cópia mais baixa do constituinte é apagada.

Segundo Kenedy (2002), além de aspectos relacionados à economia derivacional,

Outro argumento a favor do *que* como complementador nas relativas é que em PB, diferentemente das interrogativas QU-, a relativização não permite a ocorrência de duplos *quês*, como em [o que que você viu?] vs. [\* a coisa que que você viu], [que livro que você leu?] vs. [\* o livro que que você leu]. Nas interrogativas, os duplos *quês* são licenciados na medida em que o primeiro é derivado como pronome e outro como complementador. Na relativização, pode-se sustentar que o duplo *que* não é possível, pois esse elemento deve figurar apenas como complementador fato que torna impossível sua reduplicação. (KENEDY, 2002, p. 84)

Ressalte-se que, embora partilhe com Tarallo (1983, 1993) a análise do *que* relativo como complementizador, Kenedy (2002) distingue-se daquele ao postular a ocorrência de deslocamento do pivô da relativa, mesmo com um complementizador. Além disso, também considera que a relativa padrão do PB envolve um complementizador.

<sup>66</sup>Ver Chomsky (1995, p. 251 *et seq.*).

### 3.5.2 O QUE DETERMINANTE: A PROPOSTA DE KATO (1993)

Kato (1993) — e, posteriormente, Kato e Nunes (2009) — diverge de Tarallo (1983, 1993) no que diz respeito à natureza do relativo e ao ponto na sentença a partir do qual ocorre a relativização. Enquanto, para Tarallo (1983, 1993), nas relativas não-padrão, o articulador tem um papel similar ao do conectivo subordinativo integrante (trata-se de um relativizador, núcleo do CP), para Kato (1993), ele mantém seu caráter de especificador do CP e, por conseguinte, preserva seu valor anafórico, submetendo-se a regras de movimento.

Adotando a perspectiva segundo a qual o PB possui construções com deslocamento à esquerda (LD), Kato (1993) apresenta uma solução para que o princípio da subjacência<sup>67</sup> não seja violado, pois

a falta do efeito de ilha observada nas relativas com pronome resumptivo não se deve [...] à falta de movimento, como fazem pensar Tarallo e outros, mas ao fato de uma variável em LD poder manter uma relação de correferência com pronomes distantes, atravessando barreiras, uma vez que correferência, ao contrário de ligação, não se submete à subjacência (KATO, 1993, p. 228)

Para Kato (1993), enquanto nas relativas padrão, o elemento relativizado é extraído do interior do IP, nas relativas não-padrão (com resumptivo e cortadora), o elemento relativizado é extraído de uma posição de tópico, exterior ao IP.

Kato (1993, p. 227) fornece os seguintes exemplos para a relativa padrão e para a relativa com resumptivo, respectivamente:

(26) A moça (<sub>CP</sub> com quem<sub>i</sub> (<sub>IP</sub> eu falei (<sub>PP</sub> t<sub>i</sub>) ontem)).

(27) A moça (<sub>CP</sub> que<sub>i</sub> (<sub>LD</sub> t<sub>i</sub>) (eu falei com ela<sub>i</sub> ontem))).

Kato e Nunes (2009) revisitam Kato (1993) e adaptam a análise lá realizada à proposta de derivação de orações relativas por alçamento (*raising*). Defendem que, tanto nas relativas padrão quanto nas não-padrão do PB, a relativização envolve um determinante relativo e não um relativizador, o que implica que o núcleo C não é preenchido. A diferença entre ambas as estratégias reside no fato de que, nas construções não-padrão, a relativização ocorre a partir de uma posição de tópico à qual se liga um pronome resumptivo no interior da

<sup>67</sup> É um princípio que impõe restrições ao deslocamento de constituintes na sentença que ultrapasse outros tipos de constituintes com propriedades específicas. Essa noção será retomada na seção 5 desta dissertação.

sentença relativa —este pronome pode ser foneticamente realizado ou nulo (um *pro*) —, como se ilustra em (28), (29) e (30):

(28) a. [aquela [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> pessoa<sub>i</sub> [<sub>DP</sub> que t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [<sub>CP</sub> C [<sub>IP</sub> t<sub>k</sub> comprou o livro]]]]].

b. [o [<sub>CP</sub> [<sub>PP</sub> livro<sub>i</sub> [<sub>PP</sub> de [<sub>DP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>DP</sub> que t<sub>i</sub>]]]]]<sub>k</sub> [<sub>CP</sub> C [<sub>IP</sub> você precisa t<sub>k</sub>]]]]]

(29) a. Eu tenho [uma [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> amiga<sub>i</sub> [<sub>DP</sub> que t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [<sub>CP</sub> C [<sub>LD</sub> t<sub>k</sub> [<sub>IP</sub> ela<sub>k</sub> é muito engraçada]]]]].

b. Este é [o [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> livro<sub>i</sub> [<sub>DP</sub> que t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [<sub>CP</sub> C [<sub>LD</sub> t<sub>k</sub> [<sub>IP</sub> você vai precisar dele<sub>k</sub> amanhã]]]]]

(30) a. Este é [o [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> livro<sub>i</sub> [<sub>DP</sub> que t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [<sub>CP</sub> C [<sub>LD</sub> t<sub>k</sub> [<sub>IP</sub> eu entrevistei a pessoa que escreveu *pro*<sub>i</sub>]]]]].

b. Este é [o [<sub>CP</sub> [<sub>DP</sub> livro<sub>i</sub> [<sub>DP</sub> que t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [<sub>CP</sub> C [<sub>LD</sub> t<sub>k</sub> [<sub>IP</sub> você estava precisando *pro*<sub>i</sub>]]]]]

As sentenças (28), (29) e (30), transcritas de Kato e Nunes (2009, p. 114-115), ilustram as estratégias padrão, não padrão com resumptivo realizado foneticamente e não padrão com resumptivo nulo, respectivamente, cada uma delas com uma estrutura em que o elemento relativizado está em uma função não-preposicionada e em uma função preposicionada.

### 3.5.3 OUTROS ASPECTOS DAS RELATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Além de Tarallo (1983, 1993), Kato (1993) e Kato e Nunes (2009), outros pesquisadores também se debruçaram sobre as construções relativas, no PB, apontando alguns outros aspectos.

Zuaini (1988) propõe que, por conta das ocorrências de construções de tópico no PB, a diferença entre as construções padrão e não padrão reside no fato de que

Na sentença relativa clássica temos a proeminência de sujeito e na sentença relativa em que pronome e ‘pro’ estão em alternância temos a proeminência de tópico.

Nesta perspectiva de alternância entre pronome lembrete e ‘pro’, não é o pronome lembrete que confere ao SN um valor de tópico, mas é o próprio SN que se apresenta como tal e, quando fica dúvidas sobre se é tópico ou

sujeito temos o pronome lembrete para esclarecer a ambiguidade.(ZUAINI, 1988, p. 48)

Além disso, Zuaini (1988) argumenta que apenas nas relativas restritivas ocorre uma variável ligada a um operador. A categoria vazia *pro* apenas ocorre em relativas descritivas, um conceito que, pelos exemplos elencados no texto de Zuaini (1988), parece abranger tanto relativas apositivas quanto relativas de maximalização.

Silva e Lopes (2007), partindo de uma abordagem funcionalista, analisam as propriedades dos pronomes relativos e das conjunções integrantes e defendem que, nas relativas não-padrão do PB, ocorre

a “perda” da característica prototípica da categoria pronominal do *que* relativo: exercer função sintática na oração a que pertence, retomando ou representando seu antecedente. Esse “abandono” o aproxima das conjunções, ou seja, o item fica reduzido a um mero elemento de ligação entre duas orações, um simples juntivo ou elemento nexual. (SILVA; LOPES, 2007, p. 83).

Silva e Lopes (2007, p. 83) apresentam um quadro em que são sintetizadas essas propriedades. Essas informações estão reproduzidas no quadro 04.

**Quadro 04** – Propriedades distintivas entre pronomes relativos e conjunções

CARACTERÍSTICAS	PRONOMES RELATIVOS (ORAÇÕES ADJETIVAS)	CONJUNÇÃO INTEGRANTE (ORAÇÕES COMPLETIVAS / INTEGRANTES / SUBSTANTIVAS)
FUNÇÃO SINTÁTICA	Pronome relativo exerce função sintática na oração que introduz.	Conjunção integrante NÃO exerce função sintática na oração que introduz.
ELEMENTO QUE ENCABEÇA / INTRODUZ A ORAÇÃO SUBORDINADA (OU A POSIÇÃO DE COMPLEMENTIZADOR)	Preenchimento obrigatório.	Preenchimento não obrigatório: *Orações finitas (presente) *Orações não-finitas (ausente)
RELAÇÃO DE DEPENDÊNCIA COM A ORAÇÃO PRINCIPAL / MATRIZ	Estabelecida com a expressão nominal antecedente.	Estabelecida como um argumento interno de um núcleo lexical (nome, verbo ou adjetivo)
FLEXÃO	Pronome relativo pode ou não concordar com o termo antecedente da oração principal / matriz.	Conjunção integrante NÃO sofre flexão, é sempre invariável.
RELAÇÃO ANAFÓRICA	Pronome relativo estabelece uma relação anafórica com o termo antecedente na oração principal (retoma o antecedente).	Conjunção integrante não é anafórico, não retoma o termo antecedente da oração principal, é um mero elemento conectivo.

Ao analisarem dados da língua falada e da língua escrita, Silva e Lopes (2007) observam que a maioria das estruturas de relativização envolve as funções de sujeito e de objeto direto, o que deixa as construções relativas bastante parecidas com as construções de subordinação introduzidas pela conjunção **que**. Concluem que “a frequência de uso das relativas de sujeito/objeto resultou no enfraquecimento semântico do *que* como um pronome anafórico” e, como consequência, provocou “a generalização da estrutura superficial da estratégia cortadora em todos os contextos” (SILVA; LOPES, 2007, p. 97).

Silva (2007), em um estudo variacionista, apresenta dados da produção escrita de representantes do PB (um grupo é formado por docentes, com nível superior, das redes pública e privada, do Distrito Federal; o outro grupo é formado por estudantes do curso de Letras da Universidade de Brasília) em situações de uso monitorado da língua.

Segundo Silva (2007), o emprego de estratégias não-padrão em um e outro grupo é proporcionalmente bastante próximo (em torno de um terço das ocorrências) e, dentre as construções não-padrão, não se constatou a ocorrência de relativas com resumptivo: os dados apontam para um uso majoritário de estruturas cortadoras, ao lado de ocorrências consideradas “erros de performance”, em que houve uma tentativa de emprego do padrão, sem que o resultado tenha sido uma estrutura padrão, uma cortadora ou uma resumptiva.

Lessa-de-Oliveira (2008) analisa a aquisição de orações relativas por falantes do PB, adotando a perspectiva de que as relativas não-padrão do PB são derivadas a partir de uma posição de LD. Observa que, no caso das relativas restritivas, a relativização envolvendo as posições de sujeito e de objeto são mais econômicas quando a derivação implica movimento (entendido como cópia + concatenação) do que quando implica pronominalização<sup>68</sup>. Considera que “pelo fato de a aquisição dar preferência à derivação mais econômica, a criança não encontra problema para adquirir as relativas de sujeito e de objeto direto como estratégia de movimento” (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2008, p. 168).

Em decorrência do Princípio de Economia, Lessa-de-Oliveira (2008) argumenta que a aquisição de relativas em que o constituinte alvo da relativização faz parte de um PP, as estratégias não-padrão são mais econômicas, visto que *pied-piping* é uma operação mais custosa.

Em sua tese, Lessa-de-Oliveira (2008) também traz informações bastante relevantes acerca das relativas livres e apositivas do PB. Propõe que as estratégias não-

---

<sup>68</sup> Lessa-de-Oliveira (2008) adota a perspectiva de que as relativas não-padrão do PB contêm um resumptivo, o qual pode ser foneticamente realizado ou nulo, em perspectiva afim à encontrada em Kato e Nunes (2009). Há que se observar, todavia, que, em seu texto, Lessa-de-Oliveira (2008) menciona uma versão anterior, ainda não publicada, do texto de Kato e Nunes (2009).

padrão também podem ser empregadas em relativas livres. Isso implica que essas estruturas também são derivadas com um DP em uma posição de LD, o que “cria a possibilidade de o constituinte relativizado de relativas livres [...] participarem de relações sintáticas pertinentes a um DP, no domínio da matriz” (LESSA-DE-OLIVEIRA, 2008, p. 87).

Lessa-de-Oliveira (2008) defende que, no PB, as relativas apositivas somente são derivadas pela estratégia padrão, uma vez que esse tipo de sentença rejeita a presença de resumptivos – quer foneticamente realizados, quer nulos.

### 3.6 Considerações parciais

O panorama apontado nesta seção ilustra a variedade de aspectos a serem considerados na análise de uma sentença relativa: a posição do CP relativo em relação à cabeça da relativa, a natureza do elemento relativo que introduz o CP, o ponto em que é gerado o elemento que funciona como pivô da relativa e as informações de ordem de referencialidade e da estrutura informacional envolvidos com esse tipo de construção.

No que se refere especificamente às propostas de análise para o PB, observa-se que nem a proposta de Tarallo (1983, 1993) nem a de Kato (1993) e de Kato e Nunes (2009) parecem aplicar-se adequadamente às estruturas que nesta dissertação se analisam, principalmente porque ambas advogam a existência de apenas um único elemento no CP (o complementizador, para Tarallo; o determinante relativo, para Kato e para Kato e Nunes), enquanto os dados apontam para a presença de dois elementos: **ONDE** e **QUE**.

Além disso, quando se analisam dados da escrita, observa-se que, até em situações de produção monitorada, encontram-se nos textos estruturas relativas que não refletem a denominada estratégia padrão, mesmo entre indivíduos que já concluíram o ensino superior – entre os quais, professores da educação básica, inclusive de língua portuguesa.

Essa observação parece refletir duas constatações de Silva (1995) de que, “hoje, há um número significativo de professores que, certamente, não dominam o padrão preconizado pela escola” (SILVA, 1995, p. 53) e cujos dialetos não são necessariamente reconhecidos como cultos.

As próximas seções apontam os caminhos que se seguirão para a análise das relativas restritivas locativas com **ONDE QUE**. Na seção 4, especificamente, serão discutidos os dados levantados e se fornecerão argumentos para explicar o motivo pelo qual as análises

propostas para as relativas do PB e para dados do PE não se aplicam às estruturas relativas introduzidas por **ONDE QUE** nesta dissertação estudadas.

## 4 RELATIVAS LOCATIVAS

### 4.1 Panorama da seção

Na seção anterior, foram discutidos aspectos relacionados à estruturação sintática e às implicações semânticas e pragmáticas decorrentes do modo como sentenças relativas são construídas, seja no que se propõe para as línguas em geral, seja no que se propõe para o PB. Nesta seção, apresentam-se aspectos relacionados à derivação das relativas locativas restritivas, com enfoque naquelas introduzidas por **ONDE QUE**.

Na subseção 4.2, “Relativas locativas no Português Brasileiro”, apresentam-se as possibilidades de estruturação de orações relativas nas quais os elementos relativizados são sintagmas com função locativa. Na análise dessas possibilidades, faz-se uma discussão acerca de estruturas relativas com resumpção. Embora as relativas resumptivas não sejam o foco desta dissertação, uma análise apresentada por Medeiros Jr. e Namiuti (no prelo) traz aspectos relevantes para a proposta de derivação de relativas com **ONDE QUE**, na seção 5.

O conjunto dos dados analisados na pesquisa é descrito na subseção 4.3. São apresentados algumas tabelas e gráficos em que se destacam: os tipos de verbos encontrados, as funções sintáticas do elemento relativizado e os gêneros textuais em que os dados foram coletados.

Na seção 4.4, fazem-se observações acerca do uso da forma **ONDE** como relativo e discutem-se as possibilidades de derivação de sentenças relativas para as estruturas levantadas, introduzidas por **ONDE QUE**, com base nas análises apresentadas em 3.5 e em 4.2.

Em 4.5, discute-se a proposta de que relativas introduzidas por **ONDE QUE** representam um processo de focalização de constituintes, por meio de uma estratégia de clivagem e apresentam-se argumentos contrários à hipótese de que as sentenças aqui analisadas são relativas clivadas.

Seguem-se a essas subseções algumas considerações parciais que avaliam a (in)aplicabilidade das análises de derivação das relativas do PB às estruturas introduzidas por **ONDE QUE** e apontam para a proposta a ser apresentada na seção 5.

## 4.2 Relativas locativas no Português Brasileiro

O PB apresenta diferentes possibilidades de sentenças relativas para as estruturas em que o elemento envolvido na relativização tem conteúdo locativo. As sentenças de (01) a (05), apresentadas na Introdução desta dissertação e repetidas a seguir, ilustram essas possibilidades<sup>69</sup>:

- (01) A casa em que eu morava...
- (02) A casa na qual eu morava...
- (03) A casa onde eu morava...
- (04) A casa que eu morava...
- (05) A casa que eu morava nela...

As três primeiras estruturas costumam ser consideradas representantes do padrão gramatical normativo e, assim, contém um determinante relativo deslocado do interior do IP para a periferia da sentença. Sua derivação está representada em (31), (32) e (33), respectivamente:

- (31) [A [CP [PP casa<sub>i</sub> [PP em [DP t<sub>i</sub> [DP que t<sub>i</sub>]]]]]<sub>k</sub> [CP C [IP eu morava t<sub>k</sub>]]]]
- (32) [A [CP [PP casa<sub>i</sub> [PP em [DP t<sub>i</sub> [DP a qual t<sub>i</sub>]]]]]<sub>k</sub> [CP C [IP eu morava t<sub>k</sub>]]]]
- (33) [A [CP [DP casa<sub>i</sub> [DP onde t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [CP C [IP eu morava t<sub>k</sub>]]]]<sup>70</sup>

As sentenças (04) e (05) ilustram estratégias não-padrão de relativização. Aplicando-lhes a análise de Kato e Nunes (2009) para esse tipo de sentença, no PB, elas seriam derivadas como em (34) e (35), respectivamente:

- (34) [A [CP [DP casa<sub>i</sub> [DP que t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [CP C [LD t<sub>k</sub> [IP eu morava *pro*<sub>i</sub>]]]]]]
- (35) [A [CP [DP casa<sub>i</sub> [DP que t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [CP C [LD t<sub>k</sub> [IP eu morava nela<sub>k</sub>]]]]]]

Caso se lhes aplique a proposta de Kenedy (2002), a derivação seria feita de acordo com (36) e (37). Em (36), ocorre o apagamento do DP copiado e, também, da preposição que o introduz; em (37), o resumptivo é o resultado do apagamento parcial da parte baixa da cadeia formada pelo deslocamento do constituinte copiado:

- (36) [A [CP [DP casa]<sub>k</sub> [CP [C que [IP eu morava [PP ~~em~~ [DP ~~casa~~]<sub>k</sub>]]]]]]]]

<sup>69</sup> A aplicação das propostas à sentença (06) **A casa onde que eu morava** será feita e discutida na subseção 4.4. A justificativa para isso deve-se ao fato de os trabalhos acerca do PB não apresentarem proposta de derivação para esse tipo de ocorrência, nesta língua.

<sup>70</sup> Sobre a consideração de ONDE como um determinante relativo, ver subseção 4.4.

(37) [A [CP [DP casa]<sub>k</sub> [CP [C que [IP eu morava [PP em [DPela/easa]<sub>k</sub>]]]]]]]

#### 4.2.1 RELATIVIZAÇÃO E RESUMPCÃO

A resumpção representa um problema na literatura. Nos trabalhos que abordam a questão dos resumptivos, tradicionalmente aparecem duas perspectivas principais no que diz respeito ao modo como esses elementos entram na derivação da sentença, nas quais se podem observar as seguintes premissas e implicações.

Na primeira perspectiva, o resumptivo faz parte da sintaxe estrita (*narrow syntax*) e, desse modo, já está previsto na numeração. Ele é introduzido na posição argumental, e seu antecedente é introduzido na posição em que é pronunciado (uma posição A-barra), da qual o antecedente liga (*binds*) o pronome. Parte-se do pressuposto de que, como a operação de movimento é proibida devido à configuração de ilhas sintáticas, recorre-se ao pronome para que a derivação convirja. Isso significa que, desde a numeração, a sintaxe já “enxerga” que a sentença resultante terá configuração de ilha, o que pode ser um problema (o *look-ahead problem*), visto que isto acaba por implicar admitir que a sentença não é derivada em etapas, mas já sai “pronta” para ser pronunciada e interpretada.

Na segunda perspectiva, o antecedente do resumptivo é introduzido na posição argumental, de onde é deslocado para uma posição A-barra, e, após o “*spell-out*”, a sentença é pronunciada com um resumptivo (como um vestígio) na posição da qual o antecedente foi movido. Nesta segunda perspectiva, o resumptivo só existe em PF. Parte-se aqui do pressuposto de que o deslocamento do constituinte para a periferia da sentença, uma posição A-barra, viola as regras de movimento. Isso significa que, durante a derivação da sentença, constrói-se uma configuração de ilha sintática e, mesmo assim, o movimento – que deveria ser proibido – ocorre.

Kato e Nunes (2009), ao postularem a ligação da posição de LD com um resumptivo no interior do IP, respondem a um dos problemas apontados por Bianchi (1999) para a aplicação da hipótese de alçamento do pivô na derivação de relativas em que aparecem estruturas de resumpção: “it is hard to explain how a resumptive pronoun can form a constituent together with the Wh-operator that binds it”<sup>71</sup> (BIANCHI, 1999, p. 242). Como alternativa, Bianchi (1999) sugere que o problema pode ser resolvido se os elementos

<sup>71</sup>É difícil explicar como um pronome resumptivo pode formar um constituinte com o operador QU- ao qual o resumptivo está ligado. (Tradução nossa).

resumptivos forem vistos como determinantes abandonados (*stranded*) após o deslocamento do determinante relativo.

A sugestão de Bianchi (2009) é desenvolvida por Boeckx (2003), para quem há a introdução do resumptivo na posição de base e, também, há deslocamento do constituinte. O resumptivo é introduzido com seu antecedente, na posição argumental, e é um elemento distinto deste:

“[...] the RP is not a (minimal) copy of the antecedent. Rather, I take the RP to be a distinct syntactic entity (as in the case under base-generation analysis). I also defend the idea (absent from base-generation approaches) that the RP and the antecedent form a unity at some point in the derivation” (BOECKX, 2003, p.25)<sup>72</sup>

Nessa hipótese, conhecida como *Big-DP*, propõe-se que o antecedente deslocado é introduzido na derivação, por meio de um primeiro *merge*, como complemento do resumptivo, que é “abandonado” (*stranded*).

Boeckx (2003, p. 28) parte do princípio de que tanto os pronomes quanto os determinantes definidos são um mesmo elemento D abstrato, pronunciado como determinante, se o DP complemento for nulo, ou como um pronome, caso isso não ocorra<sup>73</sup>.

Nessa proposta de análise, “the central thesis is that RPs are stranded portions of the moved phrases they ‘associate with’”<sup>74</sup> (BOECKX, 2003, p. 26), e os resumptivos e seus antecedentes seriam inseridos na seguinte configuração:

[DP[D’[D resumptivo]][DP elemento wh- NP]]<sup>7576</sup>

A aplicação da proposta de Boeckx (2003) à sentença (05) pode ser vista em (38).

(38) [A [CP [DP casa<sub>i</sub> [DP que t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [CP C [IP eu morava [PP n [DP [De]la] [DP<sup>f</sup>]<sub>k</sub>]]]]].

<sup>72</sup> “[...] o pronome resumptivo não é uma cópia (mínima) do antecedente. Em vez disso, eu considero o pronome resumptivo uma entidade sintática distinta (como no caso das análises do pronome como sendo gerado na base). Também defendo a ideia (ausente nas abordagens do pronome como gerado na base) que o pronome resumptivo e o antecedente formam uma unidade em algum ponto da derivação.” (Tradução nossa).

<sup>73</sup> Boeckx informa que sua concepção sobre os determinantes é baseada em análises do Postal (1966) e de Raposo (1973).

<sup>74</sup> “A tese central é que pronomes resumptivos são porções ‘abandonadas’ dos sintagmas movidos com o quais eles se associam.” (tradução nossa).

<sup>75</sup> Boeckx ressalta que essa estrutura é similar à proposta por Rullmann e Beck (1998), para a derivação de elementos Wh- D-linked: [DP[“the”][NP[which][book]]].

<sup>76</sup> A proposta de Boeckx (2003) tem semelhanças com a análise postulada por Kenedy (2002). Contudo, enquanto para este a resumpção é um fenômeno de PF, para aquele, trata-se de uma estrutura já prevista na numeração e que entra na derivação da sentença.

No que diz respeito à sentença (04), a análise apresentada por Boeckx (2003) requer a postulação de um resumptivo nulo (tal como defendido por McCloskey (2002) e por Kato e Nunes (2009)) e a não realização fonética da preposição.

(39) [A [CP [DP casa<sub>i</sub> [DP que t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [CP C [IP eu morava [PP~~#~~[DP [D~~pro~~] [DPt]<sub>k</sub>]]]]]].

Uma evidência em favor disso é a ocorrência de estruturas relativas em que a preposição com conteúdo lexical pode ocasionar, no PB, o fenômeno de *preposition stranding* — embora a literatura não costume reconhecer, no PB, a ocorrência desse fenômeno. Tal posicionamento é capturado, por exemplo, na seguinte passagem de Kenedy (2002):

[...] um fenômeno importante a ser observado é que o PB não permite *prepositional-stranding*. Isto é, à semelhança do que acontece com as demais línguas românicas, a manifestação fonética de uma preposição-órfã (uma preposição deixada para trás após o alçamento do DP) torna a construção agramatical em português. (KENEDY, 2002, p. 16).

Sentenças como (40) apontam, no entanto, para essa possibilidade, ainda que o rol das preposições que permitem tal ocorrência pareça ser restrito àquelas que expressam conteúdo lexical mais explícito, como **contra**, **sobre**, **sem**:

(40) a. O time que a gente vai jogar contra [*pro*] é muito bom.

b. [O [CP [DP time<sub>i</sub> [DP que t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [CP C [IP a gente vai jogar [PP contra [DP [*pro*] [DPt]<sub>k</sub>]]]]] é muito bom.

Um dos problemas é que (38) e (39) indicam uma opcionalidade entre estruturas e, a não ser que haja motivação para a interpretação da sentença em LF, uma delas deveria ser bloqueada pelo C<sub>HL</sub>.

Medeiros Jr e Namiuti (no prelo) ao analisar estruturas de resumpção em interrogativas *D-linked*, observam que, quando submetidas ao juízo de gramaticalidade, houve diferença de interpretação entre as versões da sentença com e sem o resumptivo, como em (41):

(41) a. Que livro que você está precisando?

b. Que livro que você está precisando dele?

Nas sentenças sem o resumptivo, como em (41a), a interpretação atribuída é que se interroga sobre um elemento dentro de um universo amplo, aberto do elemento

interrogado; nas sentenças com o resumptivo, como em (41b), a interpretação atribuída é que se interroga sobre um elemento específico de um universo conhecido, restrito de elementos.

O papel desambiguador de resumptivos é apontado em Sharvit (1999; *apud* Boeckx (2003)), ao analisar estruturas relativas do hebraico como a apresentada em (42):

(42) *Ha-iša še kolgever hizminhodeta lo.*  
the-woman that every man invited thanked to-him

Nessa sentença, ocorre um quantificador que c-comanda um vestígio e isso resulta em uma leitura ambígua entre

- a. the woman every man invited thanked him.<sup>77</sup>
- b. for every man x, the woman that x invited thanked x.<sup>78</sup>

A ambiguidade é desfeita caso a versão contenha um resumptivo:

(43) *Ha-iša šekolgever hizmin ota hodeta lo.*  
the-woman that every man invited her thanked to-him

- a. the woman every man invited thanked her
- b. \*for every man x, the woman that x invited thanked x

Medeiros Jr. e Namiuti (no prelo), partindo da premissa de que a sintaxe opera com traços e não com itens lexicais e adotando a teoria do deslocamento de constituintes por cópia (*move = copy + merge*), atribuem uma diferença de sentido entre as versões das sentenças interrogativas *D-linked* com e sem o resumptivo a algum aspecto previsto desde a numeração, o qual importa para a forma lógica da sentença e que é realizado pelo resumptivo. A implicação é que a presença do resumptivo resulta de um abandono de traços, não necessariamente do abandono de um item lexical. Postulam, assim, que o determinante interrogativo das interrogativas *D-linked* não veicula o traço de especificidade, e o resumptivo consiste na realização fonética desse traço.

A ideia da resumpção como abandono de traço pode ser ampliada para outros fenômenos sintáticos, principalmente quando se leva em consideração que tanto interrogativas *D-linked* quanto relativas são estruturas que envolvem os denominados elementos QU-. A presença de estruturas de resumpção em orações relativas do PB pode, também, estar

<sup>77</sup>A(mesma) mulher que cada homem convidou agradeceu a ele. (Tradução nossa).

<sup>78</sup>Para cada homem x, a mulher que x convidou agradeceu a x. (Tradução nossa).

associada à realização de traços que o determinante relativo deslocado (quer foneticamente realizado, quer nulo) não consegue mais expressar.

Estando essa linha de raciocínio correta, encontra-se a mesma motivação para que o determinante relativo possa assumir formas como **ONDE**, **QUEM**, **COMO**, **QUANDO** ou uma forma nula – e, também, para que ele venha acompanhado na estrutura pronunciada da sentença, por um complementizador.

### 4.3 Descrição das ocorrências

Na subseção 1.2 da Introdução, descreveu-se, em linhas gerais, o procedimento de coleta dos dados e, além disso, foram apresentados alguns desses dados. Essas informações são, nesta seção, retomadas e ampliadas.

O conjunto dos dados foi obtido por meio de consultas realizadas no sítio eletrônico de buscas Google, no período compreendido entre janeiro de 2015 e janeiro de 2016. O procedimento consistiu em efetuar buscas com as seguintes informações: “X onde que”.

Nessas buscas, “X” foi sendo substituído por elementos nominais com possibilidade de expressar a função locativa, seja como argumentos obrigatórios (os complementos de verbos locativos) ou como argumentos opcionais (os adjuntos adverbiais de lugar de outros tipos de verbo). Uma restrição foi feita ao emprego de nomes próprios, por acreditar-se, como já indicado na Introdução, ser pouco provável a ocorrência deste tipo de antecedente em orações relativas restritivas.

Nas respostas à busca, separaram-se as estruturas em que as sequências “X onde que” apareceram em sentenças relativas e salvou-se, em um arquivo digital em formato PDF, a página da Internet em que cada dado foi encontrado.

Como procedimento de registro de dados, organizou-se uma planilha na qual se identificaram, após o salvamento de cada página, as seguintes informações:

- A transcrição da sentença relativa;
- O nome do arquivo PDF do qual a sentença foi transcrita;
- O verbo ao qual o sintagma locativo se liga;
- A função sintática do sintagma locativo;
- O tipo de oração relativa;
- O gênero textual em que a estrutura foi verificada;

- O endereço eletrônico em que o dado foi localizado;
- A data do salvamento do dado;
- A data e o local da publicação do dado (quando possível).

O resultado foi um total de 119 (cento e dezenove) ocorrências: 104 (cento e quatro) orações relativas restritivas e 15 (quinze) orações relativas apositivas<sup>79</sup>. Na busca feita, não apareceu nenhuma estrutura que correspondesse à ideia de maximalização da relativa de grau.

A distinção entre restritivas e apositivas só pôde ser feita após a leitura atenta dos textos, visto que, nos escritos encontrados, a utilização dos recursos de pontuação para indicar um ou outro tipo de oração não seguiu, necessariamente, a prescrição gramatical.

Os elementos nominais utilizados na busca com os quais foram encontradas ocorrências de relativas introduzidas por **ONDE QUE** foram: *área, avenida, bairro, bar, beco, casa, cidade, colégio, escola, hospital, hotel, loja, lugar, mercado, padaria, parte, praça, praia, rua, travessa*. Alguns dos resultados da busca estão registrados em (44)

(44)a. Antes do período da pré novena deverá ser feito um reconhecimento da área **onde que vamos realizar os encontros** (Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/r2cpres/festa-de-santa-rita-de-cassia-2013>>. Acesso em: 24 jan. 2015)

b. para mim, a escola fica perto, eu moro próximo da escola, moro no bairro **onde que a escola está localizada**. (Disponível em: <[http://www.sbece.com.br/resources/anais/3/1429145356\\_ARQUIVO\\_TextoCompletoSBESCEKellyeAngela\\_15abril.pdf](http://www.sbece.com.br/resources/anais/3/1429145356_ARQUIVO_TextoCompletoSBESCEKellyeAngela_15abril.pdf)>. Acesso em: 24 jan. 2015)

c. Como era a cidade **onde que o senhor morava?** (Disponível em: <<http://somostodosum.ig.com.br/clube/c.asp?id=20454>>. Acesso em: 24 jan. 2015)

d. Criada em 2008, a escola **onde que Cássia dá aulas** atende alunos até o 6º ano do ensino fundamental. (Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/dez-anos-apos-lei-escola-bilingue->

<sup>79</sup>As estruturas analisadas estão no Anexo a esta dissertação.

vira-alternativa-para-incluir-surdos,f4f942ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>. Acesso em: 24 jan. 2015)

e. Se algum desses efeitos for persistente e não estiver sendo controlado, o ideal é procurar o pronto socorro do Hospital **onde que o tratamento está sendo feito**. (Disponível em: <[http://www.espacodevida.org.br/noticias/saiba-quais-sao-os-efeitos-colaterais-da-quimioterapia-1453/#.Vvi\\_8OIrLIU](http://www.espacodevida.org.br/noticias/saiba-quais-sao-os-efeitos-colaterais-da-quimioterapia-1453/#.Vvi_8OIrLIU)>. Acesso em: 24 jan. 2015).

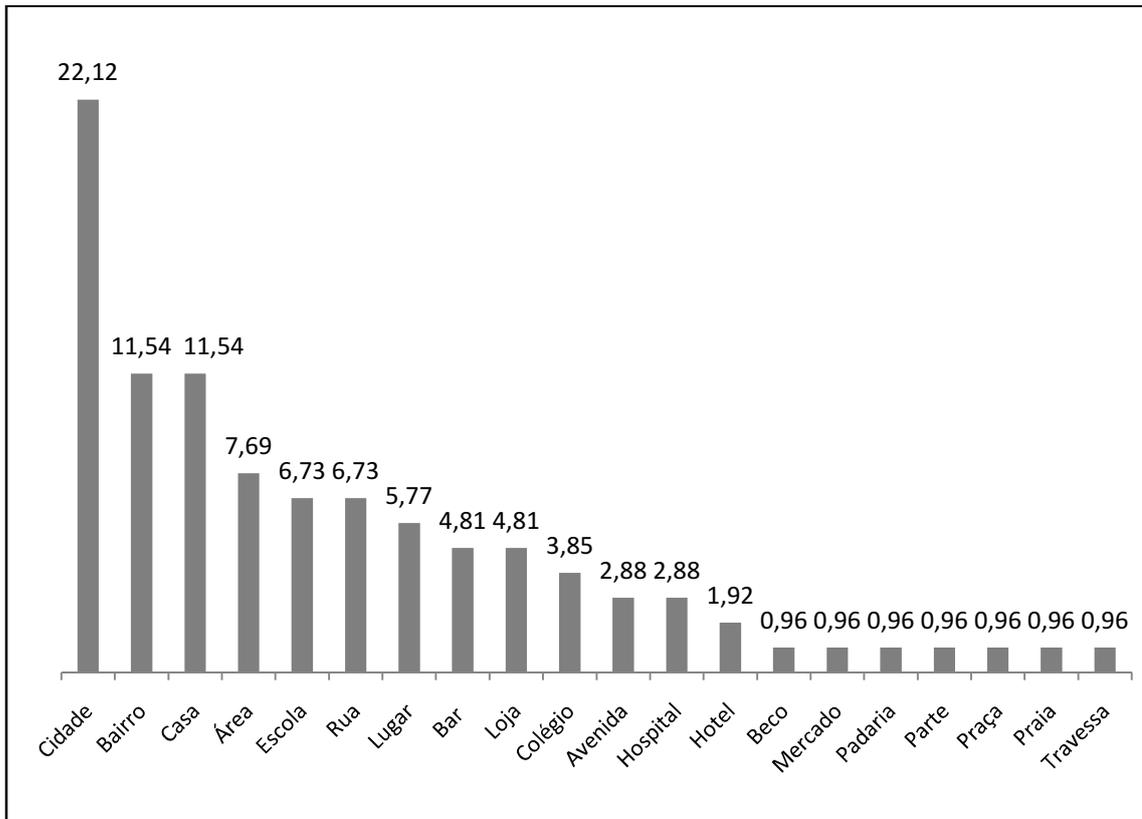
f. Se estiver na garantia vá na loja **onde que vc comprou** e pegue o outro. (Disponível em: <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20130527224300AA9Qfoy>>. Acesso em: 24 jan. 2015)

g. existe um negócio la na praia **aonde que tem sua casa** la tem um ponto vermelho la é uma corrida mas é de natacão,ciclismo e carro tudu junto mas eu numca vim nenhuma corrida normal de carro na rua espero ter ajudado. (Disponível em: <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110913042439AAcmtjb>>. Acesso em: 24 jan. 2015).

h. Na rua **onde que eu morava**, sempre escutávamos falar de um tal “carro preto” que rondava as noites de Padre Miguel e Realengo e podia arrastar um de nós para alguma vala no Mendanha, Gericinó ou algum buraco ou lixeira ao longo da Avenida Brasil. (Disponível em: <<http://ppaberlin.com/2013/09/10/uma-comissao-da-verdade-para-os-crimes-do-estado-e-da-sociedade-brasileira-contra-a-juventude-negra/>>. Acesso em: 24 jan. 2015)

Foram feitas buscas com outros elementos nominais, para os quais a pesquisa não teve resposta.

O percentual correspondente a cada um desses antecedentes, nas orações relativas restritivas, está indicado no Gráfico 01:

**Gráfico 01** – Elementos nominais envolvidos na relativização, em percentual.

Deve-se ressaltar que a busca realizada não contemplou estruturas como “X Y (Y)... onde que”, em que Y é um (ou mais de um) elemento interveniente entre o elemento nominal cabeça da relativa e a sequência **ONDE QUE**, embora dados assim existam<sup>8081</sup>.

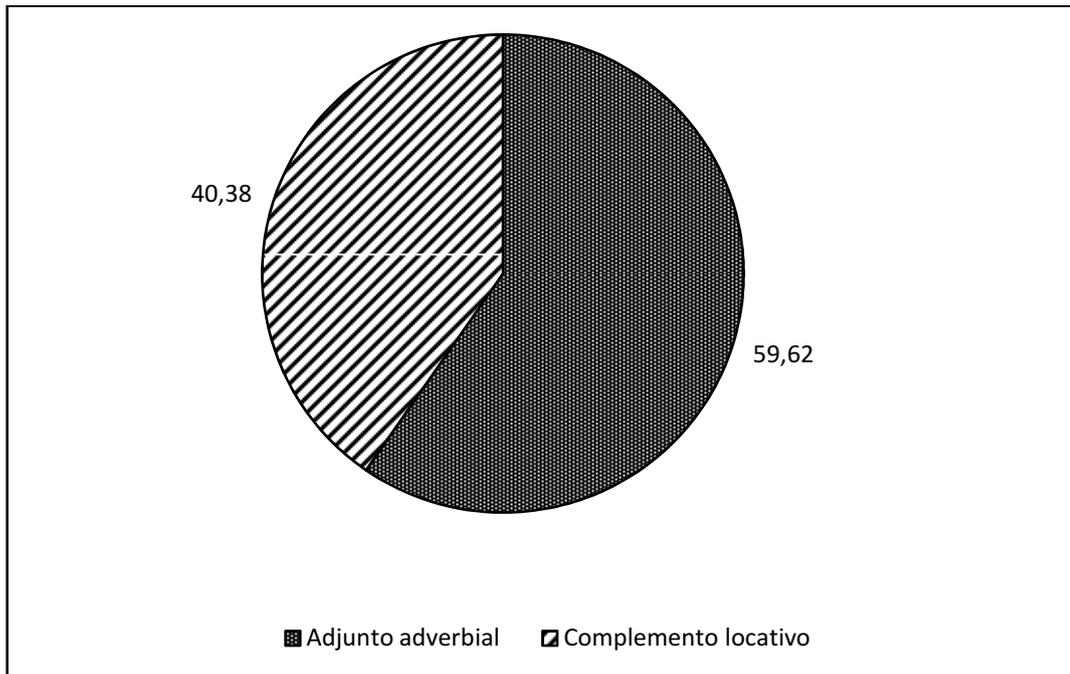
As relativas restritivas analisadas aparecerem associadas a verbos que pedem um complemento locativo (como *morar, estar, viver, localizar, instalar e situar*) e, também, associadas a outros tipos de verbos (como *trabalhar, comprar, conhecer, dar, passar, haver, ter, almoçar* e outros 27 (vinte e sete) verbos com ocorrência única).

A diversidade de verbos indica que a ocorrência de relativas com **ONDE QUE** não é um fenômeno isolado, relacionado a um item lexical específico. A proporcionalidade da função do elemento envolvido na relativização entre complementos locativos e adjuntos adverbiais está representada no Gráfico 02:

<sup>80</sup> É o que se verifica em uma sentença como “Meu sonho é mudar daquele bairro perigosíssimo onde que eu moro, para ter tranquilidade com meu marido e meus filhos”, ouvida em uma conversa espontânea com uma colega de trabalho.

<sup>81</sup> Cabe enfatizar que o olhar, nesta dissertação, está voltado para a análise da ocorrência do dado e sua disseminação por contextos diversos. A apresentação quantificada dos dados visa, somente, a esse propósito.

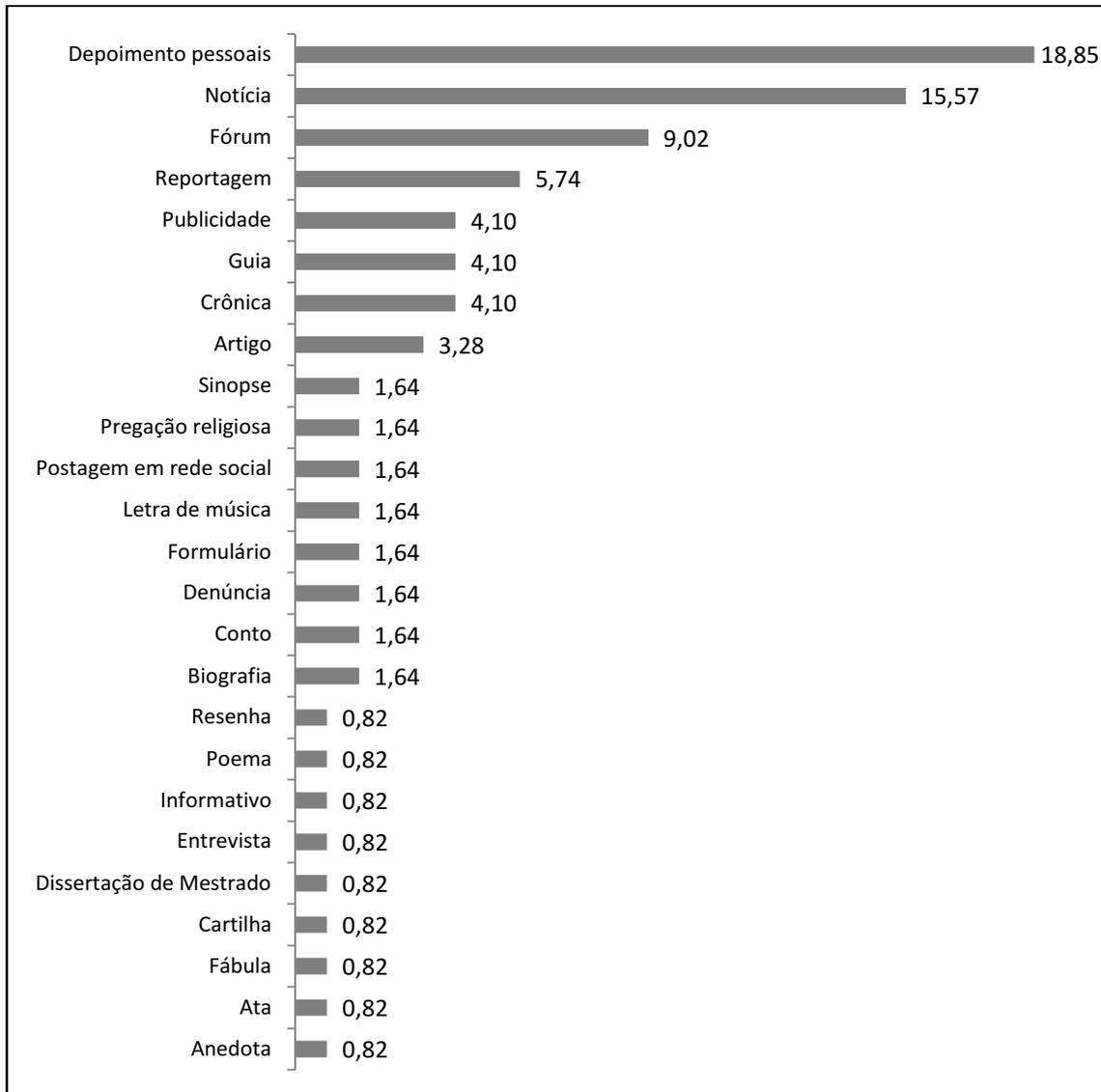
**Gráfico 02** – Função sintática do elemento relativizado em valores percentuais.



Embora se saiba que os mecanismos de complementação e de adjunção não sejam os mesmos, os trabalhos que tratam de orações relativas, no PB, aos quais se teve acesso, não apontam nenhuma diferenciação em relação ao fato de um ou outro tipo de estruturas serem o alvo da relativização. Também na análise que aqui se realiza, tal distinção está registrada por conta da relação com o tipo de verbo com o qual o elemento relativizado se relaciona.

Os dados coletados *online* foram localizados em produções escritas de gêneros variados, representativos de diversos níveis de formalidade. Nesse aspecto, chamou a atenção o fato de tais estruturas estarem presentes tanto em textos bastante informais, como depoimentos pessoais em redes sociais, quanto em textos em que se espera uma produção mais monitorada em situações formais de escrita, como dissertações de Mestrado.

O percentual de ocorrência por gênero está indicado no Gráfico 03:

**Gráfico 03** – Percentual de ocorrência por gênero textual.

O gráfico 03 é, certamente, aquele que ilustra a maior disseminação da estrutura: os dois gêneros em que mais se verificam as ocorrências — e com valores próximos — estão associados a um registro mais monitorado da linguagem escrita (notícia) e ao registro em que necessariamente não se espera esse monitoramento (depoimentos pessoais).

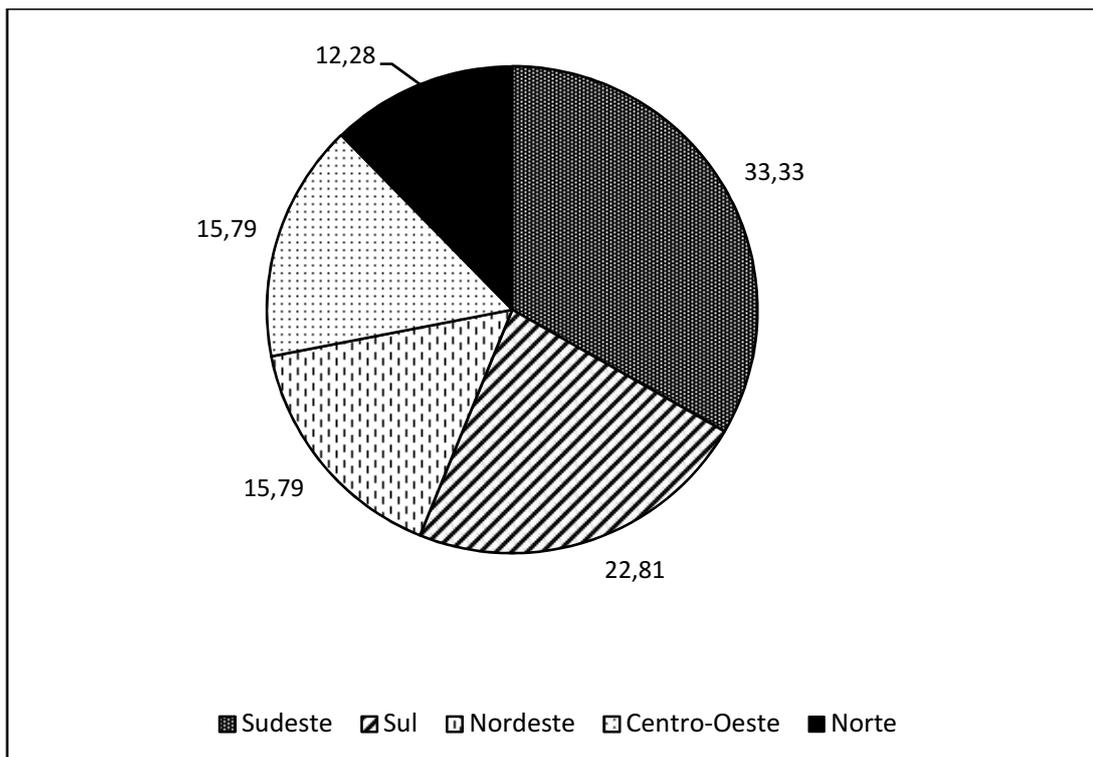
Foi possível identificar a data de publicação de 77,9% (setenta e sete vírgula nove por cento) das ocorrências, majoritariamente do século XXI, a partir do ano 2005. Todavia, o fato de uma das ocorrências (apresentada em (45)) ter sido coletada da imagem de um jornal datado de 1983 é um dado que aponta para a possibilidade de que essa estrutura não seja assim tão recente na língua.

(45) O primeiro deles foi J..., proprietário do bar **onde que começou a briga**  
**entre G. e W.** (Disponível em:

<[https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo\\_noticia//8927\\_20100212\\_132331.pdf](https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia//8927_20100212_132331.pdf)> Acesso em 24/01/2015)

No que se refere ao local de publicação do texto, foi possível precisar essa informação em cerca de 46% (quarenta e seis por cento) dos dados de publicações feitas no Brasil — além de 08 (oito) publicações feitas em outros países de língua portuguesa. Os textos publicados em locais do Brasil estão distribuídos pelas 05 (cinco) regiões geográficas e por 16 (dezesesseis) Unidades da Federação: Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Santa Catarina e São Paulo. O Gráfico 04 aponta isso:

**Gráfico 04** – Percentual de ocorrência das estruturas por região do Brasil



A conclusão a que se chega acerca da distribuição do fenômeno da introdução de relativas restritivas locativas por **ONDE QUE** é que se trata de algo bastante disseminado: por contextos linguísticos diferentes, por gêneros textuais diversos representativos de graus variados de formalidade e por um espaço geográfico abrangente do Brasil.

#### 4.4 As relativas locativas introduzidas por ONDE QUE

Nesta subseção, busca-se aplicar às relativas introduzidas por **ONDE QUE** as propostas de derivação de construções relativas do PB apresentadas nas seções 3 e 4. Todavia, faz-se-á, inicialmente, um apanhado do percurso histórico de **ONDE**, na língua portuguesa, a fim de explicitar, por um lado, as transformações funcionais por que passou e, por outro, ratificar a sua relação com a expressão da noção de *lugar*, que ainda preserva.

##### 4.4.1 DE ADVÉRBIO LOCATIVO A PRONOME RELATIVO

O relativizador “onde” tem, em sua origem como elemento adverbial, um traço dêitico bastante específico. Ao lado desse papel adverbial locativo, assume outras funções, entre as quais a de determinante locativo.

Williams (2001, p. 50), ao tratar dos aspectos fonológicos da mudança do latim ao português, explica que a forma **ONDE** é oriunda de *ũnde*. Coutinho (1976) inclui a forma entre os advérbios de lugar – dos quais fornece uma listagem – na parte do livro dedicada à Morfologia e informa que **ONDE** é oriundo de *ũnde*.

Sobre o valor locativo de **ONDE**, é interessante observar o que afirma Huber (1986), em sua obra sobre o português antigo (que, para ele, vai das origens da língua até o século XV): a forma **ONDE**, derivada de *unde*, aparece no rol dos advérbios de lugar, mas com sentido equivalente a “donde”. Lista ainda as formas *u* e *d’u* como advérbios de lugar com sentido de “onde” e informa que tanto *u* quanto **ONDE** aparecem introduzindo orações adverbiais locativas: *Irey hu m’atende meu amigo no monte* (Irei aonde me espera o meu amigo no monte); *Servi sempr’ endõado onde um bem nunca prendi* (Servi sempre de graça onde nunca recebi um bem). Acrescenta que, no rol dos pronomes relativos do português antigo, havia a forma *u*, derivada do latim *ubi*, que expressava valor locativo e que, às vezes, aparecia sob a forma *d’u*: “*Irei a la fonte u van os cervos do monte*” (Irei à fonte aonde vão os cervos do monte), “*Long’estou d’ali d’u agora é mha senhor*” (Longe estou dali de onde agora está minha senhora).

Silva (1989), ao tratar da gramática do português arcaico (período compreendido entre os séculos XIII e XV), apresenta as formas *hu* e **ONDE** como locativos interrogativos: o primeiro usado com referência ao “ponto em que” e ao “ponto a que”; o segundo usado como referência ao “ponto de que”. Também inclui tais formas como pronomes relativos,

expressando esses mesmos valores: *...e entrou ali hu jazia o enfermo* (e entrou ali onde estava o enfermo); *...e enviou-os com seus homens pera a cidade de Ravena hu el queria ir* (e enviou-os com seus homens para a cidade de Ravena, aonde ele queria ir); *Todo los da quel logar onde el era guardavan-se de seu mal* (Todos daquele lugar de onde ele era guardavam-se de seu mal). Ao tratar das orações relativas, volta a incluir os elementos e fornece outros exemplos. Diferentemente de Huber (1986), no entanto, Silva (1989) não os inclui entre as adverbiais locativas, mas faz referência a ocorrências de relativos sem antecedente explícito, o que permite associar ao que se chama de estruturas locativas.

Nunes (1989) relaciona as formas *u* e **ONDE** entre os advérbios de lugar e observa que, ao contrário do que normalmente se propõe, a forma *u* provém de *huc*. Comenta ainda que o primeiro tinha um uso arcaico e foi substituído pelo segundo. Essa substituição apontada por Nunes (1989) parece já estar consolidada na passagem do século XV para o XVI, pois, conforme Barreto (1996):

Na **Carta de Caminha**, já não ocorre o relativo *hu*: o *onde* apresenta-se equivalendo a *em que* (significado etimológico do *hu*) [...] O que ocorreu é que, tendo em vista o desaparecimento do *hu*, o *onde* assumiu a sua significação. (BARRETO, 1996, p. 154).

A trajetória do valor locativo de **ONDE**, em orações relativas, continua até o século XX. Souza e Barreto (2009, p. 191) ao analisarem contos e cartas de autores brasileiros e portugueses dos séculos XIX e XX, informam que “Quanto ao *onde* [...], os dados obtidos demonstram ser o seu emprego eminentemente locativo [...] tanto no século XIX, como no século XX, em Portugal e no Brasil”.

Esse percurso histórico aponta a manutenção do conteúdo locativo de **ONDE**, mesmo após ocorrer a perda do valor exclusivamente adverbial com referência ao espaço, com a incorporação de novas funções: ao lado da referência original ao espaço físico, passa a ser empregado na introdução de orações relativas com valor locativo e, também, em outros contextos<sup>82</sup>.

---

<sup>82</sup> Silva (1989) registra, já no português arcaico, o uso de *onde* com referência a lugar no espaço físico, a lugar no tempo e a lugar na situação. Contemporaneamente, permanecem, ao lado da expressão da noção de lugar físico, as referências ao espaço temporal, ao espaço textual e, ao que indicam os dados, um caráter anafórico somente de retomada de elementos já presentes na sentença.

#### 4.4.2 DERIVAÇÃO DE RELATIVAS COM ONDE QUE – PRIMEIRAS TENTATIVAS.

A sentença apresentada em (33) e aqui repetida, ilustra a derivação de uma sentença relativa padrão em que o DP relativo é deslocado do interior do IP para a periferia da sentença, tanto na análise de Kato e Nunes (2009), quanto na de Kenedy (2002), com a diferença de que, enquanto para os primeiros o deslocamento do constituinte implica a ocorrência de um vestígio *t* na posição de origem do movimento (33a), para Kenedy (2002) o que fica é uma cópia apagada do constituinte deslocado (33b).

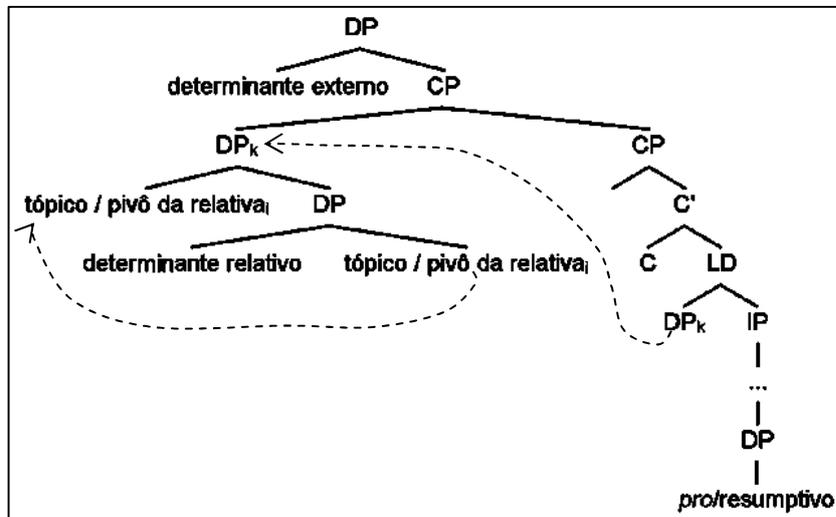
- (33) a. [A [CP [DP casa<sub>i</sub> [DP onde t<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [CP C [IP eu morava t<sub>k</sub>]]]]  
 b. [A [CP [DP casa<sub>i</sub> [DP onde [~~NP~~easa]<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> [CP C [IP eu morava [DP~~onde~~–[~~NP~~easa]]]<sub>k</sub>]]]]

As relativas com **ONDE QUE** são estruturas que não correspondem ao padrão gramatical normativo do idioma e, desse modo, sua derivação deve, em princípio, ocorrer conforme uma das propostas apresentadas na seção 4.2, desta dissertação. Nesse sentido, tentar-se-á aplicar estas propostas de derivação a sentença (06), retomada a seguir:

- (06) A casa onde que eu morava...

Kato e Nunes (2009) defendem que as estratégias de relativização não-padrão sejam implementadas, no PB, a partir de uma posição de LD. Desse modo, uma sentença relativa apresenta a configuração da Figura 04:

**Figura 04**—A relativização não-padrão, em PB, segundo Kato e Nunes (2009).



Nessa abordagem, o constituinte que funciona como tópico, inserido em LD, concatena-se com o determinante relativo *e*, após isso, é deslocado e adjungido ao CP relativo. Nesse mesmo constituinte deslocado, ocorre outra operação de deslocamento, e o tópico passa a funcionar como pivô da relativa, sendo adjungido ao DP deslocado a partir de LD.

Como Kato e Nunes (2009) consideram que o **QUE** das relativas não-padrão do PB é um determinante relativo, não há, em princípio, em sua proposta de análise, espaço para a introdução de **ONDE**, na estrutura da sentença.

Pode-se imaginar que **ONDE**, em construções como (06), tem um conteúdo preposicional locativo equivalente à preposição **em**, por exemplo. Nesse caso, o deslocamento envolve a operação *pied-piping*, e adotar essa percepção acaba por implicar que uma sentença como (06) constitui uma relativa padrão, como a sentença (31), repetida a seguir:

(31) [A [CP [PP casa<sub>i</sub> [PP em [DP t<sub>i</sub> [DP que t<sub>i</sub>]]]]]<sub>k</sub> [CP C [IP eu morava t<sub>k</sub>]]]]

Desse modo, (06) precisaria ser derivada por deslocamento do constituinte a partir do interior do IP, como indicado em (46):

(46) [A [CP [PP casa<sub>i</sub> [PP onde [DP t<sub>i</sub> [DP que t<sub>i</sub>]]]]]<sub>k</sub> [CP C [IP eu morava t<sub>k</sub>]]]]

Isso configura um problema quando se considera que, nas relativas padrão, **ONDE** pode ser complemento de PP, como indicado em (47), em que aparece claramente como um elemento relativo:

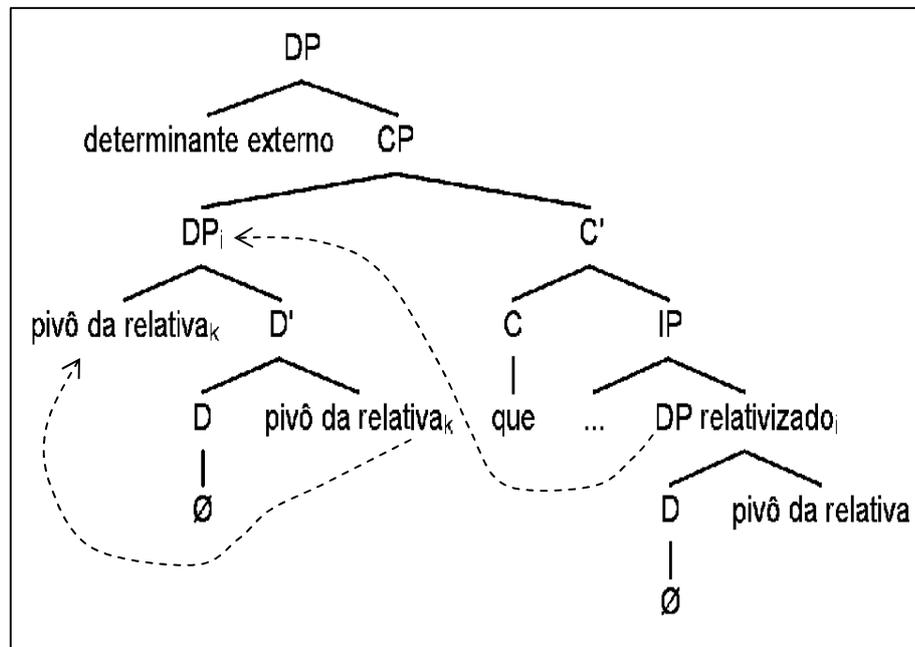
- (47) a. A rua [PP por onde] passo todos os dias...  
 b. O local [PP até onde] fui...  
 c. A cidade [PP de onde] ela veio...  
 d. A praia [PP para onde] costumo ir no verão...

Outro aspecto que merece atenção na análise de Kato e Nunes (2009) diz respeito à derivação de sentenças como “Eu tenho uma amiga que ela é muito engraçada” (KATO; NUNES, 2009, p. 114). Esse tipo de sentença apresentacional configura-se como um problema para a proposta de relativização a partir de uma posição de LD. É estranho postular que o elemento nominal **amiga** seja introduzido em uma posição de tópico — o que significa tratar-se de uma informação já presente ou acessível ao discurso —, e, posteriormente, seja deslocado para uma posição em que se converte em uma informação nova no discurso, por

conta do determinante **uma**. Isso representa que a relativização de uma sentença como essa não poderia ser gerada a partir da posição de LD, e o resultado implica admitir uma das seguintes alternativas: **(i)** há, no PB, relativas não-padrão derivadas a partir de uma posição de LD e outras que não são derivadas a partir dessa posição e envolvem outras operações; **(ii)** sentenças apresentacionais não consistem em estruturas de relativização; **(iii)** as relativas não-padrão do PB não são derivadas a partir de uma posição de LD.

Nesse sentido, a análise de Kenedy (2002) parece poder abarcar estruturas como (06), conforme ilustra a Figura 05.

**Figura 05**– A relativização, em PB, segundo Kenedy (2002).



Considerando, como Kenedy (2002), que o **QUE** em relativas não-padrão é um complementizador relativo inserido na posição de núcleo de C e que o constituinte relativizado é um DP, haveria espaço no núcleo do DP para a inserção do elemento **ONDE**, como núcleo D.

Todavia, esse núcleo vazio é, segundo Kenedy (2002), a posição ocupada por resumptivos, uma vez que, para ele, esses elementos são o resultado de uma representação, em PF, de traços-phi associados às noções de pessoa, número e gênero. Se preenchido, haveria aí um pronome relativo **QUE** (como na relativa padrão) e, desse modo, o núcleo C não seria preenchido. Por conseguinte, não há, na representação de Kenedy (2002), espaço

(quer na derivação, quer na representação) para a presença dos dois elementos **ONDE** e **QUE** na sentença (06).

Uma alternativa seria considerar que talvez apenas um dos dois elementos esteja envolvido na relativização, principalmente quando se considera que uma sentença como “A casa onde que eu morava...” se assemelha a uma interrogativa clivada como **Onde que você morava?**. Essa relação entre relativização e clivagem será discutida subseção 4.5.

#### 4.5 Relativização e clivagem

Na introdução a esta dissertação, informou-se que se encontraram, no estudo de orações relativas com duplo preenchimento de constituinte, na língua portuguesa, apenas as análises de Vercauteren (2010), de Cardoso e Alexandre (2013) e de Gonçalves (2013).

Nestes trabalhos, postula-se a ocorrência do que as autoras denominam **relativas clivadas**, e é essa abordagem que se discutirá nesta subseção. Inicialmente, porém, serão feitos alguns comentários às estruturas de clivagem.

##### 4.5.1 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE CLIVAGEM

As estratégias de clivagem são estruturas sintáticas que implicam a focalização de constituintes. Cabe ressaltar que

Foco é um conceito discursivo que se aplica ao constituinte que veicula a informação nova na sentença. Às vezes, este constituinte pode ser a sentença inteira, às vezes pode estar explicitamente articulado com a pressuposição, que responde pela informação partilhada pelos falantes. (MIOTO, 2003, p. 169)

Segundo Modesto (2001, p. 21), “construções clivadas são sentenças especificacionais em que um movimento A-barrado dispara leituras características de contraste, exclusividade e exaustividade”. Isso significa que sentenças clivadas consistem em uma estratégia de focalização de sintagmas que provoca repercussão na sintaxe visível da sentença. É o que ocorre, por exemplo, na sentença (48), em que o constituinte destacado entre colchetes está focalizado:

(48) [João] é que é competente.

Nesse sentido, as construções clivadas seriam instanciações do denominado foco identificacional:

An identificational focus represents a subset of the set of contextually or situationally given elements for which the predicate phrase can potentially hold; it is identified as the exhaustive subset of this set for which the predicate phrase actually holds.

Semantically, the constituent called identificational focus represents the value of the variable bound by an abstract operator expressing exhaustive identification. Syntactically, the constituent called identificational focus itself acts as an operator, moving into a scope position in the specifier of a functional projection, and binding a variable. (KISS, 1998, p.245-246)<sup>83</sup>

Kiss (1998) chama a atenção para o fato de que, se não houver essa identificação exaustiva para informação nova, não pressuposta na sentença, o foco não é identificacional, mas informacional — o qual não está associado com o deslocamento de constituintes — e conclui que “an information focus is present in every sentence, but not every sentence contains an identificational focus”<sup>84</sup> (KISS, 1998, p. 246).

Mioto (2003), no entanto, propõe uma classificação tripartida:

Normalmente, se distinguem dois tipos de foco: o que simplesmente fornece uma informação solicitada, ou seja, foco de informação; e o que não se limita simplesmente a fornecer informação nova e tem outros traços discursivos associados. Este último tipo é subclassificado de acordo com a informação adicional: se envolve contraste ou correção de uma informação anterior, temos o foco contrastivo; se a propriedade adicional envolvida é de informação exaustiva, temos o foco de identificação. (MIOTO, 2003, p. 169).

Da associação entre os traços [ $\pm$  contrastivo] e [ $\pm$  exaustivo], Mioto (2003) apresenta uma tipologia de foco que é revista em Guessser (2011), a partir da aplicação de testes de exaustividade na interpretação de estruturas focalizadas, o que resulta no Quadro 05 (GUESSER, 2011, p. 93):

---

<sup>83</sup>Um foco identificacional representa um subconjunto de um conjunto de elementos contextual ou situacionalmente dados, para o qual o predicado pode associar-se; é identificado como o subconjunto exaustivo deste subconjunto com o qual o predicado de fato se associa.

Semanticamente, o constituinte denominado foco identificacional representa o valor de uma variável ligada por um operador abstrato que expressa identificação exaustiva. Sintaticamente, o próprio constituinte denominado foco identificacional atua como um operador, movendo-se para uma posição de escopo no especificador de uma projeção funcional e ligando uma variável. (Tradução nossa).

<sup>84</sup>Um foco informacional está presente em toda sentença, mas nem toda sentença contém um foco identificacional. (Tradução nossa).

**Quadro 05** – Possíveis tipos de foco, segundo Guessser (2011)

TRAÇOS	TIPO DE FOCO
[- contrastivo, - exaustivo]	de informação não exaustivo (o foco informacional, para Kiss (1988))
[- contrastivo, + exaustivo]	de informação exaustivo (o foco identificacional, para Kiss (1988))
[+ contrastivo, - exaustivo]	contrastivo não exaustivo
[+ contrastivo, + exaustivo]	contrastivo exaustivo

A comparação entre as propostas para as estratégias de focalização e de clivagem apresentadas aponta para a conclusão de que as estruturas de clivagem precisam ativar ao menos um dos traços [contrastivo] ou [exaustivo]. Essa observação é relevante, entre outros aspectos, para a tipologia da clivagem.

A implementação sintática das estratégias de clivagem varia entre as línguas. No caso do PB, reconhecem-se na literatura, dois grupos de estruturas que desempenham esse papel: as sentenças clivadas e as sentenças pseudo-clivadas. Ilustram-se, em (49), algumas dessas possibilidades de focalização por clivagem. As versões **b, c e d** são sentenças clivadas; e as **e e f** são pseudo-clivadas.

- (49) a. João é competente.  
 b. [João] é que é competente.  
 c. É [João] que é competente.  
 d. [João] que é competente.  
 e. [João] é quem é competente.  
 f. Quem é competente é [João].

Mioto e Negrão (2007) sintetizam os aspectos que distinguem um e outro tipo de estrutura:

Na forma, elas [clivadas e pseudo-clivadas] se distinguem a partir do preenchimento do CP encaixado: as clivadas têm um *que* preenchendo o CP e as pseudoclivadas têm uma expressão Wh que, em certas situações pode ser omitida. Semanticamente, as pseudo-clivadas podem ser especificacionais ou predicacionais, enquanto as clivadas só podem ser especificacionais. Além disso, o foco veiculado pelas clivadas não pode ser

um mero foco de informação, restrição que não se verifica para o foco das pseudo-clivadas. (MIOTO; NEGRÃO, 2007, p. 168).

O que Mioto e Negrão (2007) apontam é que, enquanto nas pseudo-clivadas existe uma oração relativa livre, nas clivadas isso não ocorre. Para fundamentar esse ponto de vista, argumentam que o pivô da relativa e o constituinte focalizado têm diferentes comportamentos:

- O pivô da relativa pode apresentar papel temático e função sintática distintos na relativa, de onde é deslocado, e na sentença matriz, no qual o CP relativo está encaixado. Não se verifica essa independência com o constituinte focalizado na clivada, pois “a posição ocupada pelo foco não tem função gramatical, ou seja, é uma posição A’, ao contrário do pivô das relativas” (MIOTO; NEGRÃO, 2007, p. 176).
- A resumpção pode ocorrer em estruturas relativas para retomar o pivô, mas não para retomar o constituinte focalizado.
- A prosódia de clivadas é diferente da prosódia das relativas: nestas, a proeminência não se dá no pivô da relativa; naquelas, a proeminência ocorre no constituinte clivado.

No conjunto das estratégias de clivagem, é relevante para esta dissertação, observar o que se propõe para a derivação de clivadas do tipo **Foco+que**, como em (49d). As propostas mais geralmente aceitas apontam duas possibilidades de derivação: resultado do apagamento da cópula da clivada invertida ou inserção direta do **que** no CP, com deslocamento do constituinte focalizado para Spec CP. Quarezemin (2009) sintetiza a diferença entre a primeira e a segunda possibilidade:

Para Kato e Raposo (1994), Modesto (2001) e Lopes-Rossi (1996), uma sentença do tipo [*Foco é que*] tem a mesma estrutura sintática de uma sentença do tipo [*Foco que*]. O que acontece é que a cópula que está presente nas primeiras não é fonologicamente realizada nas últimas. Segundo esses autores, a adjacência entre o foco e o complementizador *que* é aparente, uma vez que a derivação dessas sentenças conta no mínimo com categorias vazias entre eles.

De acordo com Mioto (1996), uma sentença [*Foco que*] é diferente de [*Foco é que*]. O autor assume que o complementizador está adjacente ao foco quando a cópula não está inserida entre eles. Mioto discorda da assunção dos autores supramencionados de que há pelo menos uma categoria vazia entre o foco e o complementizador. (QUAREZEMIN, 2009, p. 141).

Guessser (2011) propõe uma terceira possibilidade, a qual se aproxima, em parte, da primeira proposta de derivação: a clivada do tipo Foco+que é também derivada de uma clivada, mas da canônica (cópula + constituinte clivado + que), com a truncação da cópula deslocada para a periferia da sentença. É interessante perceber que, diferentemente das outras propostas, o CP da clivada, para Guessser (2011) é sempre do tipo relativo, com um operador relativo nulo, nas clivadas canônicas, e com um pronome relativo foneticamente realizado, nas pseudoclivadas.

Estabelecidas essas noções básicas acerca do processo de clivagem, passa-se, na subseção 4.5.2, a analisar a proposta de que entre as estruturas relativas do português ocorre o processo de clivagem.

#### 4.5.2 A PROPOSTA DE RELATIVAS CLIVADAS EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS

A interpretação de estruturas relativas contendo um processo de clivagem foi sugerida a partir de alguns dados do PB, por Alexandre (2006), que defende que, nessa língua, torna-se cada vez mais necessário lexicalizar o núcleo C dos CPs.

Ao tratar da possibilidade da ocorrência de clivadas sem cópula, no PB, com a redução de **que** para **que**, Alexandre (2006) afirma que algumas estruturas tornam-se ambíguas entre focalização e relativização. Essa ambiguidade é ilustrada com uma sentença como **As relativas que são fáceis na aquisição do PB**, cuja interpretação pode ser de clivagem, como **As relativas é que são fáceis na aquisição do PB; não são os clíticos**, ou de relativa restritiva, como **As relativas que são fáceis na aquisição do PB são as restritivas de sujeito e de objeto**. (ALEXANDRE, 2006, p. 109-110).

Alexandre (2006) analisa, então, como relativas focalizadas os CPs destacados em (50) e (51)<sup>85</sup>, em sentenças encontradas em *corpus* do PB falado:

(50) mas tem muitas pessoas<sub>i</sub> [CP **que** [C° **é que** [IP *t<sub>i</sub>* vai realmente na escola não  
prá aprende]]] prá fica falando um do outro (...) e

(51) (...) que nem o professor de Direito Civil<sub>i</sub> [CP **que** [C° **é que** [IP *t<sub>i</sub>* seria a  
aula mais importante assim que a gente teria (...)]].

<sup>85</sup>São os exemplos (34) e (35), em Alexandre (2006, p. 109). A representação estrutural apresentada é a que a autora fornece.

Essa proposta é estendida ao PE por Vercauteren (2010) para as sentenças que apresentam a estrutura **pronome relativo + ser + que**, encontradas em variedades não-padrão do PE, como a sentença (52):

(52) Olhe, aquilo naquele tempo, o fulano ia lá **onde é que** ela estava, fazia ali um fogo com uma mancheia de ramas de esteva e dava-lhe fumo ali por baixo hã?

Vercauteren (2010) propõe que, nessas estruturas, ocorre uma estrutura [**é que**], invariável, similar ao que aparece no núcleo C das clivadas, com o pronome relativo ocupando a posição de Spec CP. Todavia, ressalta a ocorrência de relativas em que o verbo **ser** sofre flexão, o que indica que a clivagem da relativa pode ser similar às estruturas de pseudoclivadas, em que **ser** é um verbo pleno seguido de um CP.

Além disso, Vercauteren (2010) observa que as estratégias de clivagem estão associadas aos valores identificacional, contrastivo ou exaustivo e podem também relacionar-se ao valor exclusivo, mas não relaciona nenhuma dessas leituras, em particular, às construções relativas.

Cardoso e Alexandre (2013) também analisam estruturas do PE não-padrão em que ocorrem sentenças similares a (50) e (51). Em seus dados, ocorrem o que denominam relativas clivadas com os morfemas relativos **o que, quem, que, (a)onde, quando e como**, principalmente em relativas sem antecedente; em restritivas e apositivas, apenas as formas **que e (a)onde**, foram, segundo as autoras, encontradas nesse tipo de estrutura.

Associam as relativas clivadas a uma interpretação de identificação exaustiva e, assim, consideram que

o valor de exaustividade é o que de facto distingue as relativas clivadas das relativas não clivadas. Este valor, por sua vez, pode estar associado a diferentes elementos, consoante se trate de relativas com ou sem antecedente expresso. Assim, nas relativas com antecedente expresso, o antecedente expressa identificação exaustiva, enquanto nas relativas sem antecedente expresso é o próprio morfema-wh que adquire o valor de exaustividade. (CARDOSO; ALEXANDRE, 2013, p. 216)

Diferentemente de Vercauteren (2010), Cardoso e Alexandre (2013) propõem que a estrutura **é que** presente nas relativas clivadas não representa a lexicalização do núcleo C. Segundo as autoras, nas relativas clivadas ocorre primeiramente a formação de uma *small-clause* selecionada pelo verbo **ser**, a qual tem um CP (introduzido pelo complementizador

que) como complemento e uma categoria vazia como sujeito. A relativização ocorre a partir do interior do CP, com o alçamento do constituinte relativizado.

Exemplifica-se, a seguir, a proposta de derivação de relativas, a partir da análise de Cardoso e Alexandre (2013). Manteve-se a estrutura com a presença de vestígios (t), pois é essa a representação que as autoras adotam. Na Figura 06, o elemento relativo é um determinante relativo; na Figura 07, o elemento relativo é um complementizador relativo.

Figura 06– A relativa clivada, com um pronome (Cardoso e Alexandre, 2013).

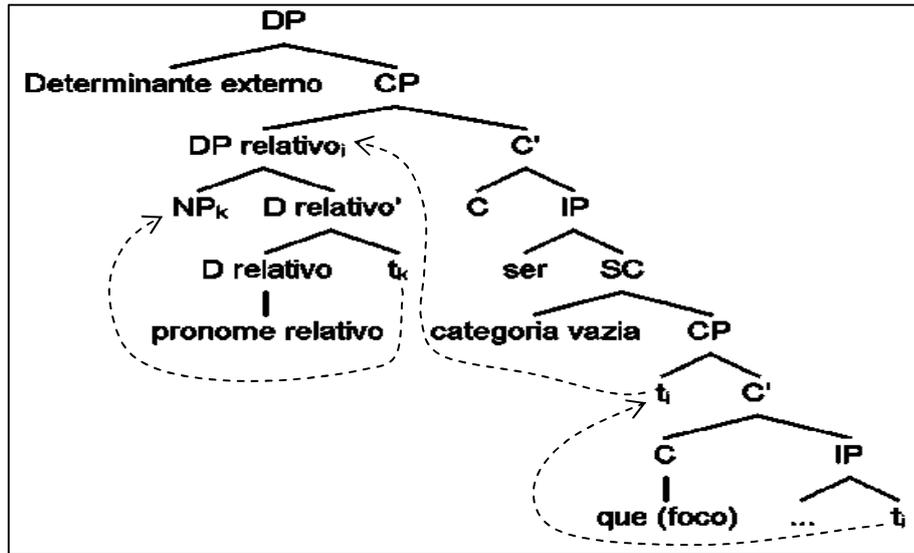
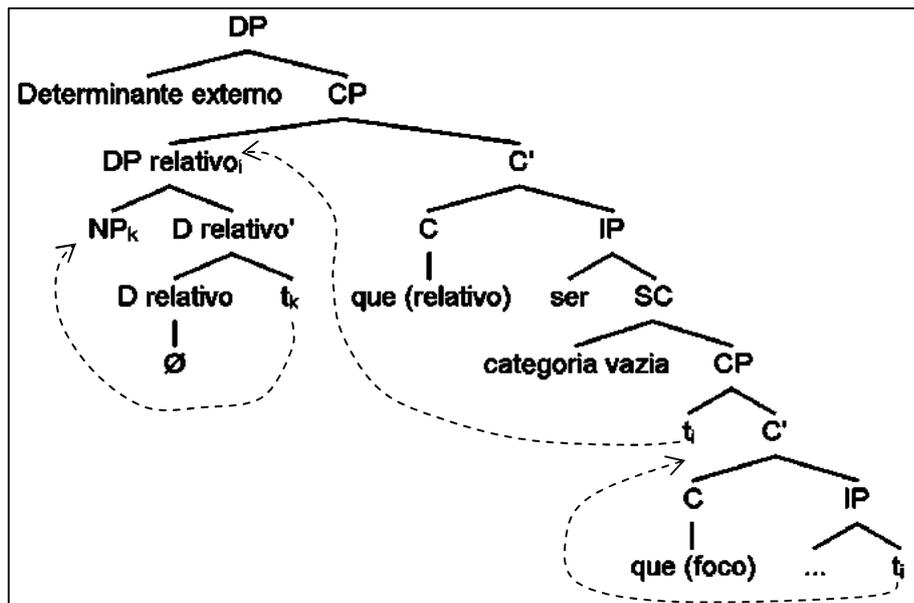


Figura 07– A relativa clivada, com um complementizador (Cardoso e Alexandre, 2013).



Cardoso e Alexandre (2013) predizem que as estruturas clivadas sem cópula envolvem o apagamento da cópula na expressão lexicalizada **é que**, que se encontra em C,

se as relativas clivadas também envolvessem a lexicalização de *é que* em C°, seria de esperar que nessas relativas se apagasse igualmente a cópula. Porém, os dados disponíveis não sustentam esta predição. Nos dados do NURC-BR19, em 3.539.770 palavras, não se encontram atestações de relativas clivadas com *wh-/que que*, o que parece sustentar a hipótese de que *é que* não é uma forma lexicalizada em C°. (CARDOSO; ALEXANDRE, 2013, p. 222)

Os dados analisados nesta dissertação, contudo, contradizem a predição de Cardoso e Alexandre (2013). Isso leva a questionar se o fenômeno por elas analisado é o mesmo no PE não-padrão e no PB. Na seção 4.5.3 apresentam-se elementos que apontam para uma resposta negativa: as relativas introduzidas por **ONDE QUE**, no PB, não implicam uma estratégia de clivagem.

#### 4.5.3 ONDE QUE, EM RELATIVAS DO PB, NÃO ENVOLVE CLIVAGEM

No PB, verificam-se clivadas com a estrutura **Foco+que** (como em (47d) [João] que é competente). Esse tipo de estrutura sugere que talvez a análise feita por Cardoso e Alexandre (2013) seja aplicável às orações relativas estudadas nesta dissertação.

Considerando as propostas de análise para as relativas e clivadas do PB, a conclusão a que se chega é que a proposta de Cardoso e Alexandre (2013) apresenta alguns problemas, quando confrontada com os dados que se analisam nesta dissertação.

O primeiro deles está relacionado à proposta de que, nas relativas clivadas, não há a lexicalização de **é que**, no núcleo C. Por essa proposta, a não ser que se considere, como Guessier (2011) que o CP da clivada é uma relativa, a estrutura deveria ser considerada uma sentença copular comum ou uma pseudoclivada, como apontado por Modesto (2001). Nas hipóteses em que o CP da clivada é relativo, haveria o problema de o constituinte clivado ser deslocado de uma relativa (no interior da estrutura de clivagem) para uma segunda relativa (a que é encaixada na matriz). Isso resulta no fato de que, na estrutura **X é que**, tanto **X** quanto **que** precisam ser considerados como determinantes relativos, e assim é necessário, no mínimo, encontrar elementos para justificar o fato de que o mesmo determinante assume formas diferentes para cada uma das posições a que é açado.

O segundo problema está relacionado às análises apresentadas para a derivação das relativas não-padrão, no PB. Nas propostas em que a oração relativa é introduzida por um complementizador, parte-se do pressuposto de que ou não há deslocamento do constituinte (TARALLO, 1983, 1993) ou que o constituinte deslocado é um determinante nulo (KENEDY, 2002). Nesse caso, a focalização não ocorreria, pois precisaria atingir um constituinte que não é deslocável do interior da sentença ou que não é realizado foneticamente.

Caso se adote a proposta de que a oração relativa do PB é introduzida por um determinante, é preciso observar que, na análise de Kato e Nunes (2009), a relativização se dá a partir de uma posição de tópico, externa ao IP, com a posição argumental, no interior do IP, preenchida por um resumptivo (foneticamente realizado ou nulo). Quando se confronta essa proposta com a de Cardoso e Alexandre (2013), verifica-se que não há ponto de partida para a clivagem, uma vez que o constituinte clivado não poderia ser gerado no IP interno à relativa.

É possível, também, adotar a proposta de Kenedy (2007), segundo a qual o determinante da relativa não-padrão é deslocado do interior do IP. Embora, em princípio, essa perspectiva possa combinar-se com a proposta de Cardoso e Alexandre (2013), o resultado provoca dois outros problemas. O primeiro é um problema de ordem semântico-pragmática (o qual também pode ser apontado, caso se adote a proposta de Kato e Nunes (2009)), pois, como se associam as relativas a uma expressão de tópico, no sentido de que seu referente precisa estar acessível no discurso (LAMBRECHT, 1994, p. 131), a focalização (normalmente vista como informação nova ou com caráter contrastivo/exaustivo) atingiria um constituinte em uma relação de tópico (informação pressuposta). O segundo é um problema de ordem lógica, visto que seria necessário que a posição no interior do IP, a partir da qual ocorreria a relativização estivesse ligada, simultaneamente, a dois operadores (o de foco e o da relativização) ou, então, que o operador da relativa tivesse como variável o operador de foco.

O terceiro problema associa o problema semântico-pragmático a uma questão prosódica, pois, como apontado por Mioto e Negrão (2007), a prosódia das relativas e das clivadas é distinta. Isso significa que, após o *spell-out*, haveria na interface PF uma informação ambígua para um mesmo constituinte e, com isso, PF não saberia o ponto da sentença em que a proeminência prosódica precisa ocorrer.

O quarto problema está associado ao fato de que Cardoso e Alexandre (2013) declaram categoricamente que as relativas clivadas têm leitura de foco exaustivo. Todavia, na

análise das sentenças introduzida por **ONDE QUE** não se verificou essa leitura. O que essas sentenças apresentam é uma leitura restritiva, por conta do tipo de relativa que são.

O quinto problema foi levantado a partir da submissão das sentenças introduzidas por **ONDE QUE** ao juízo de gramaticalidade de falantes do PB: versões das sentenças relativas com a estrutura **onde é que** foram consideradas agramaticais por aqueles que as avaliaram. Um dado interessante é que alguns falantes, ao serem questionados do motivo pelo qual rejeitam a estrutura com **onde é que**, explicaram que a sentença soa estranha porque parece estar “quebrada”. É possível que isso ocorra pelo fato de a prosódia da relativa ser incompatível com a prosódia da clivada, quando ocorrem nessa ordem. Cabe lembrar que DPs que incluem CPs relativos podem ser clivados e isso não causa agramaticalidade.

#### 4.6 Considerações parciais

As informações que foram apresentadas nesta seção apontam para alguns aspectos essenciais relacionados às construções relativas locativas introduzidas por **ONDE QUE**.

A descrição dos dados mostra que a estrutura está disseminada em contextos linguísticos, gêneros textuais e espaços geográficos variados, o que aponta para o fato de que não se trata de uma estrutura fixa, cristalizada.

As propostas de análise para as orações relativas do PB parecem não aplicar-se às estruturas introduzidas por **ONDE QUE**, visto que não parece haver, nessas propostas, espaço para a presença de ambos os elementos.

A análise que relaciona a estrutura relativa à clivagem, tal como propõem Cardoso e Alexandre (2013), revela que há incompatibilidade tanto no que diz respeito às estruturas de clivagem quanto às estruturas de relativização. A impossibilidade de operações sintáticas para a derivação das sentenças e as implicações semânticas decorrentes da aplicação da proposta de relativa clivada aos dados analisados indicam essa incompatibilidade.

Com base nessas observações, a conclusão a que se chega é que as relativas locativas introduzidas por **ONDE QUE**: (a) não consistem em um exemplo da chamada relativa clivada, do PE e (b) não podem ser derivadas nos mesmos moldes já propostos para as relativas não-padrão, do PB, quer se adote a perspectiva de Kenedy (2002), quer se defenda a perspectiva de Kato e Nunes (2009).

A consequência dessa observação é que deve haver outros aspectos envolvidos na derivação dessas sentenças. Tais aspectos, defender-se-á, estão associados aos tipos de traços

que entram na computação e ao modo como o  $C_{HL}$  opera com esses traços. A proposta de derivação que se apresentará, na seção 5, parte dessa premissa.

## 5 DERIVAÇÃO A PARTIR DE TRAÇOS

### 5.1 Panorama da seção

Na seção 4, foram discutidos aspectos relacionados à derivação de sentenças relativas restritivas locativas. Buscou-se descrever as estruturas analisadas e aplicar-se a elas o que se propõe acerca da derivação desse tipo de construção. Observou-se que as propostas apresentadas não se mostraram adequadas às estruturas introduzidas por **ONDE QUE**, pois apresentam problemas tanto no curso da derivação quanto na interpretação da estrutura nos sistemas de interface. Nesta seção, apresenta-se uma proposta de análise que, acredita-se, comporta adequadamente o fenômeno estudado.

Na subseção 5.2, “Os traços e a derivação das sentenças”, retomam-se pontos presentes na literatura contemporânea que relacionam a derivação das sentenças à necessidade de checagem/valoração de traços: tanto na concatenação de constituintes quanto no deslocamento de constituintes já concatenados.

Na subseção 5.3, “Os traços na relativização”, elencam-se quais os traços que podem estar envolvidos na derivação de sentenças relativas, tomando como base a proposta de relativização por alçamento de constituinte.

Em 5.4, “Proposta de análise: complementação + foricidade”, apresenta-se a análise da relativização de estruturas com o duplo preenchimento da periferia da sentença com as formas **ONDE** e **QUE** como resultado da seleção de traços relacionados à foricidade e à completude. Além disso, apresenta-se também a possibilidade de a análise realizada ser adequada a estruturas de resumpção, fenômeno que também parece estar relacionado ao conjunto de traços que podem ser expressos pelos determinantes relativos.

Na subseção 5.5, “Derivação de uma relativa restritiva com **ONDE QUE**”, ilustra-se como esse tipo de sentença é derivado, com base na proposta apresentada nesta dissertação.

São feitas, em 5.6, algumas considerações parciais acerca do conteúdo da seção.

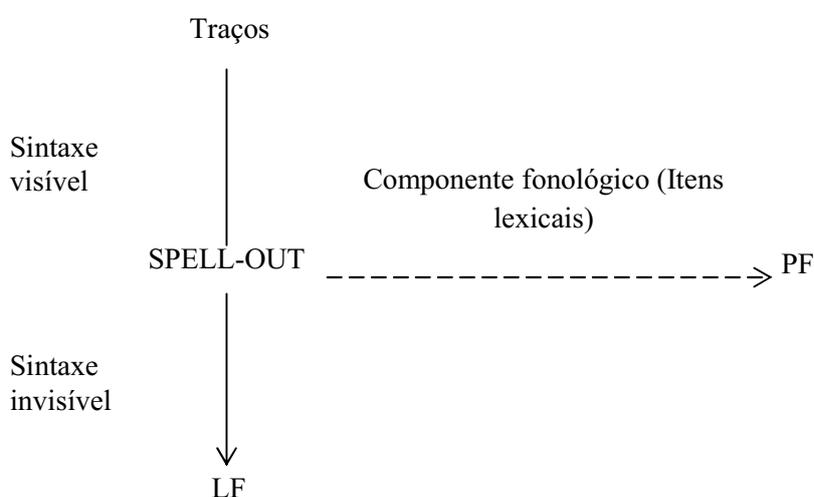
### 5.2 Os traços e a derivação de sentenças

Na seção 2, foram apresentadas diferentes estruturas para a arquitetura da gramática. Embora se distingam em vários aspectos, as concepções do Minimalismo, da Morfologia Distribuída e da Nanossintaxe utilizam os traços como elementos diretamente

envolvidos no processo de derivação da sentença, seja como um conjunto que integra um item lexical sobre o qual a sintaxe opera, seja como informações distribuídas em diferentes níveis da arquitetura computacional, seja como o próprio mecanismo do qual se alimenta a sintaxe.

Nesta dissertação, a concepção é que a sintaxe é alimentada por traços (como postulado pela Nanossintaxe) e a arquitetura da gramática consiste em uma combinação do que se apresentou nas Figuras 01 e 03, na Introdução deste trabalho, como ilustrado na Figura 08.

**Figura 08** – Uma sintaxe alimentada por traços



Nesta concepção, os traços motivam as operações sintáticas do  $C_{HL}$ , e os itens lexicais correspondem à contrapartida da interface articulatório-perceptual (PF) das estruturas geradas por esses traços.

A alteração no modelo acima, com a alimentação da sintaxe sendo feita por traços e não por itens lexicais fundamenta-se em dois aspectos. O primeiro é que essa arquitetura pode resolver o problema de estruturas com e sem resumpção (como indicado em 5.4.2), uma vez que não haveria derivações distintas com inserção do determinante relativo ora no interior do IP, ora na periferia da sentença: o conjunto de traços relacionados ao determinante relativo é inserido em um só ponto na derivação e, pela necessidade de checagem e valoração dos traços, estes são pronunciados em diferentes cópias do constituinte deslocado. Com essa postulação, acredita-se, tanto os problemas do *look-ahead* quanto o do movimento ilícito são eliminados – ou ao menos minimizados. O segundo aspecto é que essa arquitetura parece capturar o fenômeno da mudança linguística que faz com que um item lexical possa ser a expressão de conteúdos distintos, a exemplo da forma **ONDE**, que corresponde a conjunto

distinto de traços semânticos e formais. Com isso, a arquitetura da gramática capta o dado empírico de que, por um lado, a forma **ONDE** expressa tanto um conteúdo adverbial dêitico quanto um elemento anafórico em estruturas relativas, e, por outro, a forma **QUE** não consegue mais expressar o valor anafórico necessário para sentenças relativas.

Conforme Chomsky (2000, p. 101), três operações fazem parte do  $C_{HL}$ : *Merge* (Concatenação, operação por meio da qual se forma um novo objeto sintático a partir de dois outros objetos), *Agree* (Concordância, operação por meio da qual se estabelece uma relação entre um item lexical e um traço em um domínio restrito) e *Move* (Movimento, operação por meio da qual um objeto sintático já formado por uma concatenação anterior é novamente concatenado).

É interessante observar que o *Princípio de Economia* estipula que “Good design conditions would lead us to expect that simpler operations are preferred to more complex ones, so that Merge or Agree (or their combination) preempts Move, which is a ‘last resort’, chosen when nothing else is possible”<sup>86</sup>. (CHOMSKY, 2000, p. 100-101).

A ocorrência dessas três operações relaciona-se aos mecanismos do  $C_{HL}$  para lidar com os traços e com o modo como eles entram na derivação:

For an LI to be able to enter into a computation, merging with some SO [syntactic object], it must have some property permitting this operation. A property of an LI is called a *feature*, so an LI has a feature that permits it to be merged. Call this the *edge feature* (EF) of the LI. If an LI lacks EF, it can only be a full expression in itself; an interjection. When merged with a syntactic object SO, LI forms {LI, SO}; SO is its *complement*. (CHOMSKY, 2008, p. 139)<sup>87</sup>

A ideia é que existem traços interpretáveis (*i-features*) e não-interpretáveis (*u-features*), e que a interpretabilidade dos traços é determinada no léxico, pela GU:

The natural principle is that the uninterpretable features, and only these, enter the derivation without values, and are distinguished from interpretable features by virtue of this property. Their values are determined by Agree, at

---

<sup>86</sup>Condições de bom *design* levariam a esperar que operações mais simples sejam preferidas a operações mais complexas, de modo que *Merge* ou *Agree* (ou sua combinação) precedam *Move*, que é um ‘último recurso’, escolhido quando nada mais é possível. (Tradução nossa).

<sup>87</sup>Para um LI (item lexical) poder entrar na computação, concatenando-se com algum SO [objeto sintático], deve possuir alguma propriedade que permita esta operação. Uma propriedade de um LI é denominada *traço*; assim, um LI tem um traço que permite que ele seja concatenado. Denomine-se este traço de *traço de borda* (EF) de LI. Se a um LI falta EF, LI só pode ser uma expressão plena em si mesma: uma interjeição. Quando concatenado com um objeto sintático [SO], LI forma {LI, SO}; SO é seu *complemento*. (Tradução nossa).

which point the features must be deleted from the narrow syntax [...] but left available for the phonology. (CHOMSKY, 2001, p. 5)<sup>88</sup>

Nesse sentido, a operação *Agree* é responsável pelo apagamento dos traços não-interpretáveis no percurso da derivação para a interface LF. Esse apagamento ocorre a partir de uma correlação entre traços interpretáveis e não-interpretáveis de dois objetos sintáticos, por meio de um mecanismo de sonda (*probe*), em uma posição mais alta da sentença, que busca traços em um alvo (*goal*), em uma posição mais baixa da sentença, com o qual ocorra identidade (*matching*). Assim, “matching of probe and goal induces Agree, eliminating uninterpretable features that activate them”. (CHOMSKY, 2001, p. 6)<sup>89</sup>.

A operação de checagem/valoração de traços funciona como gatilho para o deslocamento de constituintes, entendido nesta dissertação em conformidade com a Teoria do Movimento por Cópia.

Desse modo, um constituinte somente é deslocado/copiado após sofrer o primeiro *Merge* (*External Merge, EM*) a fim de satisfazer a checagem/valoração de algum traço por meio de um segundo *Merge* (*Internal Merge, IM*), com o conseqüente apagamento da(s) cópia(s) mais baixa(s) do sintagma, na estrutura da sentença, embora “there should be an exception to the conclusion that only one is phonetically realized: namely, when special conditions [...] require some residue of the lowest copy to satisfy interface conditions” (CHOMSKY, 2008, p. 146)<sup>90</sup>.

Se, por um lado, os traços funcionam como gatilho para IM, por outro há restrições que impedem a livre ocorrência do deslocamento de constituintes. A versão mais recente do Minimalismo atribui essas restrições à existência de fases, isto é, de estágios do sistema computacional em que os objetos sintáticos já construídos são encaminhados, por meio da operação *spell-out*, para os sistemas de interface. Nesse caso, a operação *spell-out* seria aplicada a elementos que não se submetem mais a deslocamento, ou seja, que já tiveram todos os seus traços checados/valorados.

As fases costumam ser relacionadas às possibilidades de expressão de conteúdo proposicional (CHOMSKY, 2001, p. 12). Portanto, a restrição ao acesso das operações

<sup>88</sup>O princípio natural é que os traços não-interpretáveis, e somente estes, entram na derivação sem valores e são distintos dos traços interpretáveis em razão dessa propriedade. Seus valores são determinados por Agree, ponto em que os traços devem ser apagados da sintaxe estrita, mas deixados disponíveis para a fonologia. (Tradução nossa).

<sup>89</sup>A identidade entre sonda e alvo induz Agree, o que elimina os traços não-interpretáveis que os ativam. (Tradução nossa).

<sup>90</sup>Deve haver uma exceção à conclusão de que apenas uma é foneticamente realizada: nomeadamente, quando condições especiais requerem que algum resíduo da cópia mais baixa satisfaça condições de interface. (Tradução nossa).

sintáticas a elementos dentro de seu domínio ocorreriam no nível da complementação sentencial (CP) e da estrutura argumental verbal (VP)<sup>91</sup> (CHOMSKY, 2008, p. 143).

No que diz respeito ao objeto desta dissertação, deve-se destacar que as construções relativas envolvem o deslocamento de constituintes, quer elementos foneticamente realizados quer nulos.

Considerando que os determinantes relativos incluem-se no rol dos elementos QU-, a síntese apresentada por Cable (2010, p. 4-5) captura a necessidade de se verificarem os traços que estão associados ao deslocamento de sintagmas e ao preenchimento da periferia da sentença<sup>92</sup>: elementos QU- possuem uma propriedade X e a posição para a qual os elementos QU- são deslocados possuem uma propriedade Y; princípios gerais implicam que X deve ser colocado em posições que carreguem a propriedade Y. Na próxima subseção, discutir-se-á quais traços estão presentes na derivação de uma sentença relativa.

### 5.3 Os traços na relativização

Baseando-se na proposta de que o deslocamento de constituintes é engatilhado pela presença de traços que precisam ser checados/valorados, é legítimo propor que uma sentença relativa restritiva, derivada por alçamento do pivô, resulte da necessidade de se verificarem traços dos nós envolvidos na construção de uma relativa.

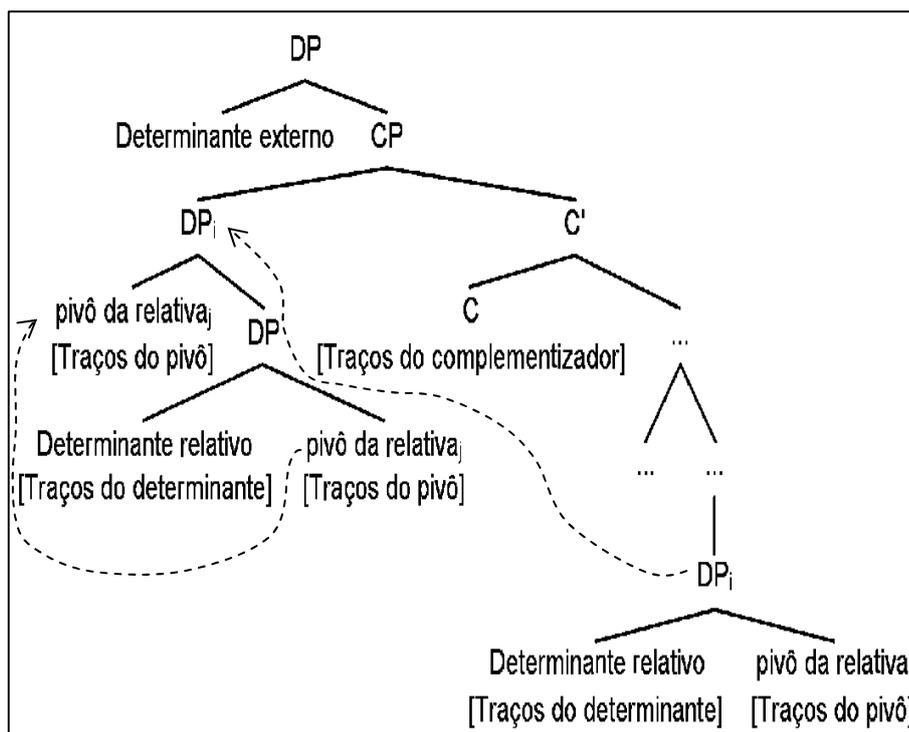
Procura-se, na Figura 09, ilustrar a relação entre nós sintáticos e traços envolvidos na relativização.

---

<sup>91</sup>Há discussões acerca da consideração de outras categorias como fase. Contudo, não se fará, nesta dissertação, uma discussão acerca da natureza das fases. Nesse sentido, ver Chomsky (2001, 2008).

<sup>92</sup>O trabalho de Cable está relacionado às estruturas interrogativas. Por sua similaridade estrutural, acredita-se que mecanismos afins operem nas sentenças relativas.

**Figura 09**– Os nós e os traços na relativização



Como os constituintes deslocados pousam no domínio do CP, é legítimo assumir que tais traços sejam estabelecidos a partir do núcleo C. As informações aí codificadas ativam os mecanismos de identificação de constituintes em que há identidade de traços (*matching*). Em princípio, a sonda em C localiza como alvo o DP relativo, e a operação de *internal merge* ocorre.

A questão, então, passa a ser identificar quais são esses traços. Uma parte deles foi apresentada na seção 2, no quadro 03, repetido a seguir:

**Quadro 03** – O domínio COMP das orações relativas.

Determinante relativo (em SpecCP)		C		Traços do Determinante relativo			Traços de C	Exemplos
Lexical	Pronome relativo	∅	Compl. relativo	Traços phi	Traço de Caso da subord.	Traço wh	subord.	D + ∅
∅	Pronome relativo	Lexical	Compl. relativo	Traços phi	Traço de Caso da subord.	Traço wh	subord.	∅ + C
∅	Pronome relativo	∅	Compl. relativo	Traços phi	Traço de Caso da subord.	Traço wh	subord.	∅ + ∅
Lexical	Pronome relativo	Lexical	Compl. relativo	Traços phi	Traço de Caso da subord.	Traço wh	subord.	D + C

Vries (2002) localiza, no núcleo C, a expressão de traços relacionados à subordinação de sentenças e, no núcleo D, os traços vinculados ao elemento QU-, ao caso do DP na subordinada e os traços-*phi* (aqueles normalmente associados às noções de pessoa, gênero e número).

Suñer (1998) associa ao núcleo C os traços [predicacional] e [pronominal]. O traço predicacional, segundo a autora, está relacionado à própria natureza da oração relativa:

I assume that the head of the complementizer phrase (CP), C, is the carrier of the force feature that determines the clausal type [...]. The C of relative clauses has the feature [predicational], emblematic of this type of clause. This feature is satisfied by the antecedent NP of the relative clause through the intermediacy of a relative pronoun or a null operator; importantly, note that the NP category is predicative in nature [...]. (SUÑER, 1993, p. 344).<sup>9394</sup>

O traço [pronominal] está associado, segundo Suñer (1998), ao deslocamento de um relativo lexicalizado ou foneticamente nulo. É importante observar que, para Suñer (1998, p. 348), é a presença do traço [pronominal] no núcleo C que leva ao aparecimento do

<sup>93</sup>Considero que o núcleo do sintagma complementizador (CP), C, é o portador do traço de força que determina o tipo oracional [...]. O C das orações relativas tem o traço [predicacional], emblemático deste tipo de oração. Este traço é satisfeito pelo NP antecedente da oração relativa por intermédio de pronome relativo ou de um operador nulo; é importante notar que a categoria NP é predicativa por natureza. (Tradução nossa).

<sup>94</sup>Deve-se destacar que, com base nas representações que apresenta para as orações relativas, Suñer não considera que o pivô da relativa seja alçado do interior do IP para a periferia da sentença. Todavia, não se acredita que isso inviabilize a presença do traço [predicacional] na análise que nesta dissertação se propõe.

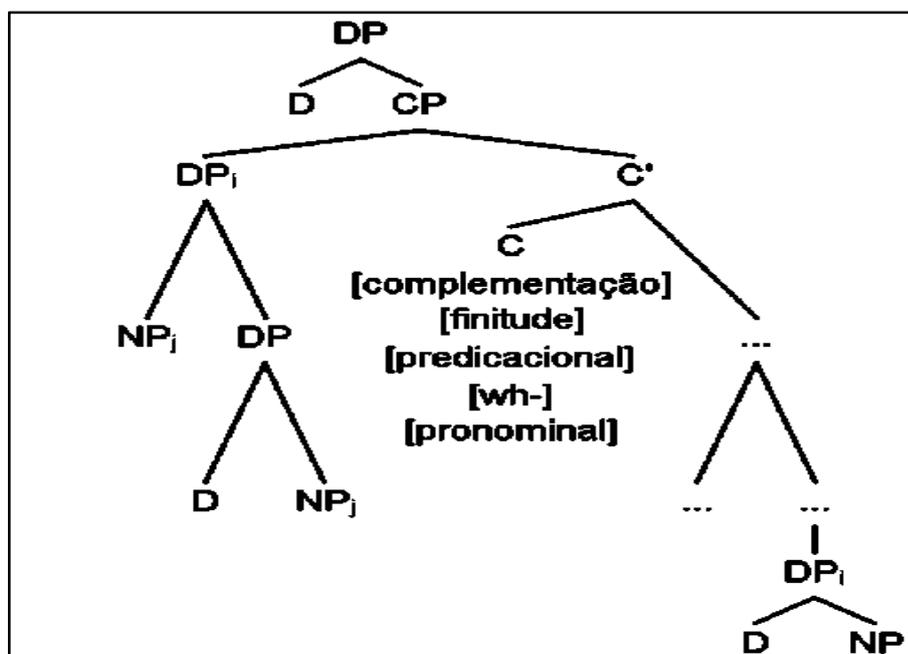
operador nulo. É esta, também, a configuração que permite o aparecimento de pronomes resumptivos no interior da sentença relativa.

Diferencia-se, assim, o operador nulo do relativo nulo, já que este resulta da ocorrência, no núcleo C de um complementizador com o traço [+ pronominal]. Suñer (1998) acrescenta que “the null relative is [+ interpretable] at LF because of its pronominal features. Moreover, as with any other null element, its features must be identified” (SUÑER, 1998, p. 355)<sup>95</sup>.

Nesse sentido, cabe observar que o traço [pronominal] pode abarcar uma série de informações além dos já conhecidos traços de pessoa, gênero e número. Assim, podem estar codificados nesse traço aspectos relacionados à referencialidade da sentença e à presença de informações identificáveis no universo discursivo, ainda mais se se considera que, entre os traços que compõem os pronomes e outros determinantes, estão aspectos relacionados à elocução, como os traços dêitico (a identificação do falante e do ouvinte) e anafórico, e até os traços *wh*- (KERSTENS, 1993).

Com base no que propõem Vries (2002) e Suñer (1998), é legítimo pensar que a composição do núcleo C das relativas abarque informações codificadas pelos traços elencados na Figura 10.

**Figura 10**– Traços do núcleo C, das sentenças relativas



<sup>95</sup>O relativo nulo é [+ interpretável] em LF por conta de seus traços pronominais. Ademais, como qualquer outro elemento nulo, seus traços precisam ser identificados. (Tradução nossa).

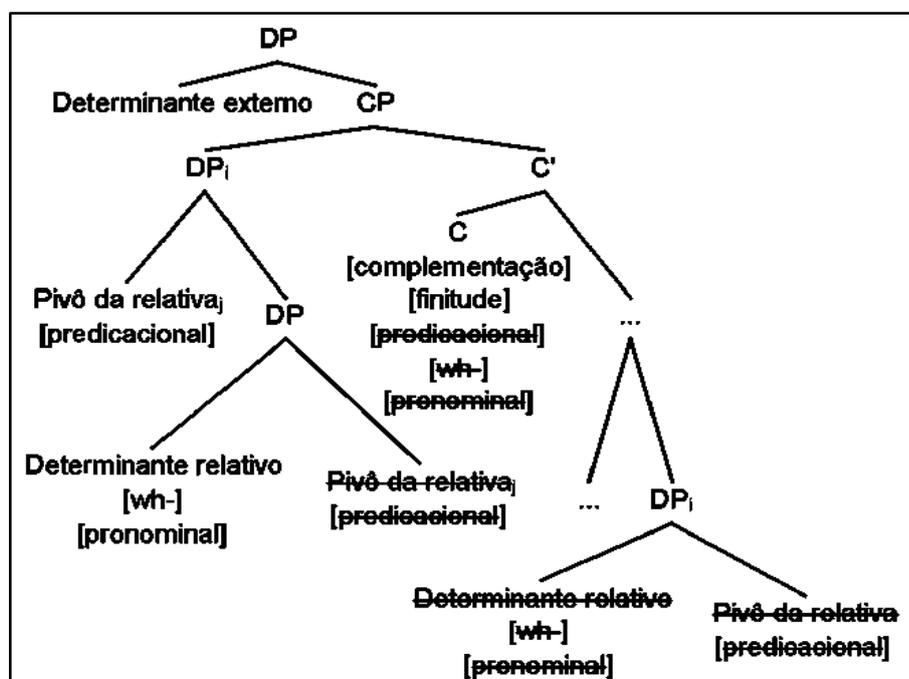
A concepção de que o núcleo *C* é o *locus* da checagem/valoração de um conjunto de traços subjaz a proposta de análise das relativas com **ONDE QUE**, que se apresenta na subsecção 5.4.

#### 5.4 Proposta de análise: complementação + foricidade

As Figuras 09 e 10, na subsecção 5.3, apresentam os traços envolvidos em sentenças relativas restritivas e partem da ideia de que o núcleo *C* é o local que motiva a checagem/valoração desses traços. Pelo *Princípio de Economia*, o deslocamento de constituintes (operação *Move*) só deve ser aplicado em situações nas quais não se possa checar/valorar um traço por meio da operação *Agree*.

Nesse sentido, é necessário, então, que os constituintes envolvidos na derivação de uma sentença relativa apresentem, cada um deles, os seguintes traços, conforme indicado na Figura 11, com as cópias dos constituintes deslocados e os traços checados/valorados devidamente apagados:

Figura 11– Os traços na relativa e o deslocamento de constituintes



Com base na Figura 11, o deslocamento do [DP<sub>i</sub>] ocorre por conta dos traços [wh-] e [pronominal], e o deslocamento do [Pivô da relativa<sub>j</sub>] ocorre devido ao traço [predicacional].

Embora essa representação contenha espaço para a derivação de estruturas relativas locativas introduzidas por **ONDE QUE**, ela não justifica, por si só, o fato de que ambas as formas apareçam na estrutura da sentença, uma vez que tanto o núcleo C quanto o determinante relativo podem ser preenchidos por itens foneticamente nulos, como se verifica em (53), (54) e (55):

(53) A casa onde que eu moro.

(54) A casa onde Ø eu moro.

(55) A casa Ø que eu moro.

Assim, é necessário verificar que informações necessárias à Interface Semântico-Conceitual levam ao preenchimento de cada um dos nós por um item lexical específico.

#### 5.4.1 A QUESTÃO DA COMPLEMENTAÇÃO

A complementação de sentenças tem sido objeto de diversas análises, principalmente por ser o CP o domínio da sentença em que há uma aproximação bastante significativa entre aspectos sintáticos e pragmáticos.

Não é propósito desta subseção apresentar uma discussão aprofundada desses aspectos, mas considera-se relevante apontar alguns pontos fundamentais para a estruturação do CP das relativas restritivas.

Um dos primeiros pontos a considerar é o tipo de informação pragmática que é codificada no CP. Embora, como já indicado na introdução desta dissertação, não se adote a representação cartográfica na análise dos dados, as pesquisas sob esta abordagem trazem informações a serem consideradas: a mais relevante delas, para a análise que aqui se faz, é a proposta de que o CP seja constituído por subcamadas.

Rizzi (1997) aponta a existência de dois sistemas no interior do CP: o Sistema Força-Finitude e o Sistema Tópico-Foco.

O primeiro sistema está relacionado à consideração de que

We can think of the complementizer system as the interface between a propositional content (expressed by the IP) and the superordinate structure (a

higher clause or, possibly, the articulation of discourse, if we consider a root clause). As such, we expect the C system to express at least two kinds of information, one facing the outside and the other facing the inside. (RIZZI, 1997, p. 283)<sup>96</sup>

Rizzi (1997) defende que a informação *voltada para fora* está relacionada à força ilocucionária da sentença e que a informação *voltada para dentro* está relacionada à finitude da sentença — estão, portanto, associados a aspectos seletivos dos constituintes.

O segundo sistema está relacionado à codificação de uma informação como sendo conhecida (o Tópico) ou nova (o Foco). Segundo Rizzi (1997), o Sistema Tópico-Foco nem sempre é ativado (contrariamente ao que ocorre com o Sistema Força-Finitude) e, assim, vem encaixado neste, na seguinte configuração: *Força – (Tópico) – (Foco) – Finitude*.

Benincà e Poletto (2004) ampliam a análise das camadas do CP. Considerando os tipos distintos de *Tópico* e de *Foco*, postulam uma hierarquia no interior desse sistema. Entre *Força* e *Finitude*, há três campos distintos: o primeiro, relacionado à esquematização/enquadramento da informação (*Frame Field*), abriga o tópico pendente e o tópico de enquadramento; o segundo, relacionado à tematização da informação (*Topic Field*), abriga o tópico deslocado à esquerda e o tópico com interpretação de lista; o terceiro, relacionado à focalização de constituintes (*Focus Field*), abriga o foco contrastivo e o foco informacional.

Com base nessas análises, é necessário indagar que tipo de informação é expressa pelo CP das relativas restritivas, ou, mais especificamente, é necessário indagar qual das cinco camadas expressa o núcleo C das sentenças relativas.

Costumeiramente, apresenta-se a noção “relativa” como sendo a força ilocucionária da sentença, como Rizzi (1997) e Suñer (1998). Todavia, as sentenças relativas restritivas só aparecem encaixadas em outras estruturas (diferentemente de sentenças interrogativas e imperativas, por exemplo) e acabam por partilhar a mesma força da sentença matriz, de modo semelhante às sentenças completivas. Assim, parece apropriado que o núcleo C das relativas esteja associado a um outro tipo de informação.

Os dados apresentados na seção 4, desta dissertação, descartam o campo de Foco como possibilidade, e, por conta da relação do pivô da relativa com o tópico discursivo (LAMBRECHT, 1994), o candidato natural para essa posição seria o campo de Tópico.

---

<sup>96</sup>Podemos pensar o sistema complementizador como uma interface entre o conteúdo proposicional (expresso pelo IP) e a estrutura superordenada (uma oração mais alta ou, possivelmente, a articulação do discurso, se considerarmos uma sentença raiz). Assim, esperamos que o sistema C expresse, ao menos, dois tipos de informação, uma voltada para fora e outra voltada para dentro [da sentença]. (Tradução nossa).

Contudo, o juízo de gramaticalidade e a interpretação das sentenças (56), (57) e (58) apontam em outro sentido:

(56) \*Escolhi a casa ONDE QUE morar.

(57) Escolhi a casa ONDE morar.

(58) ?Escolhi a casa QUE morar.

As três sentenças são infinitivas, porém (56), com o duplo preenchimento da periferia da sentença, foi considerada agramatical. A gramaticalidade de (57) sugere que o problema não é a presença do relativizador, mas o fato de que ambos não podem estar presentes na sentença infinitiva.

Conforme se apontou nas seções 3 e 4, o **QUE** das relativas não-padrão, no PB, comporta-se mais como um complementizador de sentenças finitas do que como um determinante. O mesmo não se pode dizer do **ONDE**, que parece manter suas propriedades referenciais. Assim, a agramaticalidade de (56) parece justificar-se pela presença de um elemento relacionado à finitude da sentença em uma oração infinitiva.

A possível gramaticalidade<sup>97</sup> de (58), em princípio, parece funcionar como contra-argumento a essa proposta. Entretanto, a interpretação atribuída a (57) e a (58) não é a mesma. A submissão ao juízo de gramaticalidade indicou que (57) expressa o local onde o indivíduo vai morar, ao passo que (58) expressa a finalidade da casa escolhida. Em algumas situações, os falantes parafrasearam (57) como *Escolhi a casa em que morar / na qual morar* e (58) como *Escolhi a casa para morar*<sup>98</sup>. Isso implica que, enquanto (57) tem uma leitura de relativa, (58) é interpretada como uma adverbial final. O resultado é que, em (58), o **QUE** comporta-se como uma preposição, assim como ocorre em sentenças como *Tenho que estudar / Tenho de estudar*.

As considerações aqui feitas apontam que, nas relativas restritivas não-padrão do PB, o **QUE** está relacionado à expressão de finitude da sentença. Pode-se argumentar que sentenças como (03) “A casa onde eu morava...” funcionam como um dado contrário a essa

<sup>97</sup>A sentença (58) está marcada com uma interrogação pelo fato de que o juízo de gramaticalidade a ela atribuído não foi categórico: uma parte dos falantes considerou a sentença inteiramente gramatical; outra parte expressou dúvida quanto à gramaticalidade da sentença.

<sup>98</sup>A presença da preposição (indicando *pied-piping*) e a marcação da concordância de gênero apontam para o uso, nas paráfrases a (57), de determinantes relativos, entre os quais, a forma **QUE**. Esse dado também poderia funcionar como um contra-argumento para a proposta de que o **QUE** nas relativas vernaculares do PB seja um complementizador. No entanto, se se levam em consideração as proposta de Kenedy (2007) da antinaturalidade de *pied-piping* e o resultado de pesquisas como as de Correa (1998), que apontam que a relativa padrão, no PB, é resultado do processo de escolarização, não se compromete a ideia de que o **QUE**, no uso vernacular do PB, é um complementizador. As paráfrases a (57) seriam, na verdade, expressão da atuação da *gramática do letrado* (KATO, 2005).

análise, uma vez que a sentença é finita e o **QUE** não está presente na oração. Esse aspecto será abordado no item 5.4.3.

#### 5.4.2 A QUESTÃO DA FORICIDADE

Os determinantes relativos são os elementos que, na sentença relativa restritiva, têm a função de relacionar o pivô da relativa (o qual retoma) a uma posição argumental no interior do IP relativo, na qual o sintagma que contém esse pivô é interpretado. Trata-se, assim, de um constituinte que, ao mesmo tempo em que se comporta de modo semelhante a um operador em relação a uma variável, tem propriedades pronominais.

Conforme aponta J.Lyons (1977), os elementos pronominais costumam apresentar duas diferentes funções, embora relacionadas: uma é fazer referência “to the referent of the antecedent expression with which it is correlated”<sup>99</sup> (LYONS, 1977, p. 660); a outra é localizar e identificar

“persons, objects, events, processes and activities being talked about, or referred to, in relation to the spatiotemporal context created and sustained by the act of utterance and the participation in it, typically, of a single speaker and at least one addressee”<sup>100</sup> (LYONS, 1977, p. 637).

A primeira, segundo J.Lyons (1977) é a função anafórica e a segunda é a função dêitica. Como, no interior da Teoria Gerativa, o termo anáfora está relacionado a um uso bastante específico (as anáforas são os elementos pronominais submetidas à Condição A, de ligação — os elementos pronominais reflexivos), identificar-se-á a função anafórica, tal qual explicitada por J.Lyons (1977), pelo termo *foricidade*.

Por conta de sua relação com outros elementos — quer da estrutura sentencial, quer do contexto comunicativo —, os elementos pronominais (e a categoria dos determinantes, dos quais fazem parte) acabam por expressar uma série de outras informações.

Assim a proposta representada na Figura 11 precisa ser reanalisada no sentido de que o traço [Pronominal] é, na verdade, a possibilidade de veiculação de uma série de outras

<sup>99</sup>Ao referente da expressão antecedente com a qual ele [o pronome] se relaciona. (Tradução nossa).

<sup>100</sup>Pessoas, objetos, eventos, processos e atividades sobre as quais se fala, ou às quais se refere, em relação ao contexto espaço-temporal criado e mantido pelo ato da enunciação e pela participação nele, tipicamente, de um falante e ao menos de um destinatário. (Tradução nossa).

noções, como gênero, número, definitude, especificidade<sup>101</sup>, além de noções relacionadas à deixis<sup>102</sup>, como pessoa e proximidade (tanto espacial quanto temporal).

A foricidade é um dos aspectos a se considerar na forma que os determinantes relativos assumem quando a sentença relativa é pronunciada: a forma **QUEM**, por exemplo, está relacionada à referência a um antecedente (o pivô da relativa) que expressa noção de ser humano e precisa aparecer, nas relativas restritivas, em uma estrutura como complemento de um PP; a forma **QUANDO**, a um antecedente que expressa uma noção de tempo; a forma **COMO**, a um antecedente que expressa uma noção de modo; a forma **ONDE**, a um antecedente que expressa uma noção de lugar<sup>103</sup>. O mesmo processo se verifica em outras línguas, como o inglês, com as formas **WHO(M)**, **WHEN**, **HOW** e **WHERE**. As formas **O QUAL**, **A QUAL**, **OS QUAIS**, **AS QUAIS** estão relacionadas à expressão de gênero e de número do antecedente. A forma **QUE**, por sua vez, aparece em sentenças em que não há nenhuma propriedade específica do antecedente a ser veiculada pelo relativizador — de modo semelhante ao que ocorre com o complementizador relativo **THAT**, em inglês.

#### 5.4.3 JUNTANDO COMPLEMENTAÇÃO E FORICIDADE

A consideração de que o domínio da complementação e o da determinação podem expressar conjuntos distintos de informação é a base da proposta de análise para as sentenças relativas locativas introduzidas por **ONDE QUE**.

Parte-se do pressuposto de que, a partir da numeração, seleciona-se um NP com um traço [predicacional], o qual é complemento de um DP com um traço [wh-] e com o conjunto de traços [pronominal]. Essa configuração de traços do conjunto [DP[NP]], na derivação da sentença vai relacionar-se com os traços [predicacional], [wh-] e [pronominal]do

<sup>101</sup>No que diz respeito às noções de definitude e de especificidade, deve-se observar que, segundo C.Lyons (1999):

(a) a noção de definitude está relacionada à clareza da referência tanto para o falante quanto para o ouvinte e, assim, está associada à identificabilidade da informação, isto é, à premissa de que o ouvinte está em condições de identificar o referente;

(b) a noção de especificidade está relacionada à particularização da referência.

Já Cowper e Hall (2002) associam “definitude” à referencialidade indexada no universo do discurso e “especificidade” à denotação de um indivíduo (ou grupo de indivíduos) particular.

<sup>102</sup>A deixis é um tema de estudo de diversas áreas do conhecimento que lidam com a linguagem: Filosofia, Psicologia, Linguística — e, dentro desta, a Sintaxe, a Semântica, a Linguística de Texto, a Linguística Enunciativa. Assim, a abordagem e a discussão do tema envolvem níveis distintos de complexidade. Todavia, a referência à deixis que se fará nesta dissertação está relacionada especificamente em seu aspecto pronominal. Para uma discussão mais aprofundada do tema, ver Lahud (1979).

<sup>103</sup>Embora, como já se explicitou na seção 4, a forma “onde” também apresente outras propriedades referenciais, o que parece resultar em seu relacionado a contextos em que o pivô da relativa não está, necessariamente, em uma configuração locativa.

CP, o qual também codifica os traços [complementação] e [finitude]. O procedimento de checagem e de valoração desses traços implica o deslocamento de constituintes e resulta nas diferentes estruturas relativas pronunciadas pelo sistema de interface PF.

O deslocamento de constituintes é uma operação que precisa ser motivada pela checagem de traços, quando esse processo não pode ser feito à distância. Assim é relevante indagar qual desses traços é responsável pelo deslocamento de constituintes nas sentenças relativas, isto é, qual desses traços precisa ser checado no CP.

O traço [predicacional] não parece ser o responsável pelo deslocamento, uma vez que existem as chamadas relativas livres, em cuja predicação não há um NP envolvido. O traço [wh], costumeiramente relacionado ao deslocamento de constituintes, também não parece ser, por si só, o responsável pelo deslocamento, já que, no PB, existem construções com elementos **WH***in situ*, como as interrogativas. Assim, seguindo Suñer (1998), defende-se, aqui, que seja o traço [pronominal] de C o gatilho para o deslocamento do constituinte relativo para a periferia da sentença.

Nesse ponto, cabe ressaltar que se discute na teoria se os procedimentos de checagem e de valoração de traços ocorrem de uma posição superior para uma posição inferior ou vice-versa. Trabalhos como os de Zeiljstra (2009, 2012 e 2014) e de Bjorkman e Zeiljstra (no prelo) fornecem fortes argumentos para a ocorrência da segunda hipótese, a de *Upward Agree*, que pode ser assim formulada:

$\alpha$  can Agree with  $\beta$  iff:

- a.  $\alpha$  carries at least one uninterpretable feature and  $\beta$  carries a matching interpretable feature;
- b.  $\beta$  c-commands  $\alpha$ ;
- c.  $\beta$  is the closest goal to  $\alpha$ .<sup>104</sup>

(BJORKMAN; ZEILJSTRA, no prelo).

Nessa perspectiva, a operação de checagem de traços é uma condição prévia para a valoração de traços e, uma vez checado ao menos um dos traços entre dois objetos sintáticos, cria-se entre eles uma relação de acessibilidade de traços. No caso das relativas, a

---

<sup>104</sup> $\alpha$  pode concordar com  $\beta$  sse:

- a.  $\alpha$  carrega ao menos um traço não-interpretável e  $\beta$  carrega um [traço] interpretável correspondente;
- b.  $\beta$  c-comanda  $\alpha$ ;
- c.  $\beta$  é o alvo mais próximo de  $\alpha$

(Tradução nossa).

checagem do traço pronominal do núcleo C deixa todos os demais traços do determinante relativo acessíveis a ele.

A possibilidade de o conjunto de traços [pronominal] abarcar informações diversas está relacionada, conforme a análise que aqui se propõe, à ocorrência de sentenças como (59), (60) e (61):

- (59) O terceiro passo é saber um pouco mais sobre a pessoa *com quem que você vai se relacionar...* (Disponível em: <<http://provarejounivar.blogspot.com.br/2010/07/como-fazer-o-primeiro-contato-com-um.html>>. Acesso em: 15 jan. 2014)<sup>105</sup>
- (60) Por exemplo, use o painel Gerenciamento de Tarefas para visualizar o status de uma execução para um planejamento, a data e hora *quando que foi executado* e os arquivos de log das tarefas que estão associadas à execução... (Disponível em: <[http://www.ibm.com/support/knowledgecenter/pt-br/SSNE44\\_5.2.7/com.ibm.tpc\\_V527.doc/fqz0\\_t\\_create\\_scans.html](http://www.ibm.com/support/knowledgecenter/pt-br/SSNE44_5.2.7/com.ibm.tpc_V527.doc/fqz0_t_create_scans.html)>. Acesso em: 15 jan. 2014)
- (61) Incrível! O jeito *como que essa cobra Muçurana consegue comer uma cobra Cascavel...* (Disponível em: <<http://euamomeusanimais.com.br/cobra-comendo-cobra-mucurana-come-uma-cascavel/>>. Acesso em: 15 jan. 2014)

O fato de essas sentenças serem consideradas gramaticais, assim como as sentenças com **ONDE QUE**, indica que há, no conteúdo do determinante relativo, a possibilidade de selecionarem-se traços mais especificados além do traço de foricidade: em (57) o traço faz uma referência específica a [pessoa]; em (58) a [tempo]; em (59), a modo. Isso sugere, por um lado, a possibilidade de que o determinante relativo esteja relacionado apenas à expressão de foricidade, no sentido de referir-se a uma outra informação.

Por outro lado, a restrição à ocorrência do **QUE** em sentenças infinitivas, apontada em 5.4.1, sugere que esse elemento está relacionado à marcação da finitude da sentença. Há de se observar, no entanto, que esse traço não é obrigatoriamente realizado foneticamente nas sentenças encaixadas, como o que ocorre nas estruturas interrogativas encaixadas em (62), (63), (64) e (65):

<sup>105</sup>O fato de essa sentença apresentar *pied-piping*, de modo similar à denominada relativa padrão, ao lado do duplo preenchimento da periferia oracional, parece apontar, mais uma vez, para a atuação da “gramática do letrado”.

(62) O rapaz perguntou quem você convidou.

(63) O rapaz perguntou onde você mora.

(64) O rapaz perguntou quando você volta.

(65) O rapaz perguntou como você está.

Estando essa linha de raciocínio correta, pode-se postular que, nas relativas vernaculares do PB, a combinação do traço de foricidade com outros traços acaba por ensejar a produção de estruturas distintas: a satisfação do traço [pronominal] sem propriedades especificadas ocorre pela realização de um determinante nulo, na periferia da sentença; a satisfação do traço [pronominal] com propriedades especificadas ocorre pela realização de um determinante particular.

No que concerne ao preenchimento do núcleo C, o fato de haver sentenças relativas apenas com os pronomes relativos e a proposta de que esse relativo pode ser nulo apontam para a possibilidade de haver relativas finitas em português sem a realização fonética tanto do determinante relativo quanto do complementizador, a exemplo do que ocorre nas sentenças relativas (66) e (67), do inglês, língua que também permite complementação finita sem preenchimento da periferia da sentença por algum elemento foneticamente realizado, como ilustra a sentença (68):

(66) The boy you visited...

O garoto você visitou

*O garoto que você visitou...*

(67) The city I was born...

A cidade eu fui nascido

*A cidade onde eu nasci...*

(68) He said he works at a hospital.

Ele disse ele trabalha em um hospital

*Ele disse que trabalha em um hospital.*

Todavia, em português, diferentemente do que ocorre em inglês, ao menos um elemento precisa estar presente na periferia de sentenças encaixadas finitas. A seleção de traços na numeração e as operações de checagem e de valoração desses traços são os fatores que condicionam o preenchimento da periferia da sentença, o que deve ocasionar a presença

de ao menos de um dos dois itens lexicais que realizam os traços da relativização: ou o determinante relativo, ou o complementizador, ou ambos.

Essa ideia está sintetizada no Quadro 06:

**Quadro 06** – Foricidade dos relativos e preenchimento da periferia.

FORICIDADE		DETERMINANTE RELATIVO	FINITUDE	
			SENTENÇA INFINITIVA	SENTENÇA FINITA
Geral		∅	QUE (preposicional)	QUE
Especificada	Lugar	ONDE	∅	∅ / QUE
	Tempo	QUANDO	∅	∅ / QUE
	Modo	COMO	∅	∅ / QUE
	Pessoa	QUEM	∅	∅ / QUE

O determinante relativo **QUEM** constitui, aparentemente, um argumento contrário a essa proposta de análise das construções relativas. Diferentemente do determinante interrogativo **QUEM**, o relativo **QUEM** só aparece nas relativas restritivas do PB, em construções preposicionadas (o que envolve *pied-piping*), ou em relativas livres. Nesse sentido, a forma **QUE**, em estruturas não-preposicionadas, funcionaria como um pronome relativo, mesmo no português vernacular.

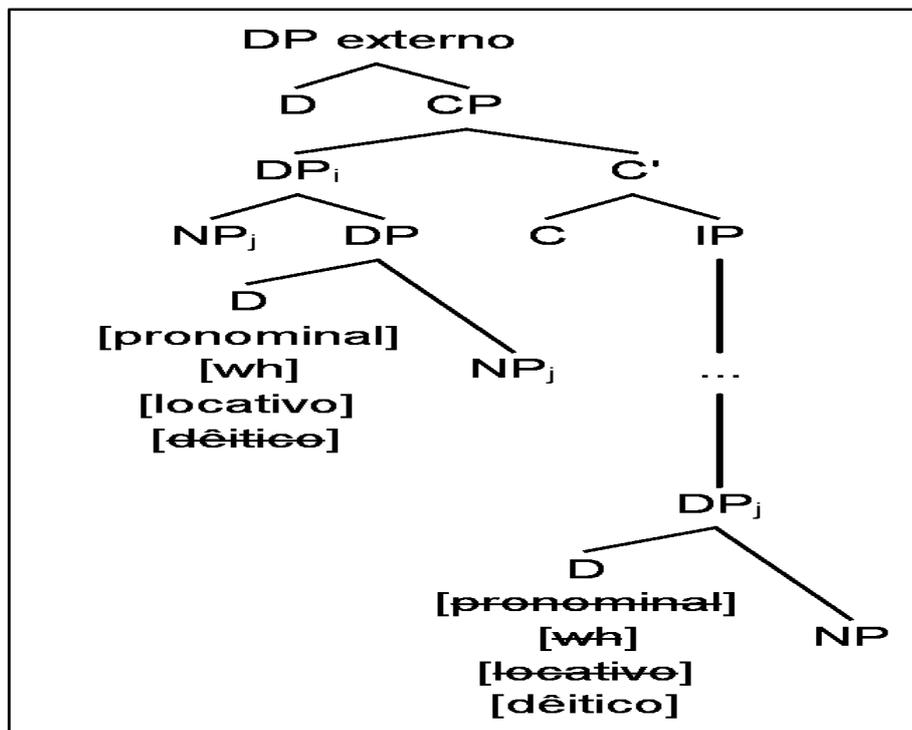
A sentença (69), no entanto, coletada em uma conversa informal, parece sugerir a solução para esse contra-argumento.

(69) A gente vai naquele restaurante *onde que, no meu aniversário, Fernanda levou a gente lá*.

Essa sentença apresenta, associados à relativização, três itens linguísticos — **ONDE**, **QUE** e **LÁ** —, cuja presença precisa ser justificada pela satisfação de traços especificados. Partindo da ideia de que o núcleo D do DP relativizado consiste, na verdade, em um conjunto de traços que não são necessariamente os mesmos, pode-se argumentar que o elemento **LÁ** precisa aparecer para pronunciar alguma informação que o elemento **ONDE**

sozinho não consegue codificar. Essa estrutura de resumpção parece ocorrer para dar conta de uma informação de caráter dêitico que o determinante relativo **ONDE** não expressa<sup>106</sup>, como ilustrado na Figura 11:

Figura 12– Traços e resumpção



Essa configuração deveria, em princípio, provocar o colapso da derivação (*crash*), pelo fato de haver um traço que não foi checado. Entretanto, conforme a proposta de *Upward Agree*, apresentada no início desta subseção, a checagem de apenas um dos traços torna os objetos sintáticos acessíveis uns aos outros numa relação de sonda e alvo. Esse princípio pode ser aplicado nas situações em que a satisfação de um conjunto de traços seja realizada, pela interface PF, em posições diferentes ocupadas pelo constituinte deslocado.

O mesmo princípio pode também ser aplicado às demais estruturas de resumpção em relativas. O fato de não se registrarem, no PB, estruturas relativas restritivas como (70) e (71), aponta para a inexistência de um determinante relativo com propriedades especificadas para [pessoa] em contextos não-preposicionados e, conseqüentemente, prediz a impossibilidade de (72) e (73):

(70) \*A pessoa quem eu falei...

<sup>106</sup> Cumpre lembrar que o caráter dêitico costuma ser relacionado, na literatura, ao pronome/advérbio interrogativo “onde”.

- (71) \*A pessoa quem falou comigo...
- (72) \*A pessoa quem que eu falei...
- (73) \*A pessoa quem que falou com comigo...

Esses exemplos sugerem que o determinante relativo **QUEM**, em relativas restritivas, é a realização fonética de um traço associado à preposição, em uma configuração em que a preposição precisa ser foneticamente realizada; por conseguinte, não parece ser capaz de realizar sozinho o traço que a preposição veicula.

O resultado é que a inexistência do determinante relativo com propriedades especificadas para [pessoa] em estruturas relativas restritivas pode ser sanada pela ocorrência de pronomes resumptivos no interior do IP. Além disso, e estando esse raciocínio correto, é legítimo admitir a ideia de que os resumptivos podem estar relacionados à satisfação de outros traços.

### 5.5 Derivação de uma relativa restritiva locativa com ONDE QUE

Nesta subseção, ilustra-se a proposta da derivação de orações relativas restritivas locativas introduzidas por ONDE QUE. A derivação está simplificada, sendo destacados os nós mais relevantes para o processo de derivação da sentença (06) *A casa onde que eu morava...*

Como se considera que o que alimenta a sintaxe são traços, os demais itens pronunciados em PF aparecem como itens lexicais. Em uma representação de estrutura sintagmática nua (*bare-phrase structure*), a derivação ocorre da seguinte forma:

Numeração = {a<sub>1</sub>, [traços de C]<sub>1</sub>, -ava<sub>1</sub>, eu<sub>1</sub>, mor<sub>-1</sub>, [traços do D relativo]<sub>1</sub>, casa<sub>1</sub>}

I. Concatenação do constituinte relativizado (*External merge*):

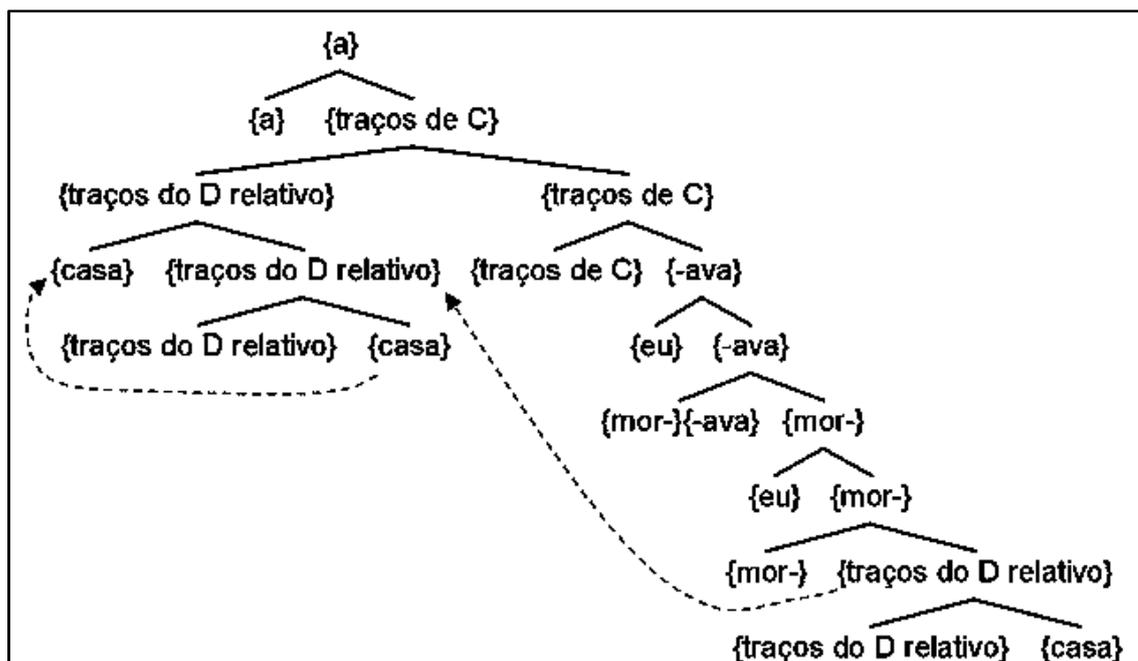
- {[traços do D relativo]} ⇔ **Merge** {casa}

II. Concatenação do sintagma formado na estrutura argumental do verbo “morar” e posterior estruturação do VP e do IP:

- {[traços do D relativo], {[traços do D relativo], casa}} ⇔ **Merge** {mor-}
- {mor- {mor-, {[traços do D relativo], {[traços do D relativo], casa}}}} ⇔ **Merge** {eu}



Figura 13 – Representação arbórea da *bare-phrase structure*.



Ao ser enviada para PF pela operação *spell-out*, a estrutura formada contém cópias dos traços do determinante relativo e do complementizador, e PF pronuncia os itens lexicais necessários à satisfação dos traços selecionados desde a numeração para a derivação da sentença.

## 5.6 Considerações parciais

Os dados analisados nesta seção sustentam a hipótese de que o duplo preenchimento da periferia da sentença está relacionado à satisfação de traços específicos relacionados tanto ao determinante relativo quanto ao complementizador desse tipo de sentença.

Essa proposta baseia-se tanto na visão de que a sintaxe é alimentada por traços (e não por itens lexicais específicos) quanto na ideia de que a checagem e a valoração de traços ocorrem no modelo de *Upward Agree*, com a relação de acessibilidade desempenhando um papel importante nesse processo.

A análise de estruturas com **ONDE QUE** e a possibilidade de ocorrências com **COMO QUE**, **QUANDO QUE** e **QUEM QUE** fornecem argumentos para a proposta de que o duplo preenchimento da periferia das sentenças relativas restritivas resulte da seleção, desde a numeração, de traços específicos relacionados ao determinante e ao complementizador

relativos — o que pode fornecer uma análise nos mesmos moldes para a presença de estruturas de resumpção.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução a esta dissertação, apresentaram-se os objetivos que se pretendia alcançar, e a análise feita neste texto seguiu esses intentos: apresentar uma proposta de derivação de sentenças relativas restritivas que comporte o dado de que a periferia desse tipo de sentença, no PB, pode ser duplamente preenchido.

Procedeu-se a uma revisão do que se propõe na literatura especializada acerca das orações relativas, em geral, e das relativas locativas, em particular, em especial as análises envolvendo o PB. Forneceram-se argumentos— tanto teóricos quanto empíricos— que apontam para uma incompatibilidade entre as propostas de análise existentes acerca das construções relativas (relativizador em C, relativizador em D e clivagem) e os dados levantados para esta pesquisa.

Ainda com base nesses argumentos e nas perspectivas de que a sintaxe opera com traços e de que a checagem e valoração de traços ocorrem nos moldes de *Upward Agree*, formulou-se uma proposta de análise em que o duplo preenchimento da periferia das relativas é motivado pela necessidade de se satisfazerem traços selecionados desde a numeração, os quais não podem ser realizados por um único item lexical foneticamente pronunciado, após a estrutura derivada ser enviada para o sistema de interface PF.

A análise dos aspectos relacionados à complementação das sentenças relativas e à foricidade dos determinantes relativos trouxe argumentos que não somente confirmam a hipótese inicialmente levantada como também apontam para a possibilidade de ampliação da análise feita ser estendida a outras estruturas.

Os dois últimos objetivos apresentados na introdução associam-se, exatamente, à pertinência da aplicação da análise proposta a outras estruturas e suas implicações. Um desses pontos foi abordado na seção 5.4, quando se discutiu a possibilidade de tratar estruturas relativas com resumpção nos mesmos moldes, isto é, como sendo a realização de um traço não satisfeito por um item lexical único.

Acredita-se que o mesmo procedimento pode ser adotado para a análise de relativas livres vernaculares. Observa-se que, nesse tipo de construção, o elemento que aparece pronunciado na periferia da sentença tem, sempre, caráter de determinante e, diferentemente do que ocorre nas relativas restritivas:

- (A) a forma **QUEM** pode ocorrer em estruturas não-preposicionadas (Ele convidou quem quis X \*Ele convidou a pessoa quem quis);

- (B) a forma **QUE** aparece sempre antecedida por um determinante **O** (Eu assinei o que você me mandou X \*Eu assinei que você me mandou);
- (C) é possível o duplo preenchimento da periferia da sentença (Ela trabalha onde eu trabalho // Ela trabalha onde que eu trabalho).

O que esses dados parecem apontar é que a diferença entre as relativas restritivas e as relativas livres (vernaculares) do PB está relacionada à ausência do NP com traço predicacional, por um lado, e ao fato de que determinantes relativos são também elementos **Wh**, o que torna o escopo da foricidade extremamente aberto e, conseqüentemente, evita a presença de elementos resumptivos – ou seja, o traço [pronominal] das relativas livres abarca menos informações especificadas que o traço [pronominal] das relativas restritivas.

No que diz respeito às relativas apositivas, há que se considerar que também têm comportamento distinto das relativas restritivas. Além dos aspectos da interpretação da sentença, apontados na seção 3, as relativas apositivas do PB exibem restrições à ocorrência de estruturas de resumpção e, no caso do emprego da forma **QUE**, a sentença tende a ser interpretada como uma coordenada (conforme Lessa-de-Oliveira (2008)).

Nos dados coletados, verificou-se a ocorrência de relativas apositivas com o duplo preenchimento da periferia da sentença. Isso sugere que o processo de derivação de restritivas e apositivas têm semelhanças, o que vai ao encontro da proposta de Kayne (1994, p. 108 *et seq.*), segundo a qual ambas as estruturas envolvem o alçamento do pivô da relativa, com a diferença que se verifica na entonação de uma e outra estruturas (nas línguas em que isso ocorre) sendo decorrente da existência de operações na sintaxe invisível. A motivação para o deslocamento do constituinte em LF também ocorre pela presença de um traço (o qual Kayne não identifica). De qualquer modo, parece ser possível compatibilizar a análise aqui proposta com a derivação de relativas apositivas, residindo a diferença, entre ambas, na presença, desde a numeração, desse traço.

As estruturas interrogativas *D-linked* também podem ser analisadas, acredita-se, pela proposta aqui apresentada, em se considerando a abordagem de Medeiros Jr. e Namiuti (no prelo) sobre o tema, apresentada na seção 4.

Dadas as possibilidades de ampliação da proposta de análise desenvolvida nesta dissertação, tanto para estruturas relativas diversas quanto para outras estruturas (ao menos as interrogativas *D-linked*), a abordagem que considera a derivação da periferia das sentenças relativas como sendo resultado da atuação de traços relacionados à foricidade e à

complementação, parece ser bastante sólida e, além de contribuir para a compreensão das construções relativas — em especial das relativas locativas introduzidas por **ONDE QUE**, as quais, até então, não haviam sido estudadas —, traz ganhos teóricos ao propor análises afins para fenômenos aproximados no PB.

No que concerne à teoria linguística e ao propósito de compreender o funcionamento da Faculdade da Linguagem e o desenvolvimento das línguas em particular, acredita-se, também, que tal abordagem traz ganhos significativos, principalmente no que diz respeito à explicação do processo de aquisição de uma Língua-I. Se o léxico mental é constituído por traços e são eles o motor da sintaxe, a aquisição de uma Língua-I consiste, desse modo, no mapeamento de quais itens lexicais são capazes de expressar/satisfazer os diversos (conjuntos de) traços existentes com o qual a sintaxe opera.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M.L.M.; ABAURRE, M.B.M.; PONTARA, M. **Gramática**. Texto: análise e construção de sentido. 2.ed. São Paulo: Moderna: 2010. 567 p.
- ABREU, A.C.B. **Aquisição de orações relativas no Português Brasileiro**. 2013. 120 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- ALEXANDRE, N. Estruturas em movimento: alguns tópicos sobre as construções Q- e de clivagem. **Letras de Hoje**, v. 41, nº 1, março 2006, p. 99-119.
- ALMEIDA, N.M. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 36.ed. São Paulo: Saraiva: 1989. 658 p.
- ANDREWS, A.D. Relative clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Linguagetyptology and syntactic description**. Vol. II: Complex constructions. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. 2.ed. p. 206-236.
- AZEREDO, J.C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2008. 583 p.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011. 1053 p.
- BARRETO, T.M.M. Estruturas relativas. In: SILVA, R.V.M. (Org). **A carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500**. Salvador: Edufba, 1996. p.149-165.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999. 669 p.
- BENINCÀ, P.; POLETTO, C. Topic, focus and V2: defining the CP sublayers. In: RIZZI, L. (ed.). **The structure of CP and IP**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p.52-75.
- BIANCHI, V. **Consequences of antisymmetry**. Headed relative clauses. Berlim: Mouton de Gruyter, 1999. 357 p.
- BIANCHI, V. Headed relative clauses in generative syntax – Part I. **Glott International**, vol. 6, n. 7, p. 197-204, set., 2002(a).
- BIANCHI, V. Headed relative clauses in generative syntax – Part II. **Glott International**, vol. 6, n. 8, p. 1-13, out., 2002(b).
- BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. **Corpus linguistics: investigating language structure and use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. 300 p.
- BISPO, E.B. Orações relativas em perspectiva histórica: interface uso e cognição. **Veredas On-Line – Sintaxe das Línguas Brasileiras**. n.1, p. 222-235, 2014.

BJERRE, T.; ENGELS, E.; JØRGENSE, H; VIKNER, S. Points of convergence between functional approaches to syntactic analysis. **Working Papers in Scandinavian Syntax**, n. 82, p.131-166, 2008.

BJORKMAN, B.; ZEILJSTRA, H. **Upward Agree is superior**. [no prelo]

BOECKX, C. **Islands and chains**: resumption as stranding. Amsterdam: John Benjamins, 2003. 227 p.

BORGES NETO, J. O empreendimento gerativo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (orgs.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. Vol. 3. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2007. p.93-129.

BORSLEY, R.D. Relative clauses and the theory of phrase structure. **Linguistic Inquiry**. Vol. 28, n. 4, p. 629-647, 1997.

CABLE, Seth. **The grammar of Q**: Q-particles, Wh-movement and pied-piping. New York: Oxford, 2010. 249 p.

CAHA, P. **The nanosyntax of case**. 2009. 321 f. Tese (Doutorado). Tromsø: University of Tromsø, 2009.

CARDOSO, A.; ALEXANDRE, N. Relativas clivadas em variedades não *standard* do PE. In: In: SILVA, F.; FALÉ, I.; PEREIRA, I. (Orgs.). **XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Textos selecionados. 2013. Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística, 2013. p. 205-227. Disponível em: <<http://www.apl.org.pt/apl-actas/teste.html>>. Acesso em: 14 maio 2015.

CEGALLA, D.P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010. 693 p.

CEREJA, W.R.; MAGALHÃES, T.C. 2.ed. **Gramática reflexiva**: texto, semântica e interação. São Paulo: Atual, 2005. 447 p.

CHOMSKY, N. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, K.; KEYSER, S.J. **The view from Building 20**. Essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger. Cambridge: The MIT Press, 1993. p.2-52.

CHOMSKY, N. A review of B.F. Skinner's "Verbal behaviour". In: ARNOVE, A. (Ed.). **The essential Chomsky**. New York: The New Press, 2008. p. 1-30.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965. 251 p.

CHOMSKY, N. **Knowledge of language**. New York: Praeger, 1986. 307 p.

CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOVICZ, M. (Ed). **Ken Hale: A Life in Language**. Cambridge: The MIT Press, 2001. p. 1-54.

CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. **Step by step**: essays on Minimalist Syntax in honor of Howard Lasnik. Cambridge: The MIT Press, 2000. p. 89-155.

CHOMSKY, N. On wh-movement. In: CULICOVER, P.; WASOW, T.; AKMAJIAN, A. (Eds.). **Formal syntax**. New York: Academic Press, 1977. p. 71-132.

CHOMSKY, N. On phases. In: FREIDIN, R; OTERO, C.P.; ZUBIZARRETA, M.L. (Eds.). **Foundational Issues in Linguistic Theory**. Essays in honor of Jean-Roger Vergnaud. Cambridge: The MIT Press, 2008. p. 133-166

CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge: The MIT Press, 1995. 420 p.

CHOMSKY, N. Three factors in language design. **Linguistic Inquiry**, n. 36, p.1-22, 2005.

CIPRO NETO, P.; INFANTE, U. 3.ed. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Scipioni, 2012. 584 p.

CORRÊA, V.R. **Oração relativa**: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil. 1998. 165 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

COUTINHO, I.S. **Pontos de gramática histórica**. 7.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976. 357 p.

COWPER, E.; HALL, D.C. The syntactic manifestation of nominal feature geometry. In: **Proceedings of the 2002 Annual Conference of the Canadian Linguistic Association**. Montréal: Cahiers Linguistiques de l'UQAM, 2001, p. 55-66.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **A nova gramática do português contemporâneo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Lexicon Informática, 2007. 748 p.

D'AVIS, F-J. On wh-islands in German. In: LUTZ, U.; PAFEL, J. (Ed.). **On extraction and extraposition in German**. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 89-120.

DILLINGER, M. Forma e função na linguística. **DELTA**. v. 7, n. 1, p. 395-407, 1991.

EMBICK, D.; NOYER, R. Distributed morphology and syntax-morphology interface. In: RAMCHAND, G.; REISS, C. (Ed.). **The Oxford handbook of linguistic interfaces**. Oxford: The Oxford University Press, 2007. p.289-324.

ESTERCHIK-SHIR, N. **Information structure**. The syntax-discourse interface Oxford: Oxford University Press, 2007. 246 p.

FARACO, C.E.; MOURA, F.M. **Gramática**. 11. ed. São Paulo: Ática, 1998. 616 p.

FERREIRA, M. **Aprender e praticar gramática**. São Paulo: FTD, 2011. 767 p.

GONÇALVES, R. Construções-Q e de clivagem no português de São Tomé. In: SILVA, F.; FALÉ, I.; PEREIRA, I. (Orgs.). **XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Textos selecionados. 2013. Coimbra: Associação Portuguesa de Linguística,

2013. p. 453-471. Disponível em: <<http://www.apl.org.pt/apl-actas/teste.html>>. Acesso em: 14 maio 2015.

GUASTI, M.T. **Language acquisition**. The growth of grammar: a linguistic perspective. Cambridge: The MIT Press, 2002. 474 p.

GUESSER, S. Redução e concordância em sentenças clivadas no Português Brasileiro. In: NAVES, R.R.; LIMA-SALLES, H.M.M. (orgs.). **Estudos formais da gramáticas da línguas naturais**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2011. p. 86-10.7

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S.J. **The view from Building 20**. Essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger. Cambridge: The MIT Press, 1993. p.111-176.

HARLEY, H.; NOYER, R. Distributed morphology. **Glott International**, vol. 4 (4), p. 3-9, 1999.

HUBER, J. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Fundação Calouste Goulbenkian, 1986 [1933].417 p.

INFANTE, U. **Curso de gramática aplicada aos textos**. 6. ed. São Paulo: Scipione, 2001.613 p.

KATO, M. A gramática do letrado. In: MARQUES, M.A. et al. (Org.). **Ciências da linguagem: 30 anos de investigação e ensino**. Braga: 2005, CEHUM - Universidade do Minho. p. 131-145.

KATO, M. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 223-261.

KATO, M.; NUNES, J. A uniform raising analysis for standard relative clauses in BP. In: NUNES, J. (ed.). **Minimalist essays in Brazilian Portuguese syntax**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2009. p. 93-120.

KAYNE, R. S. **The antisymmetry of syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1994.

KENEDY, E. **A antinaturalidade de pied-piping em orações relativas**. 2007. 220 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

KENEDY, E. **Aspectos estruturais da relativização em português**: uma análise baseada no modelo *raising*. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

KERSTENS, J. **The syntax of number, person and gender**. A theory of phi-features. New York: Mouton de Gruyter, 1993.

KISS, K.E. Identificational focus versus information focus. **Language**, v. 74, n. 2, p. 245-273, 1988.

- KROCH, A. Reflexes of grammar in patterns of language change. **Language Variation and Change**, n. 1, p. 199-244, 1989.
- KROCH, A. Syntactic change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (Eds.). **The handbook of contemporary syntactic theory**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. p.699-729.
- LAHUD, M. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979. 144 p.
- LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form: topic, focus, and the mental representations of discourse referents**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. 387 p.
- LESSA-DE-OLIVEIRA, A.S.C. **As sentenças relativas em português brasileiro: aspectos sintáticos e fatos de aquisição**. 2008. 197 f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- LIMA, C.H.R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 31.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. 553 p.
- LOBECK, A. **Ellipsis**. Functional heads, licensing, and identification. New York: Oxford University Press, 1995. 210 p.
- LYONS, C. **Definiteness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. 380 p.
- LYONS, J. Deixis, space and time. In: LYONS, J. **Semantics**. Vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. p. 636-724.
- LYONS, J. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987. 322 p.
- MARTINHO, F.J.S. **A elipse nominal em português e em francês**. 1998. 147 f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Porto, Porto, 1998.
- McCLOSKEY, James. Resumption, successive cyclicity, and the locality of operations. In: EPSTEIN, S.D.; SEELEY, T.D. **Derivation and explanation in the Minimalist Program**. Oxford: Blackwell, 2002. p. 184-226.
- MEDEIROS JR., S.A.; NAMIUTI-TEMPONI, C. Resumpção e realização de traços-phi. (No prelo).
- MESQUITA, R.M.M. **Gramática da língua portuguesa**. 8.ed. São Paulo: Saraiva, 1999. 608 p.
- MIOTO, C. Focalização e quantificação. **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, p. 169-189, 2003.
- MIOTO, C.; KATO, M. As interrogativas Q do português europeu e do português brasileiro atuais. **Revista da Abralin**, vol. 4, nº 1 e 2, dezembro, 2005, p. 171-196.
- MIOTO, C.; NEGRÃO, E.V. As sentenças relativas clivadas não contêm uma relativa. In: CASTILHO, A.T. *et al.* (Orgs.). **Descrição, história e aquisição do Português Brasileiro**. São Paulo: Fapesp; Campinas: Pontes, 2007. p. 159-183.

MIYAGAWA, S. **Why agree? Why move?** Unifying agreement-based and discourse configurational languages. Cambridge: The MIT Press, 2010. 182 p.

MODESTO, M. **As construções clivadas no Português do Brasil:** relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia. São Paulo: Humanitas/FFCHL/USP, 2001. 131 p.

MOLLICA, M.C. Sobre processos sintáticos que migram da fala para a escrita. In: FACE, T.L.; KLEE, C.A. (ed.). **Selected proceedings of the 8th Hispanic Linguistics Symposium.** Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2006. p. 167-171.

NICOLA, E. **Gramática:** palavra, frase, texto. São Paulo: Scipioni, 2004. 471 p.

NUNES, J.J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa:** fonética e morfologia. 9.ed. Lisboa: Clássica Editora, 1989. 454 p.

OLIVEIRA, R. P. Formalismos na linguística: uma reflexão crítica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (orgs.). **Introdução à linguística:** fundamentos epistemológicos. Vol. 3.3.ed. São Paulo: Cortez, 2007. p.219-250.

PERINI, M.A. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2010. 366 p.

PESETSKY, David. Wh-in-situ: Movement and unselective binding. In: REULAND, E.; MEULEN, A. (Eds). **The representation of (in)definiteness.** Cambridge: MIT Press, 1987. p. 98-129.

QUAREZEMIN, S. **Estratégias de focalização no Português Brasileiro** – uma abordagem cartográfica. 2009. 198 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

RAPOSO, E. Da Teoria de Princípios e Parâmetros ao Programa Minimalista: algumas ideias-chave. In: CHOMSKY, N. **O Programa Minimalista.** Lisboa: Editorial Caminho, 1999. p. 15-37.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (ed.) **Elements of grammar.** Handbook in generative syntax. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997. p.281-337.

SAUERLAND, U. Unpronounced heads in relative clauses. In: SCHWABE, K; WINKLER, S. **The interfaces.** Deriving and interpreting omitted structures. Amsterdam: John Benjamins, 2003.p. 205-226.

SCHÜTZE, C.T. **The empirical base of linguistics:** grammaticality judgments and linguistic methodology. Berlin: Language Science Press, 2016. 244 p.

SIDDIQI, D. **Syntax within the word:** economy, allomorphy, and argument selection in Distributed Morphology. Amsterdam: John Benjamins, 2009. 138 p.

SILVA, B.G.S.G.; LOPES, C.R.S. O papel da frequência na gramaticalização do *que*: análise de estratégias de relativização no português do Brasil. **Veredas On-Line**. n.1, p. 89-100, 2007.

SILVA, R.M.G. **A gramática invisível**: o caso das orações relativas. 2007. 100 f. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SILVA, R.V.M. **Contradições no ensino e português**. A língua que se fala X a língua que se ensina. São Paulo: Contexto; Salvador: Edufba, 1995. 94 p.

SILVA, R.V.M. **Estruturas trecentistas**. Elementos para uma gramática do Português Arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1989. 870 p.

SOUSA, M.C.P. **Língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600**. 2004. 366 f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SOUZA, E.H.P.M.; BARRETO, T.M.M. Uso de estruturas relativas em textos de escritores portugueses e brasileiros dos séculos XIX e XX. In: OLIVEIRA, K.; SOUZA, H.F.C.; SOLEDADE, J. (Orgs.). **Do português arcaico ao português brasileiro**: outras histórias. Salvador: Edufba, 2009. p.174-196.

STARKE, M. Nanosyntax: a short primer to a new approach to language. **Lingbuzz**. 2009. Disponível em: <<http://ling.auf.net/lingbuzz/001230>>. Acesso em: 11 maio 2015.

STARKE, M. Towards an elegant solution for language variation: variation reduces to the size of lexically stored trees. **Lingbuzz**. 2011. Disponível em: <<http://ling.auf.net/lingbuzz/001183>>. Acesso em: 11 maio 2015.

SUÑER, M. Resumptive restrictive relatives: a crosslinguistic perspective. **Language**. Vol. 74, n. 2, p. 335-364, 1998.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar no final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 69-105.

TARALLO, F.L. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese**. 1983. 273 f. Tese (Doutorado). Philadelphia: University of Pennsylvania, 1983.

VERCAUTEREN, A.M.W. **Como é que é com o é que? Análise de estruturas com é que variedades não standard do Português Europeu**. 2010. 76 f. Mestrado (Dissertação). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2010.

VERGNAUD, J.R. **French relative clauses**. 1974. 288 f. Tese (Doutorado). Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 1974.

VRIES, M. **The syntax of relativization**. 2002. 477 f. Tese (Doutorado). Universiteit van Amsterdam, Amsterdam, 2002.

WILLIAMS, E.B. **Do latim ao português**: fonologia e morfologia histórica da língua portuguesa. 7.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 2001. 325 p.

ZEIJLSTRA, H. Dislocation triggers uninterpretability. **Linguistic analysis**, n. 35 (1-4), p. 331-372, 2009.

ZEIJLSTRA, H. On the uninterpretability of interpretable features. In: KOSTA, P. *et al.* **Minimalism and beyond**: radicalizing the interfaces. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014. p. 109-129.

ZEIJLSTRA, H. There is only one way to agree. **Lingbuzz**. Janeiro, 2012. Disponível em <<http://ling.auf.net/lingbuzz/001435>>. Acesso em: 02 mar. 2013.

ZUIANI, M.R. **Um estudo da forma e interpretação das sentenças relativas no Português Brasileiro**. 1988. 57 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.

## ANEXOS

**ANEXO A – Relação das ocorrências com relativas restritivas locativas em que o elemento relativizado tem a função de complemento de verbo locativo**

ANTECEDENTE: ÁREA

Depois da massagem fomos para a área <b>onde que fica a jacuzzi</b> , umas mesinhas, castanhas e nozes para beliscar e uns chazinhos	<a href="http://heyitsmi.com.br/2014/11/18/dois-por-um-the-spa-renaissance/">http://heyitsmi.com.br/2014/11/18/dois-por-um-the-spa-renaissance/</a>
Por que ele não doou a área <b>onde que está a caixa d'água?</b>	<a href="http://www2.uol.com.br/debate/1329/regiao/regiao01.htm">http://www2.uol.com.br/debate/1329/regiao/regiao01.htm</a>

ANTECEDENTE: AVENIDA

Avenida <b>onde que as melhores equipes de som automotivo e carro baixo do sul se encontram</b> la todo final de semana é festa	<a href="https://www.facebook.com/indepaoficial/about/?entry_point=about_section_header&amp;tab=page_info">https://www.facebook.com/indepaoficial/about/?entry_point=about_section_header&amp;tab=page_info</a>
E quando o Wanderlei falou que lá tinha uma sobrevivência melhor, Câmara Municipal de Rio Brilhante - MS viu Wanderlei, e eu fui buscar, porque eu nem achava que era impossível é, ter uma renda maior lá naquele local do que ali na avenida <b>onde que era antes</b> .	<a href="http://www.camarariobrilhante.ms.gov.br/arquivos/Atas/141.pdf">http://www.camarariobrilhante.ms.gov.br/arquivos/Atas/141.pdf</a>

ANTECEDENTE: BAIRRO

O sonho das alunas que estão participando do Culinária Solidária, Mulheres Mil de Recife, é montar um restaurante no bairro <b>onde que moram, a comunidade Chico Mendes</b> .	<a href="http://mulheresmil.mec.gov.br/central-de-noticias/1042-mulheres-planejam-empreendimentos">http://mulheresmil.mec.gov.br/central-de-noticias/1042-mulheres-planejam-empreendimentos</a>
[...] para mim, a escola fica perto, eu moro próximo da escola, moro no bairro <b>onde que a escola está localizada</b> .	<a href="http://www.sbece.com.br/resources/anais/3/1429145356_ARQUIVO_TextoCompletoSBESCEKellyeAngela_15abril.pdf">http://www.sbece.com.br/resources/anais/3/1429145356_ARQUIVO_TextoCompletoSBESCEKellyeAngela_15abril.pdf</a>
Fernando e Osmar imprimem sua paixão pelo bairro <b>onde que estejam</b> , e Boêmios presta a merecida homenagem aos astros Laguinenses.	<a href="http://www.folhadeobidos.com.br/index.php/noticias/item/277-tem-obidense-sendo-homenageado-no-carnaval-de-macap%C3%A1">http://www.folhadeobidos.com.br/index.php/noticias/item/277-tem-obidense-sendo-homenageado-no-carnaval-de-macap%C3%A1</a>
O que faço para comprar a minha casa no bairro <b>onde que eu moro</b> financiado pelo minha casa minha vida	<a href="http://caixa2.com/2010/08/12/casa-da-minha-casa-minha-vida-da-caixa/?cp=14">http://caixa2.com/2010/08/12/casa-da-minha-casa-minha-vida-da-caixa/?cp=14</a>
Ele ressaltou o crescimento do bairro <b>onde que mora</b> .	<a href="http://www.camaravarzeaalegre.ce.gov.br/site/antonio-sebastiao-ataca-prestacao-de-servico-da-cagece/">http://www.camaravarzeaalegre.ce.gov.br/site/antonio-sebastiao-ataca-prestacao-de-servico-da-cagece/</a>

FUI a PÉ NUM SOL de 40° Graus ( a festa começou na faixa das 4 horas ) fui a pé ate o Bairro <b>onde que nós moramos</b> (papo de meia hora ) pra casa de Fabinho	<a href="https://www.facebook.com/Juninhoeleandrinho/posts/205256592955540">https://www.facebook.com/Juninhoeleandrinho/posts/205256592955540</a>
em um belo dia ele foi morar com a vó dele lá no bairro <b>onde que eu ainda morava</b>	<a href="https://www.casamentos.com.br/forum/como-voce-e-seu-amor-se-conheceram--t74322--3">https://www.casamentos.com.br/forum/como-voce-e-seu-amor-se-conheceram--t74322--3</a>
posso mandar 2 denuncias no que esta acontecendo aqui no bairro <b>aonde que eu moro</b>	<a href="https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1045732558813543&amp;id=392875254099280">https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1045732558813543&amp;id=392875254099280</a>
aqui no bairro <b>aonde que eu moro</b> tem um gaguinho que é amigo meu	<a href="http://footycrowd.com/paginaDiscussoes.wn?tipo=zz&amp;qtd_disc=30210&amp;discussaoId=60066&amp;somente_minhas=true&amp;somente_que_com_entei=false">http://footycrowd.com/paginaDiscussoes.wn?tipo=zz&amp;qtd_disc=30210&amp;discussaoId=60066&amp;somente_minhas=true&amp;somente_que_com_entei=false</a>

ANTECEDENTE: BAR

Aí quando eu tava contando a estória para ele, o Eraldo pegou e entrou no bar <b>aonde que eu estava</b>	<a href="http://tj-&lt;br/&gt;df.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/&lt;br/&gt;128109056/apelacao-criminal-&lt;br/&gt;apr-20090710087446-df-&lt;br/&gt;0000138-6220098070007/inteiro-&lt;br/&gt;teor-128109092">http://tj- df.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/ 128109056/apelacao-criminal- apr-20090710087446-df- 0000138-6220098070007/inteiro- teor-128109092</a>
--	---

ANTECEDENTE: BECO

No beco <b>onde que morava Dinho e seus amigos ratos</b> tinha muita confusão devido à turma do Leleco viver invadido suas casas	<a href="http://kallynnyribeiro.blogspot.com.br/2013/06/fabula.html">http://kallynnyribeiro.blogspot.com.br/2013/06/fabula.html</a>
--	---

ANTECEDENTE: CASA

Eu sei porque ao longo da vida conheci vários sons de chaves: os da casa <b>onde que morei</b> , do carro do papai, dos lugares onde trabalhei, enfim.	<a href="http://copodeletras.blogspot.com.br/2015/06/os-sons-das-chaves.html">http://copodeletras.blogspot.com.br/2015/06/os-sons-das-chaves.html</a>
nunca da minha casa <b>onde que eu moro</b>	<a href="https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110716045428AAw5Y4z">https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110716045428AAw5Y4z</a>
A casa <b>onde que eu morava com minha família</b> foi soterrada no inverno de 1969, e nesse mesmo ano escrevi uma história que dei o nome de “A Casa dos meus sonhos”, que foi publicada na primeira antologia de conto do projeto	<a href="http://www.galinhapulando.com/vsualizar.php?idt=3535543">http://www.galinhapulando.com/vsualizar.php?idt=3535543</a>
de lá pra cá não soube de mais nada sobre a uninove em si ,se estavam vindo cobranças não chegaram na onde que eu morava porque a pessoa que mora lá na casa <b>aonde que eu moro</b> vem até a casa atual para entregar as correspondências	<a href="http://www.reclameaqui.com.br/14213685/uninove-universidade-nove-de-julho/codigo-11-uninonove/">http://www.reclameaqui.com.br/14213685/uninove-universidade-nove-de-julho/codigo-11-uninonove/</a>

Daí, nós saímos de lá e fomos para casa. <b>Onde que o Aderson estava.</b>	<a href="http://tj-ms.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/134904506/apelacao-apl-24089620128120045-ms-0002408-9620128120045/inteiro-teor-134904512">http://tj-ms.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/134904506/apelacao-apl-24089620128120045-ms-0002408-9620128120045/inteiro-teor-134904512</a>
a pessoa que mora lá na casa <b>aonde que eu moro</b> vem até a casa a atual para entregar as correspondências não chegou nada ,nem por e-mail também.	<a href="http://www.reclameaqui.com.br/14213685/uninove-universidade-nove-de-julho/codigo-11-uninonove/">http://www.reclameaqui.com.br/14213685/uninove-universidade-nove-de-julho/codigo-11-uninonove/</a>

ANTECEDENTE: CIDADE

Minha infância ficou toda lá. E eu fico um pouco triste porque no futuro não vai ter como, assim, a gente voltar lá para mostrar como é que, onde é que ia e isso e tal. Como minha mãe fala muitas vezes, a cidade <b>onde que ela morava</b> . Aí quando a gente vai lá, visita, fala isso, isso e isso.	<a href="http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/viewFile/16513/9551">http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/viewFile/16513/9551</a>
Para saber se o doente ou deficiente goza de isenção do pagamento de tarifa do transporte urbano é preciso consultar a legislação da cidade <b>onde que mora</b> , que poderá ser encontrada na Prefeitura ou na Câmara Municipal	<a href="http://www.afagbrasil.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Cartilha.pdf">http://www.afagbrasil.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Cartilha.pdf</a>
Como era a cidade <b>onde que o senhor morava?</b>	<a href="http://somostodosum.ig.com.br/clube/c.asp?id=20454">http://somostodosum.ig.com.br/clube/c.asp?id=20454</a>
Amo participar destas brincadeiras de fim de ano, mas novamente a dificuldade foi encontrar cartão postal de Tubarão (Santa Catarina), cidade <b>onde que moro</b> .	<a href="http://www.destinomundoafora.com.br/2015/01/viajante-secreto-2014.html">http://www.destinomundoafora.com.br/2015/01/viajante-secreto-2014.html</a>
Depois de um tempo a cidade <b>onde que ele estava</b> começou a passar fome, estava tendo seca, e por isso a terra não produzia alimento, e o personagem da nossa história já estava sem dinheiro, ele não tinha nem para comer	<a href="http://adoradoresvencendoomundo.blogspot.com.br/2013/04/filho-volta.html">http://adoradoresvencendoomundo.blogspot.com.br/2013/04/filho-volta.html</a>
Ao final, o candidato disse que as visitas na cidade <b>onde que morou por muitos anos</b> foram proveitosas.	<a href="http://multiplicadoresdecidadania.blogspot.com.br/">http://multiplicadoresdecidadania.blogspot.com.br/</a>
Todos os que cercam são atores ou figurantes e a cidade <b>onde que mora</b> é um grande estúdio de televisão.	<a href="http://www.opovo.com.br/app/colunas/tvpop/2014/04/30/noticiastvpop,3243548/s-o-s-em-familia-e-o-dialogo-com-o-show-de-truman.shtml">http://www.opovo.com.br/app/colunas/tvpop/2014/04/30/noticiastvpop,3243548/s-o-s-em-familia-e-o-dialogo-com-o-show-de-truman.shtml</a>
Depois soube que para chegar até a cidade <b>onde que ela mora</b> se gastam quase 2 horas no ar e mais 5 por terra.	<a href="http://cactobola.blogspot.com.br/2011/04/preconceito-geografico.html">http://cactobola.blogspot.com.br/2011/04/preconceito-geografico.html</a>
Vou descendo rio abaixo até a cidade <b>onde que eu moro</b>	<a href="http://www.prosaeviola.blogspot.com.br/">http://www.prosaeviola.blogspot.com.br/</a>

Na cidade <b>onde que moravam</b> , não andavam de ônibus para não se misturar com a plebe	<a href="http://www.primeiroprograma.com.br/site/website/news/show.asp?nwsCode=9B0B3259-0811-48F3-B835-DF29B60DAD6E">http://www.primeiroprograma.com.br/site/website/news/show.asp?nwsCode=9B0B3259-0811-48F3-B835-DF29B60DAD6E</a>
Agora você vai escolher a cidade <b>onde que você mora</b>	<a href="http://www.zueiranight.com.br/baladas/cadastrar.php?acao=cidade&amp;estadozn=RJ">http://www.zueiranight.com.br/baladas/cadastrar.php?acao=cidade&amp;estadozn=RJ</a>
então por gentileza me informe um site que eu possa obter a 2º via do boleto, pq na cidade <b>aonde que eu moro</b> não tem lojas colombos, e para mim poder pagar eu teria que ir até a cidade vizinha	<a href="http://www.reclameaqui.com.br/13841146/lojas-colombo-s-a-cartao-colombo-e-financiamento/segunda-via/">http://www.reclameaqui.com.br/13841146/lojas-colombo-s-a-cartao-colombo-e-financiamento/segunda-via/</a>
a onde tem crefisa mais perto da cidade <b>onde que moro?</b>	<a href="http://credito.omelhortrato.com/post/Crefisa-Emprestimo-Para-Assalariado-.aspx">http://credito.omelhortrato.com/post/Crefisa-Emprestimo-Para-Assalariado-.aspx</a>
Depois soube que para chegar até a cidade <b>onde que ela mora</b> se gastam quase 2 horas no ar e mais 5 por terra.	<a href="http://cactobola.blogspot.com.br/2011/04/preconceito-geografico.html">http://cactobola.blogspot.com.br/2011/04/preconceito-geografico.html</a>

ANTECEDENTE: LUGAR

e vou pra qualquer lugar, nem que seja para o lugar <b>onde que junto com os meus valentes companheiros de sagas urbanas, os nossos governantes tanto desejariam !!!</b>	<a href="http://optremdastreze.blogspot.com.br/2011/05/saga-urbana-de-um-cadeirante-o.html">http://optremdastreze.blogspot.com.br/2011/05/saga-urbana-de-um-cadeirante-o.html</a>
--	---

ANTECEDENTE: PARTE

Uma das partes da casa <b>onde que passo mais tempo</b> é na cozinha	<a href="http://taniarubim.com/meu-docelar-ana-paula-nos-conta.html">http://taniarubim.com/meu-docelar-ana-paula-nos-conta.html</a>
--	---

ANTECEDENTE: RUA

Inclusive a minha mãe viu, (est) né? que entrou um táxi, que na rua <b>onde que ela mora</b> é a rua principal e tem uma que é só fundos, ela não tem saída, né?	<a href="http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/artigo7vol4-1.pdf">http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/artigo7vol4-1.pdf</a>
Na rua <b>onde que eu moro</b> mora alguém que eu adoro	<a href="https://www.letras.mus.br/fernando-mendes/1523886/">https://www.letras.mus.br/fernando-mendes/1523886/</a>
Na rua <b>onde que eu morava</b> , sempre escutávamos falar de um tal “carro preto” que rondava as noites de Padre Miguel e Realengo e podia arrastar um de nós para alguma vala no Mendanha, Gericinó ou algum buraco ou lixeira ao longo da Avenida Brasil	<a href="http://ppaberlin.com/2013/09/10/uma-comissao-da-verdade-para-os-crimes-do-estado-e-da-sociedade-brasileira-contra-a-juventude-negra/">http://ppaberlin.com/2013/09/10/uma-comissao-da-verdade-para-os-crimes-do-estado-e-da-sociedade-brasileira-contra-a-juventude-negra/</a>
Percorremos a rua <b>onde que está localizada a quadra da escola.</b>	<a href="http://vidaemcronicas.blogspot.com.br/2011_02_01_archive.html">http://vidaemcronicas.blogspot.com.br/2011_02_01_archive.html</a>
A rua <b>onde que moro</b> , General Carlos Lira, em Afogados (no trecho ao lado da Maternidade Bandeira Filho), encontra-se abandonada.	<a href="http://www2.uol.com.br/JC/_1999/1106/jcatende.htm">http://www2.uol.com.br/JC/_1999/1106/jcatende.htm</a>

**ANEXO B – Relação das ocorrências com relativas restritivas locativas em que o elemento relativizado tem a função de adjunto adverbial de lugar**

ANTECEDENTE: ÁREA

MSF agora está concentrando esforços em famílias que vivem em áreas densamente povoadas da cidade <b>onde que tenha sido reportado um grande número de casos</b> , e onde pessoas não têm dinheiro para comprar itens necessários para protegerem a si mesmas e às suas famílias, como Westpoint e New Cru Town	<a href="http://www.msf.org.br/noticias/liberia-distribuicao-massiva-de-kits-de-protecao-familiar-e-desinfeccao-de-casas-estao-em">http://www.msf.org.br/noticias/liberia-distribuicao-massiva-de-kits-de-protecao-familiar-e-desinfeccao-de-casas-estao-em</a>
Área <b>onde que será construída a usina hidrelétrica de Belo Monte</b> : manifestações pró e contra na internet	<a href="http://epocanegocios.globo.com/Rvista/Common/0,,ERT281487-16381,00.html">http://epocanegocios.globo.com/Rvista/Common/0,,ERT281487-16381,00.html</a>
Ilustração 2D da leitora 1 com a área <b>onde que não ocorreu a captação de sinais (cor cinza)</b>	<a href="https://www.sbiagro.org.br/pdf/revista/rbiagro-v5n2-artigo1.pdf">https://www.sbiagro.org.br/pdf/revista/rbiagro-v5n2-artigo1.pdf</a>
o pagamento de precatórios à família que era proprietária da área <b>onde que foi construído o Aeroporto Internacional Marechal Rondon</b>	<a href="http://midiajur.com.br/conteudo.php?sid=231&amp;cid=7254">http://midiajur.com.br/conteudo.php?sid=231&amp;cid=7254</a>
Antes do período da pré novena deverá ser feito um reconhecimento da área <b>onde que vamos realizar os encontros</b>	<a href="http://pt.slideshare.net/r2cpress/feira-de-santa-rita-de-cassia-2013">http://pt.slideshare.net/r2cpress/feira-de-santa-rita-de-cassia-2013</a>
E a gente tava com falta disso aqui, da área <b>aonde que nós poderia preservar a nossa cultura, a nossa tradição, o nosso idioma</b>	<a href="http://s.conjur.com.br/2005-out-23/justica-decide-entre-preservacao-natureza-cultura?pagina=20">http://s.conjur.com.br/2005-out-23/justica-decide-entre-preservacao-natureza-cultura?pagina=20</a>

ANTECEDENTE: AVENIDA

os mesmos imediatamente iniciaram um acompanhamento tático que foi notada pelo assaltante que início uma fuga pela avenida <b>onde que seria interceptado</b>	<a href="http://www.pontaporadigital.com/m/leer.php?id=1877">http://www.pontaporadigital.com/m/leer.php?id=1877</a>
---	---

ANTECEDENTE: BAIRRO

Através de uma emenda do Deputado André do Prado, foi liberado o valor de R\$ 30 mil para a aquisição de mais uma Academia ao Ar Livre, que será discutida com os vereadores do PR para saber qual Bairro <b>onde que deverá ser instalado</b> .	<a href="http://jornaldopovao.no.comunidades.net/salesopolis2">http://jornaldopovao.no.comunidades.net/salesopolis2</a>
No bairro <b>onde que eu me escondo</b> quando chove tá alagado	<a href="https://www.vagalume.com.br/kay-arapclan/vixcity.html">https://www.vagalume.com.br/kay-arapclan/vixcity.html</a>
Na tela seguinte será preciso especificar a cidade e o bairro <b>onde que você quer ser atendido</b> (6), selecione e clique em “Prosseguir” (7)	<a href="http://rainydays.com.br/agendar-atendimento-nas-agencias-da-rioprevidencia/">http://rainydays.com.br/agendar-atendimento-nas-agencias-da-rioprevidencia/</a>

ANTECEDENTE: BAR

O crime aconteceu na madrugada desta quinta-feira (30), em frente ao bar <b>onde que a vítima teria passado</b> a noite bebendo, segundo a polícia.	<a href="http://www.robsoncordeiro.com.br/noticias/brasil/85540">http://www.robsoncordeiro.com.br/noticias/brasil/85540</a>
O delegado informou também que irá intimar o dono do bar <b>onde que a briga aconteceu</b> e a sua filha para que prestem depoimentos.	<a href="http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/10/delegado-ouve-suspeitas-de-agressao-por-homofobia-em-jf.html">http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/10/delegado-ouve-suspeitas-de-agressao-por-homofobia-em-jf.html</a>
E no bar <b>onde que estava escondida a droga?</b>	<a href="http://tj-rs.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/113256567/apelacao-crime-acr-70053858486-rs/inteiro-teor-113256585">http://tj-rs.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/113256567/apelacao-crime-acr-70053858486-rs/inteiro-teor-113256585</a>
O primeiro deles foi Januário de Tal, proprietário do bar <b>onde que começou a briga entre Guaracy e Wilson.</b>	<a href="https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia//8927_20100212_132331.pdf">https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia//8927_20100212_132331.pdf</a>

ANTECEDENTE: CASA

Tive a sorte de crescer em uma casa <b>onde que sempre gostou das festas de final de ano e desse ritual de decorar a casa.</b>	<a href="http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/12/em-manaus-familias-preservam-tradicao-de-decorar-casa-para-o-natal.html">http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/12/em-manaus-familias-preservam-tradicao-de-decorar-casa-para-o-natal.html</a>
Permaneceu até os 17 anos analfabeto, aprendeu a ler com um hóspede que frequentava a casa <b>onde que exercia seus serviços</b>	<a href="http://paragrafo2.com.br/2015/11/19/aqueles-que-se-negaram-a-repetir-a-historia/">http://paragrafo2.com.br/2015/11/19/aqueles-que-se-negaram-a-repetir-a-historia/</a>
Hoje, minha alimentação nesse período depende da casa <b>onde que eu for almoçar</b>	<a href="http://www.fiamfaam.br/momento/?pg=leitura&amp;id=2138&amp;cat=0">http://www.fiamfaam.br/momento/?pg=leitura&amp;id=2138&amp;cat=0</a>
eu queria morar na casa <b>aonde que vcs filmam</b>	<a href="http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/series/series-renovadas/boa-sorte-charlie-ganha-nova-temporada/">http://veja.abril.com.br/blog/temporadas/series/series-renovadas/boa-sorte-charlie-ganha-nova-temporada/</a>
Ao mesmo tempo as pesquisas mostram crianças brilhantes que vivem em casa <b>onde que as famílias não se reúnem em volta da mesa</b> para se comer, estas mesmas crianças tão brilhantes, se tornam emocionalmente estressadas,	<a href="http://nezanunes.blogspot.com.br/2011/09/o-principio-da-mesa.html">http://nezanunes.blogspot.com.br/2011/09/o-principio-da-mesa.html</a>
e na casa <b>aonde que ele nasceu</b> foi instalado o Museu Cornélio Pires.	<a href="http://spcidades.com.br/cidade.asp?codigo=242">http://spcidades.com.br/cidade.asp?codigo=242</a>

ANTECEDENTE: CIDADE

Cidade <b>onde que os gaúchos do projeto mais sofreram com o calor</b> foi na Capital Cuiabá/MT, com termômetros alcançando 47°	<a href="http://www.alunoscampeoes.com/">http://www.alunoscampeoes.com/</a>
Selecione a cidade <b>onde que você deseja trabalhar</b>	<a href="http://www.damyller.com.br/trabalhe-conosco">http://www.damyller.com.br/trabalhe-conosco</a>

Inclusive, ela fez o bolo de um ano de idade do Dunga (técnico da Seleção Brasileira de Futebol), que é lá de Ijuí, cidade <b>onde que nasci</b> , no Rio Grande do Sul.	<a href="http://www.98fmcuritiba.com.br/cantor-da-dupla-thaeme-e-thiago-ensina-a-fazer-churrasco-de-panela/">http://www.98fmcuritiba.com.br/cantor-da-dupla-thaeme-e-thiago-ensina-a-fazer-churrasco-de-panela/</a>
Quando fiz 18 anos, vivia em NYC, cidade <b>onde que há metro para todo o lado</b> , além disso, o estacionamento é caríssimo!	<a href="http://www.universodaanasofia.pt/2014/09/anita-condutora-1/">http://www.universodaanasofia.pt/2014/09/anita-condutora-1/</a>
Mas Solano nunca se apresentou na cidade <b>onde que nasceu</b> .	<a href="http://holofotevirtual.blogspot.com.br/2014/02/olha-ai-abaetetubamestre-solano-esta.html">http://holofotevirtual.blogspot.com.br/2014/02/olha-ai-abaetetubamestre-solano-esta.html</a>
o Artificie Américo Neves junto com seus filhos 4 Geração Anddre e Diego ainda hoje produzem moveis em SP cidade <b>onde que cresceu o Ateliê de Moveis Feitos a mão</b>	<a href="http://casaclaudia.abril.com.br/profiles/blogs/moveis-de-luxo">http://casaclaudia.abril.com.br/profiles/blogs/moveis-de-luxo</a>
Um detalhe chama a atenção do surgimento da GR: Elisabeth foi buscar em Santos o esporte, curiosamente a cidade <b>onde que ela nasceu</b> .	<a href="http://www.planetasercomtel.com.br/esportes/125221/paixao-pela-ginastica-a-primeira-vista.html">http://www.planetasercomtel.com.br/esportes/125221/paixao-pela-ginastica-a-primeira-vista.html</a>
São pessoas que migram de cidade <b>aonde que nasceram</b> para outras cidades	<a href="http://brainly.com.br/tarefa/6003998">http://brainly.com.br/tarefa/6003998</a>
Eu amo a minha cidade <b>onde que eu naci</b> e me crie	<a href="https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=157561017955883&amp;id=100011059571986&amp;substory_index=0">https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=157561017955883&amp;id=100011059571986&amp;substory_index=0</a>

ANTECEDENTE: COLÉGIO

Ao chegar ao bairro conhece Felipe filho do dono e da diretora do colégio, <b>onde que tudo começa</b> ,	<a href="http://www.seriesdeweb.com/sw/webs/webs-encerradas/garota-estranha/">http://www.seriesdeweb.com/sw/webs/webs-encerradas/garota-estranha/</a>
Theresa — Tessa — Young é uma adolescente de dezenove anos e aluna exemplar do colégio <b>onde que estudava</b> , suas notas fora as melhores do terceiro ano do ensino médio.	<a href="https://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-gigi-hadid-befour-5379823">https://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-gigi-hadid-befour-5379823</a>
eu mermo jah fui capa da revista que agente fizemos lah no colégio <b>onde que eu estudava</b> .	<a href="http://perainda.blogspot.com.br/2011/05/amazonense-pode-virar-capada-revista.html">http://perainda.blogspot.com.br/2011/05/amazonense-pode-virar-capada-revista.html</a>
fiquei deprimida quando no colégio <b>onde que eu estudo</b> alguns me chamaram de juju(referindo-se a juju do programa zorra total)só porque causa do cabelo	<a href="https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100215154902AA97lhS">https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100215154902AA97lhS</a>

ANTECEDENTE: ESCOLA

Foi a unica escola <b>onde que eu não consegui aprender a falar em ingles e nem espanhol</b>	<a href="https://www.facebook.com/raul.seixas.9678/posts/734549223302912:0">https://www.facebook.com/raul.seixas.9678/posts/734549223302912:0</a>
--	---

Criada em 2008, a escola onde que Cássia dá aulas atende alunos até o 6º ano do ensino fundamental.	<a href="http://noticias.terra.com.br/educacao/dez-anos-apos-lei-escola-bilingue-vira-alternativa-para-incluir-surdos,f4f942ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html">http://noticias.terra.com.br/educacao/dez-anos-apos-lei-escola-bilingue-vira-alternativa-para-incluir-surdos,f4f942ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html</a>
Agressões físicas, agressões verbais... isso na escola <b>onde que eu trabalho</b> é comum	<a href="http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnGPR/engpr_2011/2011_ENGPR274.pdf">http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnGPR/engpr_2011/2011_ENGPR274.pdf</a>
O segundo professor, Álvaro, trabalhava em uma escola localizada no mesmo terreno da escola <b>onde que Júlia e eu trabalhávamos</b> .	<a href="http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8SKQ3V/dissertacao_alida_a_alves_leal.pdf?sequence=1">http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8SKQ3V/dissertacao_alida_a_alves_leal.pdf?sequence=1</a>
Dona Auzinda que felicidade saber que a senhora está bem e fazendo sucesso. bjs Olinda da Campestrine, escola <b>onde que a senhora lecionava com tanto carinho pelos alunos</b>	<a href="http://www.portoferreirahoje.com.br/noticia/2011/02/22/vovo-do-rock-ganha-concurso-do-my-chemical-romance/">http://www.portoferreirahoje.com.br/noticia/2011/02/22/vovo-do-rock-ganha-concurso-do-my-chemical-romance/</a>
Quando se faz necessário acompanho o paciente em atendimentos para o processo corretor, vem de encontro com as dificuldades diagnósticas e sanando as mesmas e orientando de perto a escola <b>onde que o qual estuda até o momento</b> alta.	<a href="http://psicopedagogiacristianesbrow.blogspot.com.br/">http://psicopedagogiacristianesbrow.blogspot.com.br/</a>
Com o tempo fui me enturmando mais foi muito difícil pra me enturmar, mais aí na escola <b>aonde que estudava</b> tinha um projeto que se chamava PRÉ VESTIBULAR	<a href="http://www.tudopassablog.com/2013/03/por-uma-bala-pude-conhecer-uma-bela.html">http://www.tudopassablog.com/2013/03/por-uma-bala-pude-conhecer-uma-bela.html</a>
Na escola <b>aonde que eu estudo</b> também é assim taís	<a href="https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20130213131411AAiNYNg">https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20130213131411AAiNYNg</a>

ANTECEDENTE: HOSPITAL

voce sabe onde foi o hospital <b>onde que vc nasceu</b>	<a href="https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=908581129186518&amp;id=766094800101819">https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=908581129186518&amp;id=766094800101819</a>
Se algum desses efeitos for persistente e não estiver sendo controlado, o ideal é procurar o pronto socorro do Hospital <b>onde que o tratamento está sendo feito</b>	<a href="http://www.espacodevida.org.br/noticias/saiba-quais-sao-os-efeitos-colaterais-da-quimioterapia-1453/#.Vvi_8OIrLIU">http://www.espacodevida.org.br/noticias/saiba-quais-sao-os-efeitos-colaterais-da-quimioterapia-1453/#.Vvi_8OIrLIU</a>
Os encontros ocorreram em auditório disponibilizado pela instituição com garantia de conforto e privacidade para o grupo sendo conduzidos pelo Diretor Geral e Assessora Técnica do hospital <b>onde que foi realizado o estudo</b>	<a href="http://marcelotheophilo.xpg.uol.com.br/planejamento-estrategico-de-um-hospital-psiquiatrico-publico.html">http://marcelotheophilo.xpg.uol.com.br/planejamento-estrategico-de-um-hospital-psiquiatrico-publico.html</a>

ANTECEDENTE: HOTEL

A um dia de desembarcar no Brasil, Tom Cruise posou sorridente com os fãs argentinos ao deixar o hotel <b>onde que estava hospedado em Buenos Aires</b>	<a href="http://www.purepeople.com.br/noticia/tom-cruise-chega-a-argentina-antes-de-temporada-no-brasil_a3644/1">http://www.purepeople.com.br/noticia/tom-cruise-chega-a-argentina-antes-de-temporada-no-brasil_a3644/1</a>
Ela foi ouvida na 28ª DT (Nordeste de Amaralina) e acompanhada por uma equipe de investigadores até o hotel <b>onde que está hospedada</b>	<a href="http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/materias/1451781-jovem-e-presos-apos-roubar-coreana-em-amaralina">http://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/materias/1451781-jovem-e-presos-apos-roubar-coreana-em-amaralina</a>

ANTECEDENTE: LOJA

Onde já se viu loja <b>onde que não se pode comprar, só ver?</b>	<a href="http://www.osimbr.net/sistemas/forum/lofiversion/index.php?t74386.html">http://www.osimbr.net/sistemas/forum/lofiversion/index.php?t74386.html</a>
A loja <b>onde que você compra</b> nunca me deu aborrecimentos. Então eu diria que é bem possível que resolvam administrativamente.	<a href="http://bjc.uol.com.br/forum/novas-aquisicoes/lista-de-espera-o-que-estao-esperando-chegar-t957-425.html">http://bjc.uol.com.br/forum/novas-aquisicoes/lista-de-espera-o-que-estao-esperando-chegar-t957-425.html</a>
Se estiver na garantia vá na loja <b>onde que vc comprou</b> e pegue o outro	<a href="https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20130527224300AA9Qfoy">https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20130527224300AA9Qfoy</a>
já mandei email pra loja <b>aonde que comprei</b> , só que não responderam, eles antes ficar no msn agr nn tão entrando mais	<a href="https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20111001140203AAPkkZk">https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20111001140203AAPkkZk</a>
é melhor vc comprar outro, ou trocar na loja <b>aonde que vc comprou seu fone</b>	<a href="https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20120404051711AAZjhky">https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20120404051711AAZjhky</a>

ANTECEDENTE: LUGAR

Vá em um lugar na sua casa <b>onde que o centro das atenções seja você</b>	<a href="http://soolovenomeumundo.blogspot.com.br/">http://soolovenomeumundo.blogspot.com.br/</a>
Os aldeões trouxeram o ícone para o povoado, mas o ícone novamente voltava para o lugar <b>onde que foi encontrado</b>	<a href="http://www.panaghyatsambika.com.br/">http://www.panaghyatsambika.com.br/</a>
Um bom começo, quando a construção for iniciada do zero, é respeitar o lugar <b>onde que será erguida a obra</b>	<a href="http://delas.ig.com.br/colunistas/mirnazambrana/como-deixar-a-casa-mais-sustentavel/c1597783937837.html">http://delas.ig.com.br/colunistas/mirnazambrana/como-deixar-a-casa-mais-sustentavel/c1597783937837.html</a>
No primeiro ano do rei Ciro, ele ordenou que a Casa de Deus, que há em Jerusalém fosse reedificada no lugar <b>onde que se oferecem sacrifícios</b>	<a href="http://www.joaanatalino.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id_t=2661356">http://www.joaanatalino.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id_t=2661356</a>
é o lugar <b>onde que mais encontramos informações</b> para crescermos profissionalmente	<a href="http://www.boletimdoempreendedor.com.br/boletim.aspx?codBoletim=191_Promocao_do_mes_-_Especial_Feira_do_Empreendedor_2011_-_Parana">http://www.boletimdoempreendedor.com.br/boletim.aspx?codBoletim=191_Promocao_do_mes_-_Especial_Feira_do_Empreendedor_2011_-_Parana</a>

ANTECEDENTE: PADARIA

Ela pretende ajudar a padaria <b>onde que trabalha</b>	<a href="http://7segundos.ne10.uol.com.br/maceio/noticia/educacao/09/01/2012/5011/comunidade-externa-participa-de-crusos-de-verao-da-ufal">http://7segundos.ne10.uol.com.br/maceio/noticia/educacao/09/01/2012/5011/comunidade-externa-participa-de-crusos-de-verao-da-ufal</a>
--	---

ANTECEDENTE: PRAÇA

as escolas municipais e estaduais estão participando levando seus alunos até a praça <b>onde que está acontecendo o Arraiá</b>	<a href="http://www.ervalseco.com/?pg=desc_noticia&amp;id=97">http://www.ervalseco.com/?pg=desc_noticia&amp;id=97</a>
--	---

ANTECEDENTE: PRAIA

existe um negócio la na praia <b>aonde que tem sua casa</b> la tem um ponto vermelho la é uma corrida mas é de natacão,ciclismo e carro tudu junto mas eu numca vim nenhuma corrida normal de carro na rua espero ter ajudado	<a href="https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110913042439_AAcmtjb">https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20110913042439_AAcmtjb</a>
---	---

ANTECEDENTE: RUA

Em uma vistoria pela rua <b>onde que aconteceu o acidente</b> foram encontrados outros postes tortos, com rachaduras e em péssimo estado de conservação.	<a href="http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/06/corpo-de-menina-atingida-por-poste-na-baixada-fluminense-e-enterrado.html">http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/06/corpo-de-menina-atingida-por-poste-na-baixada-fluminense-e-enterrado.html</a>
Ao que responde: "Eu estou aqui na Rua <b>onde que tem um urubu morto!</b> ".	<a href="http://blogdourubumorto.blogspot.com.br/">http://blogdourubumorto.blogspot.com.br/</a>
e o preparo da travessa <b>onde que foi concluída uma galeria</b> para receber pavimentação asfáltica.	<a href="http://saulomoreiradeputado.blogspot.com.br/2013/08/deputado-saulo-moreira-e-prefeito-de.html">http://saulomoreiradeputado.blogspot.com.br/2013/08/deputado-saulo-moreira-e-prefeito-de.html</a>

### ANEXO C – Relação das ocorrências com relativas locativas apositivas

#### ANTECEDENTE: BAIRRO

Foi cobrado a criação de uma praça de Esporte para o Bairro <b>onde que se tenha equipamentos de ginástica, campo de futebol, área para caminhada, quadra de esportes e enfim um espaço multi uso voltado para a área de esporte</b>	<a href="http://bairrorosarinha.blogspot.com.br/2013/02/ata-do-dia-19022013.html">http://bairrorosarinha.blogspot.com.br/2013/02/ata-do-dia-19022013.html</a>
O trabalho social já virou tradição no bairro, <b>onde que há mais de oito anos é realizado.</b>	<a href="http://blogleandrooliveira.blogspot.com.br/2014/10/criancas-do-jardim-capital-ganham-festa.html">http://blogleandrooliveira.blogspot.com.br/2014/10/criancas-do-jardim-capital-ganham-festa.html</a>

#### ANTECEDENTE: BAR

E olha ai quem estiver visitando a feira uma boa pedida,é na praça de alimentação a galera do Lanches Bar, <b>onde que voce come um melhor lanche</b>	<a href="http://alisonluis.blogspot.com.br/2012/07/24-fecobat.html">http://alisonluis.blogspot.com.br/2012/07/24-fecobat.html</a>
---	---

#### ANTECEDENTE: CASA

alguns participantes pediram para levar o questionário para casa <b>onde que poderiam responder com maior tranquilidade.</b>	<a href="http://bdm.unb.br/handle/10483/5502?mode=full">http://bdm.unb.br/handle/10483/5502?mode=full</a>
--	---

#### ANTECEDENTE: CASA

eu prefiro um lugar com menos movimento,que podemos conversa calmamente com uma noite romantica com um vinho do lado e na minha casa em frente da praia <b>onde que podemos desfrutar juntos essa beleza super natural.</b>	<a href="http://www.pof.com/viewprofile.aspx?profile_id=51388139">http://www.pof.com/viewprofile.aspx?profile_id=51388139</a>
---	---

#### ANTECEDENTE: CIDADE

[...] daí fumo morá na cidade <b>onde que nós dêmo uma cabeçada bem grande</b> , porque daí nós ponhêmo fora tudo o que nós tinha, daí na cidade fiquêmo sem nada.	<a href="https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/1980/1071">https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/1980/1071</a>
O descaso começou, e olhem pelas imagens que isso é em um distrito imaginem na cidade <b>onde que tem veículos que pagam anualmente a taxa de conservações de vias?</b>	<a href="http://www.todeolhobj.com.br/2015/05/absurdo-cade-secretaria-de-obras-de.html">http://www.todeolhobj.com.br/2015/05/absurdo-cade-secretaria-de-obras-de.html</a>

#### ANTECEDENTE: ESCOLA

Boa tarde,minha futura escola <b>onde que eu vou pegar meu futuro...</b>	<a href="https://www.facebook.com/efauirapuru/posts/620680328078520">https://www.facebook.com/efauirapuru/posts/620680328078520</a>
--	---

Ken Carter (Samuel L. Jackson) aceita ser o técnico de basquete de sua antiga escola, <b>onde que conseguiu recordes</b> e que fica em uma área pobre da cidade.	<a href="http://mulheresnatecnologia.org/carreira/403-tecnologia-humana-10-filmes-que-todo-profissional-nao-pode-deixar-de-assistir">http://mulheresnatecnologia.org/carreira/403-tecnologia-humana-10-filmes-que-todo-profissional-nao-pode-deixar-de-assistir</a>
Pois as crianças passam a conviver mais o seu tempo na escola, <b>onde que eles estão se relacionando com outras pessoas de diferenças raças e cor</b>	<a href="http://saraudaleiturainfantil.blogspot.com.br/2008/11/o-preconceito-entre-professor-e-aluno.html">http://saraudaleiturainfantil.blogspot.com.br/2008/11/o-preconceito-entre-professor-e-aluno.html</a>
Isso vem introduzido desde o tempo de escola, <b>onde que a professora pedia trabalhos para os alunos</b> , e esse alunos simplesmente dava Ctrl C + V em tudo que fazia e ficava por isso mesmo	<a href="http://mariliacoltri.blogspot.com.br/2012/10/a-praga-do-plagio-academico.html">http://mariliacoltri.blogspot.com.br/2012/10/a-praga-do-plagio-academico.html</a>

ANTECEDENTE: HOSPITAL

A vítima reconheceu o assaltante e foi dado voz de prisão para o mesmo ainda no hospital, <b>onde que se encontra internado em observação médica e com escolta policial</b>	<a href="http://www.correiodolago.com.br/noticias.php?id=682391">http://www.correiodolago.com.br/noticias.php?id=682391</a>
---	---

ANTECEDENTE: LOJA

O jogo conta ainda com uma loja, <b>onde que com um pouco de dinheiro virtual - ou até mesmo real -, você poderá comprar armas, equipamentos, acessórios e afins.</b>	<a href="http://rockgame.com.br/blog/2013/06/17/warface-analise-26160994">http://rockgame.com.br/blog/2013/06/17/warface-analise-26160994</a>
---	---

ANTECEDENTE: PRAÇA

e sabemos a importância daquela praça, <b>onde que são feitos os eventos</b>	<a href="http://www.camarachavantes.sp.gov.br/atas/download/10/">www.camarachavantes.sp.gov.br/atas/download/10/</a>
--	--

ANTECEDENTE: RUA

As pessoas acabam preferindo ir numa loja de rua <b>onde que nao paga estacionamento.</b>	<a href="http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=87027538">http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=87027538</a>
---	---

**ANEXO D – Relação das ocorrências com relativas locativas em outros países de Língua Portuguesa**

REGIÃO: ANGOLA

Deixem de aldrabar o nosso presidente, a casa <b>onde que ele vive e trabalha</b> , é muito pequena, e não digno continuar aí...	<a href="http://www.angonoticias.com/Artigos/item/25434/um-perimetro-de-demolicoes-a-vista">http://www.angonoticias.com/Artigos/item/25434/um-perimetro-de-demolicoes-a-vista</a>
--	---

REGIÃO: MACAU

Entre estes doentes, três (3) são profissionais de saúde que cuidaram de outros casos confirmados no hospital <b>onde que trabalhavam antes do início dos sintomas...</b>	<a href="http://www.gcs.gov.mo/showNews.php?PageLang=P&amp;DataUcn=97918">http://www.gcs.gov.mo/showNews.php?PageLang=P&amp;DataUcn=97918</a>
---	---

REGIÃO: MOÇAMBIQUE

Cortar o capim à volta da casa <b>onde que o mosquito dorme durante o dia</b> , queimar o lixo... estes lugares que os mosquitos não gostam	<a href="http://www.gcs.gov.mo/showNews.php?PageLang=P&amp;DataUcn=97918">http://www.gcs.gov.mo/showNews.php?PageLang=P&amp;DataUcn=97918</a>
---	---

REGIÃO: PORTUGAL

A Plaza de la Constitución, não é mais que um alargamento de uma rua <b>onde que se situa o palácio dos Duques de Cadaval</b> .	<a href="http://entretrojodiana.blogs.sapo.pt/8867.html">http://entretrojodiana.blogs.sapo.pt/8867.html</a>
Numa escola <b>onde que pela primeira vez funcionou EMRC no primeiro ciclo</b> é particularmente importante dar a conhecer a toda a comunidade escolar os conteúdos desenvolvidos nestas aulas.	<a href="http://emrc.diocaveiro.net/Recursos/Jornal/Abril2006.htm">http://emrc.diocaveiro.net/Recursos/Jornal/Abril2006.htm</a>
Entrei num hospital <b>onde que ninguém falava português</b> e ninguém para além de mim poderia naquele dia traduzir à mãe e à avó o teu estado	<a href="http://naohalonge.blogs.sapo.pt/2014/02/">http://naohalonge.blogs.sapo.pt/2014/02/</a>
Leciona literatura e psicologia em Gómel, cidade <b>onde que viveu com a família</b>	<a href="http://www.centropsicoterapeutico.com/apresentacao-associacao-portuguesa-relacional-historica/vigotsky/">http://www.centropsicoterapeutico.com/apresentacao-associacao-portuguesa-relacional-historica/vigotsky/</a>
A revolta, também já se disse, levou, quase no imediato à demissão do governo em Tuzla, a cidade <b>onde que tudo começou</b>	<a href="http://ladroesdegado.tumblr.com/page/5">http://ladroesdegado.tumblr.com/page/5</a>